# ATLÂNTICO

## REVISTA LUSO-BRASILEIRA



## SUMÁRIO

# ATLÂNTICO

REVISTA LUSO-BRASILEIRA

DIRECTORES:

*ANTÓNIO FERRO*
*OSCAR FONTENELLE*

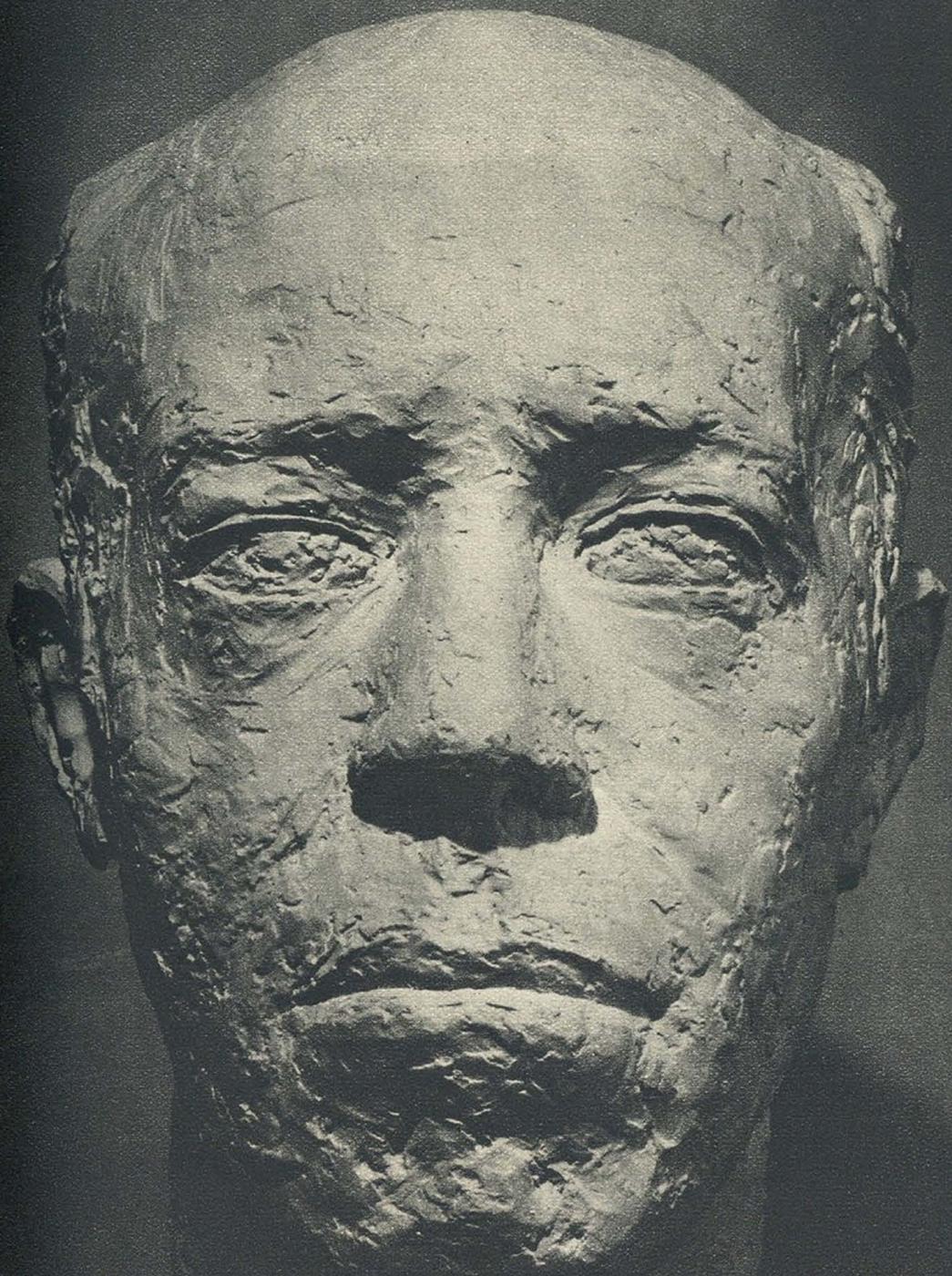
SECRETÁRIO DA REDACÇÃO:

*JOSÉ OSÓRIO DE OLIVEIRA*

DIRECÇÃO ARTÍSTICA DE:

*MANUEL LAPA*

*EDIÇÃO DO S.N.I. E D.N.I.*
*LISBOA — RIO DE JANEIRO*

NOVA SÉRIE NÚMERO 2

BRUNO GIORGI — «*Mário de Andrade*»

# CARTAS DE MÁRIO DE ANDRADE

*DESDE o primeiro contacto com a terra e a gente brasileiras, no meu último encontro com o Brasil; desde o Natal até Porto Alegre, passando pelo Recife, pelo Rio, por São Paulo, por Minas, ante cada coisa que me impressionava, dizia: «Hei-de conversar sobre isto com o Mário». O Mário era Mário de Andrade, que tinha morrido mas continuava presente no meu espírito porque fora o mais íntimo confidente das minhas reacções em face do Brasil. Não só em face do Brasil, aliás, mas do nosso tempo.*

*Pelo que diz respeito ao Brasil, essa circunstância justifica-se pelo facto de Mário de Andrade ter personificado como ninguém tudo quanto o Brasileiro tem de específico. Pelo que diz respeito ao nosso tempo, tal circunstância igualmente se justifica, pois Mário de Andrade foi dos mais vivos e actuantes espectadores do Mundo — um espectador que tudo compreendia, mas que não era capaz de ficar gozando, passivamente, essa volúpia intelectual; que se levantava da cadeira, em meio do espectáculo, para afirmar a sua atitude estética ou social, a sua posição de artista ou de homem. Talvez com ninguém mais eu tenha, por isso, usado, na correspondência, de tanta sinceridade. Não me lembro do que lhe escrevia, mas posso, pelas suas respostas, imaginá-lo fàcilmente.*

*Essa conversa, veio a guerra interrompê-la, e ao voltar ao Brasil, onze anos e meio depois de, no convívio pessoal, se ter estreitado a nossa amizade, eu sabia não o encontrar mais lá. Mas era nele que eu pensava sempre, porque era a ele que eu mais desejaria poder comunicar os meus deslumbramentos e as minhas desilusões. Era a ele que eu queria poder dizer, por exemplo: Como São Paulo mudou, agora que a casa da Rua Lopes Chaves não se abre mais para acolher, como amigo, o visitante!*

*Pensei, então, em escrever uma* Carta para Mário de Andrade. *Lembrei-me, porém, que o Mário detestava as cartas que não dissessem tudo, longamente, e para essas expansões falta-me, hoje, o estímulo de saber que, em resposta, teria uma carta igual. Igual, não: no mesmo tom, porque as suas cartas não podiam deixar de ser incomparàvelmente mais ricas. Não são muitas as cartas que dele recebi, mas, com excepção de uma ou outra, são extensas exposições de ideias ou de factos, quando não abundantes confissões.*

*Dentre essas cartas escolhi duas; estou certo de que bastarão*

*para dar uma ideia da espantosa personalidade de Mário de Andrade a quem só o tenha conhecido pelas obras, como escritor. Documentos desses são tão raros entre nós (quero dizer: no Brasil e em Portugal), que a inconfidência se justifica. Um homem — o que é bastante mais do que um escritor — sai vivo dessas páginas. Para sempre, vivo!*

*J. O. de O.*

S. Paulo, 1-VIII-34

Osório de Oliveira.

Vejo que fazem justo dois meses que você me escreveu. Recebi a carta faz muito, mas já o meu artigo sobre você estava de viagem para Portugal, e por si ele era quase uma resposta à parte mais essencial da sua carta, a que falava nessa divisão sentimental de você entre duas terras. Acredite que esta coincidência de verificação me orgulhou extraordinàriamente, porquê chega a ser espantoso como pude compreender bem o seu caso e dá-lo quase com as mesmas palavras da sua carta. Ninguém deixará de ser vaidoso, e verificar que acertei tamanhamente me dá um gozo de perfeita volúpia intelectual.

Esperei pois que recebesse aí minha crónica e parti para 18 dias de Rio. Eu não me sinto turista no Rio, como você diz se sentir. Há no meu ser uma feminilidade essencial que me dá um poder extraordinário de adaptação. Será mesmo feminilidade, passividade, ou antes volúpia incessante, quase monstruosa?... Manuel Bandeira uma feita, diante da minha maneira de ser que analisava, se viu atrapalhado pra caracterizar essa parte de mim, e acabou dizendo que diante da multifariedade dos meus gozos, eu não tinha um amor mais distinto por isto ou por aquilo, mas tinha «amor do todo» como foi a expressão dele. Me descobri violentamente nessa frase do Manuel e reconheço que ela foi um dos agentes mais eficazes na criação da minha felicidade. Não sei si tenho o direito de lhe confessar que sou um indivíduo extraordinàriamente feliz. A minha ingenuidade chega a esse ponto, meu caro. Não vou lhe dizer tudo quanto fez eu me tornar assim prodigiosamente feliz, porquê isso me desviava do assunto em que vou. Mas esse amor do todo, que é verdadeiro, que é incontestável, deve ser mais do que pròpriamente feminilidade, o que me dá meu poder de adaptação. Antes que adaptação, se trata em verdade daquele mimetismo sublime com que a gente, em busca de mais um amigo, em busca de mais um amor, só guarda aparentemente de si mesmo aquilo em que a gente coincide com o que ama, e desenvolve essa parte, e a materializa em procedimentos variadíssimos. «Você não parece paulista» é a frase que me tem perseguido em todas as partes do Brasil. Não senhor! sou paulistíssimo até, e é incontestável que depois de certas representações, de certas incarnações teatrais de indivíduos de outras geografias que dou nas minhas viagens, eu me sinto meio fatigado, e volto pra minha casa com a mesma volúpia com que parti. Parti... pròs meus espectáculos! Mas seria infame, eu sinto, infame me acusar de qualquer insinceridade. É volúpia, é amor, é este inatraiçoável prazer de ser com mais alguém, ou mesmo com mais alguma coisa, que me faz cabeça-chata no Nordeste, caipira na barranca do Mogi, e tão miraculosamente tupi no Amazo-

nas. Osório, eu queria lhe contar como, ausente de vida humana, na minha viagem pela Amazónia, eu fiz amizade com o rio, com a paisagem, com o calor e com os tapuios da terceira classe, isto é, com tudo o que não era pròpriamente humanidade. A «humanidade» que viajava connosco era perfeitamente insignificante, civis despaisados, semi-cultos dotados da única coisa que odeio inenarràvelmente e não posso perdoar, burrice. Só escapavam disso dona Olívia e as duas moças que iam comigo. Mas estas me punham em pé-de-viagem, me punham viajante de terras ignoradas e chefe macho dum grupo de paulistas em turismo sentimental, me despaisavam terrìvelmente. Fiquei amigo e amante de coisas. Era um verdadeiro amplexo sexual o que eu ficava, sòzinho, no deque mais alto todas as madrugadas, gozando a madrugada nascer. Era uma verdadeira sensação de rendez-vous, o carinho meticuloso com que eu esperava todas as noitinhas o urro dos guaribas no mato. E aquelas conversas de terceira classe com seres duma rudimentaridade espantosa, seres por isso mesmo perfeitamente gratuitos, naquele cheiro veemente, contagioso, de lenha humedecida, bois e corpos semi-nus, você não imagina, Osório, eu era aquilo, meio vegetal, meio água parada, não sei. Descobri o valor da preguiça, descobri principalmente o valor da gratuidade psicológica. Nesta terra de críticos de [...] ninguém até agora percebeu o que no entanto me parece mais original, mais contribuição minha dos meus personagens, a gratuidade psicológica, moral, o «sem nenhum carácter», que mais essencialmente que no próprio Macunaíma herói, está em Nízia Figueira, no Elis, em todas as figuras quase do «Belazarte». De resto isso era já anteriormente uma tendência minha, que se poderá descobrir no próprio Carlos do «Amar, Verbo Intransitivo»... Mas, percebido na viagem, hoje é uma verdadeira obcessão minha. A Amazónia marcou indelèvelmente, não apenas minha obra, o que é de pouca importância, mas o meu ser. E, sem querer, sem pôr reparo, redescobri lá a vida dos índios. Só depois, rememorando o meu dormir a qualquer hora, os meus discursos interiores na hora da noite, qualquer, em que eu me erguia, me vestia e andava pelo navio, o meu comer a qualquer hora, jantando às vezes nada porquê um quarto de hora antes, sem razão, sem critério, mas conciente da hora, eu comera uma quantidade enorme de castanhas, ou alguma chapa de chocolate: tudo isso fora sem querer, sem lembrança erudita, adaptação ao meio, não do navio que não me interessava, mas ao meio ambiente amazónico, antes selvagem. E eu recriara, sem notar que estava fazendo isso, apenas usos e costumes tradicionais da nossa indiada. Não é mesmo um caso curioso?

Bem, fui prò Rio e virei carioca. Poucas vezes tenho gozado tanto o Rio como desta vez. Mas também saí de lá num estado curioso de satisfação. O Brasil está progredindo muito, rapidìssimamente este tempo. Mas não se trata de progresso material, se trata de progresso psicológico. As coisas que vi ouvi vivi, são dessas de deixar qualquer indivíduo menos internacionalizado e voluptuoso que eu *à jamais* separatista. Eu não sou, não posso ser. Não, isso, não *sinto* o separatismo. Pouco me estou amolando com imperialismo sul-americano, pátria enorme futura, riqueza económica futura ou unidade passada. A verdade é que não sinto em mim o separatismo. E as argumentações de qualquer ordem, económicas, filosóficas, etnológicas, não me convencem de nada, porquê todas elas me tornam cada vez mais universal. Por isso gozei o Rio como nunca, e gozei voltar pra São Paulo também como nunca. Ah, meu caro

amigo, em que mundos opostos de psicologia estamos nós, você subdividido entre duas entidades patrícias e eu unido por essa mesma diversidade!... Si pudesse lhe mandava nesta carta um bocado do meu, não é optimismo não, sou orgulhosamente pessimista. Mas pessimista do mundo, que vai de mal a pior, muito embora vá de mal a pior desde as portas do Paraíso Terrestre pra cá. Não lhe quero mandar optimismo, mas talvez um bocado desta minha glória de ser, aquilo em que o indivíduo sem ignomínia nem ignorância dos males da humanidade colectiva, é um ser sòzinho, com que a humanidade nada tem que ver, e nem poderá adiantar nada à humanidade. É nesta parte do homem, naquilo em que ele é indivíduo, que eu tiro esta minha curiosa glória de ser em que «a própria dor é uma felicidade». Desculpe eu estar me citando. Sou discreto e não faço isso em companhia de mais de dois. Mas nós aqui estamos num recanto de lar, somos em dois. Ou somos mesmo em um por esta deliciosa força de amizade em que nos compreendemos e estimamos bem. E na amizade eu me desleixo. Abro a válvula das censuras e me recreio na confissão. É humanamente lindo. E individualmente é esplêndido. Ciao. Lembrança pra Raquel Bastos e abrace o sempre,

MÁRIO DE ANDRADE

S. Paulo 15-XI-37

Meu querido Osório de Oliveira

..................................................

..................................................

Sua carta admirável merece vários reparos. Pelo menos é preciso uma mise--au-point de certas coisas. Você acha possível um indivíduo distinguir em si vários seres, até às vezes com bastante nitidez de limites entre um e outro, e deixá-los cada qual ser e agir diferentemente?... Creio que você difìcilmente aceitará isso, não porque lhe falte inteligência, mas porque você é europeu, quero dizer, tem uma inteligência lógica. Meu Deus, como os europeus são pobremente, restritamente lógicos! Ao que, autorizo você a exclamar «Meu Deus como os americanos são primária, descivilizadamente contraditórios!» Olha Osório: um dia, bem moço ainda, achei que tinha direito à felicidade. Conceituei com algum estudo e a experiência bastante turbulenta que tinha do sofrimento, conceituei a felicidade. Errado ou não, adquiri um conceito firme da felicidade e procurei aplicá-lo com uma violenta força-de-vontade e conquistei essa felicidade. Felicidade é fenómeno puramente individual, de foro interior («a própria dor é uma felicidade»). Não pode haver felicidade colectiva. Felicidade colectiva tem outros nomes: bem--estar, bem-estar, bem-estar. Felicidade é pois isentar o ser individual de qualquer irracionalidade colectiva. Felicidade é, mais, realizar o seu próprio destino, em todas as tendências do ser, físicas, psicológicas. E basta. Sei bem os horrores que se pode falar desta filosofia simplista. Achar que cada um tem sua moral própria, será um horror para todos os filósofos do mundo talvez. Isentar assim o ser, da colectividade, é um individualismo desbragado, que arrepiará mesmo as próprias cobras. Sim, os reptis... Mas é que não estou fazendo filosofia, estou apenas me conquistando pra mim, porque sinto que tenho direito à felicidade. Pessoal. Pois creia, amigo, essa felicidade pessoal eu conquistei e é toda uma longa norma de viver. E si sou o que sou é porque todas as minhas tendências eu realizei e me levavam ao que sou. Si me levassem a ladrão ou mendigo: eu seria um admirável mendigo ou admirável ladrão.

Mas, você me dirá, si afinal um dia se

resolver como o Manuel Bandeira a reconhecer depois de quinze anos de recusa, minha felicidade, mas, e o mundo? e a humanidade?...

A humanidade como colectividade é a coisa mais irracional, mais besta, mais pútrida, mais frágil, mais incapaz, mais sórdida que se pode imaginar. Mais dolorosa, também? Ponhamos: mais dolorosa também. E eu sou humanidade. Compartilho dessa irracionalidade, dessa podridão, dessa incapacidade, dessa estupidez, dessa sordidez, dessa dolorosa miséria. Não tenho a menor esperança de que a humanidade milhore. Não há socialismo, não há comunismo, não há fachismo que faça a humanidade milhorar. Não consigo em meu foro interior reconhecer progresso na libertação dos escravos, no socialismo, nem em nada. Aliás lhe confesso ìntimamente que sempre desejei e desejo ter uns quatro ou cinco escravos debaixo de mim, seriam felizes... Mas sou humanidade e como tal ajo, penso, sofro *pra com a humanidade*. Aceito e pratico em mim coisas que repudio socialmente e condeno pùblicamente. Minto.

De todas as más qualidades cínicas do indivíduo só uma não tenho: não sei desprezar. Amo, amo apaixonadamente os outros seres humanos, tenho dó, sofro com eles e por eles e... e! sacrificaria sorrindo não apenas a minha própria felicidade pessoal, mas meu ser que goza tanto a vida, em proveito dum maior bem-estar humano. Será isto uma das minhas muitas contradições... Mas é que não faço também o menor esforço pra ser ìntimamente lógico. O ser lógico é duma pobreza pessoal assombrosa, a meu ver. Vocês, os Europeus. Não acredito absolutamente em superstições, e pratico todas as que conheço. Mandei mesmo buscar na África um pedaço duma famosa pedra que em se desejando convictamente qualquer coisa com essa pedra fechada na mão, a coisa se realiza. A primeira vez deu tão assombrosamente certo que fiquei com medo da pedra. Às vezes não tem dado certo, a maioria das vezes, mas de vez em quando, si me lembro, uso a pedra, me dá um conforto... Mas rio dela que você não imagina. Ah, mistério, mistério, mistério rondando, forças invisíveis, telefones ligando, amores e bons vinhos, um vento que trouxe ideias, cavalos admiráveis de beleza muito mais belos que o ser humano, pragmáticas, tradições, livros, cânticos, esperanças, dores, dores e dores, é o diabo! Palavra-de--honra que é o diabo. Sou o diabo. Sou o iluminado diabo Platariviux que actualmente ama com delírio a princesa Ilrybritlinitzy, minha sobrinhinha de oito meses, mais graciosa que recém--nascidos macaquinhos. Tenho um bruto dum orgulho de mim mesmo. E essa é a principal razão porque não tenho a menor vaidade.

Não sei, meu amadíssimo Osório, si você continuará me aceitando assim tão negro, tão moralmente podre. Salva-se apenas que esta podridão eu guardo pra mim. Guardarei mesmo? Ùltimamente principia me inquietando um problema moral curioso: tenho a impressão de que tudo quanto escrevo é muito deletério e que a minha própria convivência é deletéria. E isso me está amargando muito. Em torno de mim sobe a sombra dum suicídio de moço,

«*Vai-te embora! vai-te embora, rapaz morto!*
*Ou, vai-te embora que não te conheço mais!*
*Não volta de noite circular no meu destino*
*A luz da tua presença e o teu desejo de pensar!*
*Não volta oferecer-me a tua esperança corajosa*
*Nem me pedir para os teus sonhos a conformação da Terra!...*»

sobe a sombra dum rapaz que se suicidou e de cujo suicídio jamais me inquietou o mínimo remorso, a menor conciência de culpa. E como poderia ter culpa a respeito dum... «anormal» (como dizem os outros), com quatro ou cinco suicídios na família, que se suicidou por causa duma mulher e dos pais lhe terem cortado a mesada? Que se suicidou *porque não me encontrou* nessa noite, pois já o tirara umas quatro ou cinco vezes de dentro do suicídio. Mas hoje esta razão dele não ter me encontrado nessa noite em que me procurou desesperadamente, até meia-noite, e várias vezes, em todos os lugares onde eu poderia estar, essa razão de não ter me encontrado me parece a única razão. Sempre foi aliás a única razão, só eu sabia curá-lo. Mas agora me parece a razão... moral! É porque a junto a outros casos de rapazes, uns comunistas, outros fachistas que me buscam, outros *sempre* apenas ditatoriais (que é o espírito do tempo), e, não sei, boto tanto cuidado em confirmá-los em sua ditatorialidade (por ser a Verdade *atual* e eu renego), tanto cuidado em não discutir e muito menos destruir a verdade comunista ou fachista lá deles, minto tanto no que sou, ajo com tão cuidadosa hipocrisia, mas eles... serei eu que os vou deixando assim aos poucos tão livres, tão soltos de tudo, tão aceitadores de mim quando sou o primeiro a lhes dizer que não me aceito, me renego, sou séc. XIX, sou podre, estou errado? Decerto das minhas obras, pois que por elas me procuram, sai um miasma deletério que não desejei pôr nelas, que pretendi não pôr nelas, e é o caso medonho de eu ser pessoalmente feliz. Isso que os atrai?... por isso me procuram?... Osório, não sei, minha felicidade principia se tornando um fardo, uma pedra que está me fatigando carregar, me tolhe os movimentos... E não tenho mais coragem nem convicção pra aconselhar minha felicidade a ninguém!

Desculpe estas lastimáveis confissões de amigo. Talvez agora você compreenda mais profundamente minhas idiossincrasias. A vida tem sido amável pra mim. Aparentemente. Mas nem mesmo aparentemente a vida tem sido amável pra mim, pela simples razão que me queria sem pão, miserável, sem família, sem amigos, sem admiradores, sem inimigos nem amores, e a vida continuaria sempre amável pra mim, porque não é ela que é amável, a felicidade é que é minha, esta enorme, desilusória desligação. Ou incapacidade de ligação.

Você compreende agora porque às vezes a queixa alheia me irrita? Você compreende agora toda a violenta ânsia com que me agarro a um qualquer sentido humano e colectivo da vida, nas minhas obras e em meu rito, não hesitando em praticar o pragmatismo e a mesma demagogiá? Vem do orgulho. Vem da insatisfação. Vem da identidade de quem sente no queixume alheio, o seu próprio queixume que renegou. Vem do desprezo. E vem, meu Deus! vem também e talvez principalmente dum desapoderado amor.

Mas dentro de mim corrói tudo, íntimo, nascido comigo, imponderável, irreprimível um safado, um cínico conformismo, que é gota pingando minuto por minuto e tem mil séculos de experiência desesperançada. Mas eu renego isso que não posso atalhar, juro que renego. Não tenho a culpa de. Ao passo que tudo o que há de milhor no meu ser se revolta, não se conforma. O meu espírito, tudo o que eu sei, me leva a desprezar, me leva ao conformismo. É a paixão, é o amor quase carne, espontâneo e milhor, muito milhor que o espírito que é não-conformista em mim. Esse amor é que, sinto, me levou ao que já tenho escrito. É o que me leva

à minha força de acção nos meus domínios de acção.

Queria lhe contar ainda tudo quanto tenho feito e vivido nestes meses muito fecundos em que silenciei entre nós. Mas agora não posso mais, esta carta incrível e tão longa me esfalfou moralmente. Sinto uma vasta melancolia. São doze horas, vieram me chamar prò almoço, não tinha fome. Vou me vestir, cuidadosamente bem, pra que a roupa não demonstre como estou por dentro. Depois, não sei bem, é certo que vou sair, mas ainda não sei onde vou. Provàvelmente preferirei vaguear sòzinho, vendo gente. Pouca gente neste dia de festa sem nenhuma festa. Mas já sei que não me será possível ver ninguém.

O milhor abraço do

MÁRIO

«Desenho» — Magalhães Filho

# CONFIDÊNCIAS

Fui ao longo da infância uma criança doente.
A adolescência trouxe o atávico vigor.
Quinze anos! E era já magrinho adolescente,
A sonhar com Heróis, exotismos, e amor.

Os *Mártires, Eurico,* as viagens de Sindbad...
Alvorotavam-me a alma, a imaginação.
Possuía no sonho a Alfombra de Bagdad.
Palmeirim recitava, e com quanta emoção!

Aos oito anos talvez, um Junho, a um meio-dia,
Que as aragens da Serra enchiam de frescor,
No pomar fui deitar-me, e senti a euforia
Dos céus da Primavera e da terra em labor.

Junto a tabuado em rima, a resina cheiroso,
Era o talhão da fava e de ervilhas em flor.
Abelhas a zumbir punham-no melodioso,
Dir-se-ia feminino o seu esparso olor...

Adormeci talvez... talvez sonho acordado?...
Pulsou-me com mais força o infantil coração.
De golpe, eis que senti o corpo arrebatado,
Duas mãos de gigante a soerguê-lo do chão!...

Força oculta na terra, ou descida do céu?
Foi um instante só de rapto, arroubamento...
Dir-se-ia que do chão é que a aura me ergueu.
Tudo porém passou na sombra do momento!...

Sempre depois senti que bem mais do que via
Neste mundo haveria e bem mais surpreendente.
Tudo quis entender! Mas tão só a poesia
Me enchia o coração sensitivo e fremente.

Lisboa, Fevereiro 22, 1942

(Do livro inédito: «CRISTAIS DA NEVE»).

ALBERTO OSÓRIO DE CASTRO †

# GERALDA

NÃO saberei falar de ti, Geralda, em termos que não sejam os que Branco usou um dia quando ainda caminhávamos juntos e a sombra cristã não tinha descido sobre mim quase como uma maldição. Nessa época, muito pouca coisa nos separava e, lado a lado penando, sangrávamos de morte os nossos destinos de predestinados.

Mas, para que te falar nisso tudo, se só a visão de Branco interessa e se ele continua a te ver com os mesmos olhos apaixonados de anos atrás? Que importa o que acaso eu te possa dizer, se só vais ter ouvidos para outra fala, para a linguagem encantada do que ainda não esqueceu e tem ainda presentes na memória o teu sorriso e o teu olhar, o teu corpo e os teus gestos, a tua dança e a tua fuga, a tua eclosão e o teu desaparecimento?

Geralda, certamente esqueceste essa noite. Certamente esqueceste o momento em que, em plena festa de Marta Lemos às meninas de Lili Scorta, o olhar de Branco envolveu e devorou o teu olhar. Foi nesse instante que o teu corpo acordou e só então nasceste para a vida. E foi ele, Geralda — ele, Branco, que nem mesmo falou contigo e só conseguiu sorrir depois, quando o teu olhar de menina tímida já havia fugido e estava parado adiante na alegria das tuas companheiras — foi ele o primeiro que te viu mulher, ele o único que presenciou o instante decisivo da tua vida.

Não sabes, provàvelmente, quem Branco é, nem ninguém te falou dele. E talvez pertenças, agora, a alguém, nunca mais o teu olhar tendo tornado a fixar o dele... Pouco importa. Pouco importa, Geralda, porque, nessa noite, nesses momentos de celebração e sonho, o que acordou em Branco nunca mais adormeceu.

Por certo, ele não reviu o teu vulto. Jamais soube o teu verdadeiro nome e passou, talvez, meses e meses sem pensar em ti. Não importa, Geralda, nada foi maior na vida de Branco do que aquele instante em que o teu olhar se perdeu no dele e ele sentiu que eras mulher e ele era homem, em que o olhar do adolescente consumiu o primeiro minuto de vida do teu corpo que acabava de nascer.

Geralda! Geralda!... Mas, para que repetir aqui o teu nome? Os outros homens jamais compreenderão quanto o seu ressoar significa, para

Branco, alegria e carne. Só ele sabe dizê-lo, porque só ele sabe evocar a cor bronzeada, amarelada, que tinha a tua carne no instante em que nasceste. Só ele sabe dizê-lo como o sente, a boca húmida e ainda repleta de desejo, o olhar das promessas da posse próxima...

Como já vai tudo longe! Só o teu nome ficou. Só o teu nome, Geralda, e a imagem de mocidade que havia na vida do teu corpo, na sonoridade clara do teu riso, na tua gargalhada — nessa tua gargalhada tão distante de tudo, agora...

Ao certo, quantos anos tinhas, Geralda? Muito poucos ainda — Branco o percebeu logo. Não conseguiu, no entanto, fixar idade alguma. Assim apareceste no meio daquelas meninas que tão mediocremente dançavam naquela medíocre festa de caridade, viu-te menina demais. Com medo de si próprio, recuou. Fugiu com o olhar — rápido, apreensivo. (Adiante? Alguma vez adiante, Geralda?...) Logo o olhar voltou, escravo humano. Teu corpo ficara gravado na retina cúmplice e ele tornou a te ver mais de mil vezes em menos de mil instantes.

A festa continuou e os olhares de vocês dois enfim se encontraram. Foi quando o teu olhar se abandonou dentro do dele e o teu corpo acordou. Branco pôde olhá-lo depois, pôde olhá-lo sem medo...

Foi só uma noite, foram só alguns momentos, foi pouco, muito pouco — mas, ninguém no mundo olhou tanto o teu corpo quanto Branco. Sonhou fugir carregando-o nos braços, sonhou esmagar teus olhos meigos com lábios carnudos que te queriam, sonhou ficar na boca com o gosto louco da tua pele bronzeada. Porque ele olhou teu corpo, Geralda, olhou-o como um desesperado que quer guardar para sempre o que viu, o que talvez tenha pressentido que jamais tornará a ver.

Que estranho mistério, Geralda, que estranho mistério era aquele da tua pele lisa, lustrosa, do teu corpo macio, quente, acordado? Branco não o tocou — bem o sabes — mas, porque o sentiu tão vivo, tão doce, tão convidativo? O olhar do adolescente fixou outras peles, cabelos castanhos ainda mais finos e lindos do que os teus seios mais arfantes e perfeitos, viu corpos mais enlouquecedores do que o teu. Não o provou — bem o sabes — mas, porque nunca mais pôde adivinhar em corpo algum o encanto do teu corpo, o mistério dos teus seios que pareciam querer arrebentar a seda amarelo-alaranjado do teu vestido, a sugestão da tua pele rica e quente como a polpa da manga madura?

Que tinhas, Geralda? E porque o teu corpo feliz gritava tanto? Talvez o inexplicável encanto da primeira mocidade que florecera de repente? Talvez a força da nova seiva do corpo que acabava de nascer para a vida pela magia de um olhar de adolescente?...

Ai de ti, ai de mim, ai de nós, Geralda, porque não notaste o entusiasmo de Branco te acompanhando a noite inteira?

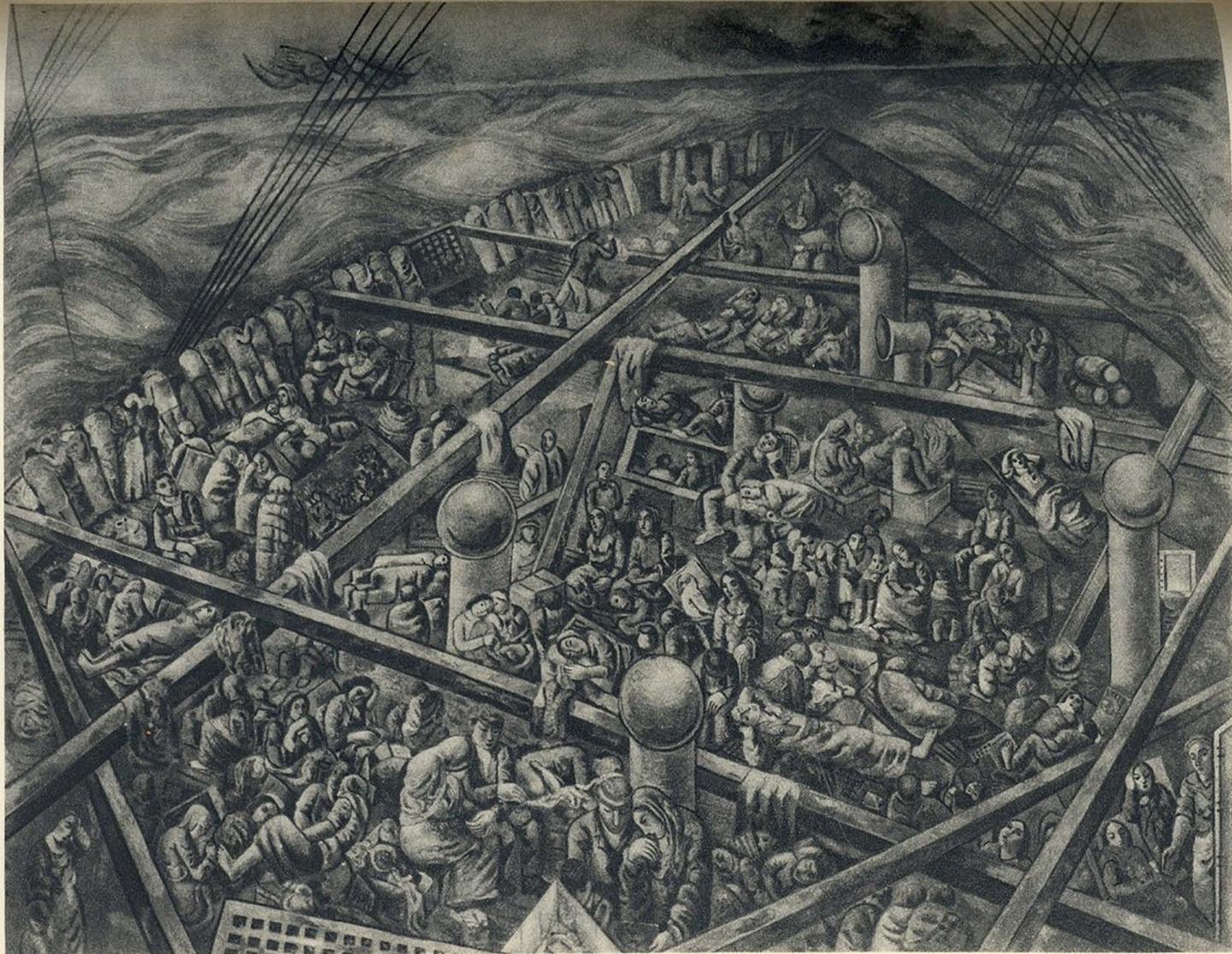
Tolice: nem percebeste o que à volta de ti estava se passando. Toda entregue à alegria, toda risos e gracejos, toda cochichos com as tuas companheiras, bebeste aquela taça de champanhe — certamente a primeira em que pousaram os teus lábios de ajuizada menina de família — e logo perdeste os olhos nos olhos de Branco. Sorriste. Tuas faces se ruborizaram. Fugiste com o olhar. Que se passou, Geralda?

Não o pudeste perceber bem. Como, aliás, ninguém à tua volta — ninguém a não ser Branco. Porque só ele notou que o teu corpo era um corpo novo, um corpo cheio de vida, e a tua risada uma risada nova, uma risada cheia de secretos conhecimentos e estranhos sub-entendidos. Só ele compreendeu que as formas do teu corpo já agora estavam vivendo numa prisão e precisavam fugir daquela seda tão apertada que não podia mais escondê-las e, contê-las, já não o sabia. Só ele adivinhou que tinhas começado a viver.

Depois, Branco teve de partir e ficaste. Ficaste, rindo, rindo muito, rindo sempre — e Branco ainda te fixou uma última vez como se fosses um grande riso que aceitasse a vida e o convidasse a viver.

Desde então, Geralda, teu nome reuniu para ele tudo o que havia de vida em ti e no mundo. Repetiu-o muito, repetiu-o em grandes dias de angústia e desespero, repetiu-o contra o mar que batia implacàvelmente sem querer ouvi-lo, repetiu-o contra os céus que eram como que muralhas a separá-lo de ti, repetiu-o sempre em momentos de maior fraqueza e tentação mais aguda. Repetiu-o assim todas as vezes em que foi preciso aceitar a vida para não ter de morrer, para poder conservar o direito de continuar vivo... E é por isso que sei que os homens jamais compreenderão o que teu nome representa para Branco, o que há de alegria e de vida nesse teu nome, Geralda, Geralda tão querida!...

Durante meses e meses estiveste morta em Branco. Chegou a esquecer o teu vulto e a sedução do teu corpo. E quase chegaste a sair da vida dele, Geralda! Que importa, porém, esse esquecimento passageiro, se hoje voltaste? Que importa até mesmo a tua ausência total, se, depois do sonho em que Branco te viu nascer, ele já era outro? Que importa, se acordou nele então um mundo, um verdadeiro mundo?

OCTÁVIO DE FARIA

LASAR SEGALL — «*Navio de Emigrantes*»

# POESIA DE OURO PRETO

Ó cidade de Ouro Preto
boa da gente morar!
Numa casa com mirantes
entre malvas e gerânios
ter os olhos de Marília
para cismar e cismar!

Numa casa com mirantes
pintada de azul anil
sobre a rua de escadinhas
que é um leque em poeira, de sândalo,
passar na janela o dia
vendo a vida que não anda.

E de noite vendo a lua
como uma camélia, opaca,
flor sem perfume, de jaspe,
abrir o baú de folha
que é lembrança de família,
baú onde criam mofo
cartas velhas e retrato
de algum namorado ingrato.

Numa casa com mirantes
lá da alcova, atento o ouvido,
escutando as serenatas

de clarineta e violão,
evocar tempos perdidos
quando a Ponte dos Suspiros
— hoje povoada de sapos —
era a ponte dos encontros
dos noivos que não casaram.

Ou então ouvir, desoras,
(risca fogo, bate cascos
nas calçadas, a galope,
sem destino, sem descanso)
aquele cavalo bravo
que deu martírio e deu morte
crua a Filipe dos Santos.

Depois, de manhã bem cedo,
ir à igreja das Mercês,
das Mercês e dos Perdões,
ficar ajoelhada no adro
na contemplação feliz
das volutas e dos frisos
e, embora sem ter rezado,
voltar para casa leve
— coração de passarinho
navegando com delícia
os rios de ar da montanha.

Com o lusco-fusco e o sereno
pôr agasalho de lã,
voltar o mesmo caminho

para assistir à novena.
Ver de novo hoje como ontem
a escura Casa dos Contos
onde mora a alma penada
de Cláudio Manuel, coitado!

Pisar com carinho as ruas
que o Aleijadinho pisou
marcando-as com a sua força
como se essas ruas fossem
lotes de pedra sabão.

E, quando houver procissão,
chegar perto de São Jorge
para ver a carantonha
do alferes que se presume.
E, enquanto das casas nobres
vem almíscar de alfazema
por entre colchas de seda
e franjas pelas sacadas,
seguir de cabeça baixa,
na mão uma vela acesa.

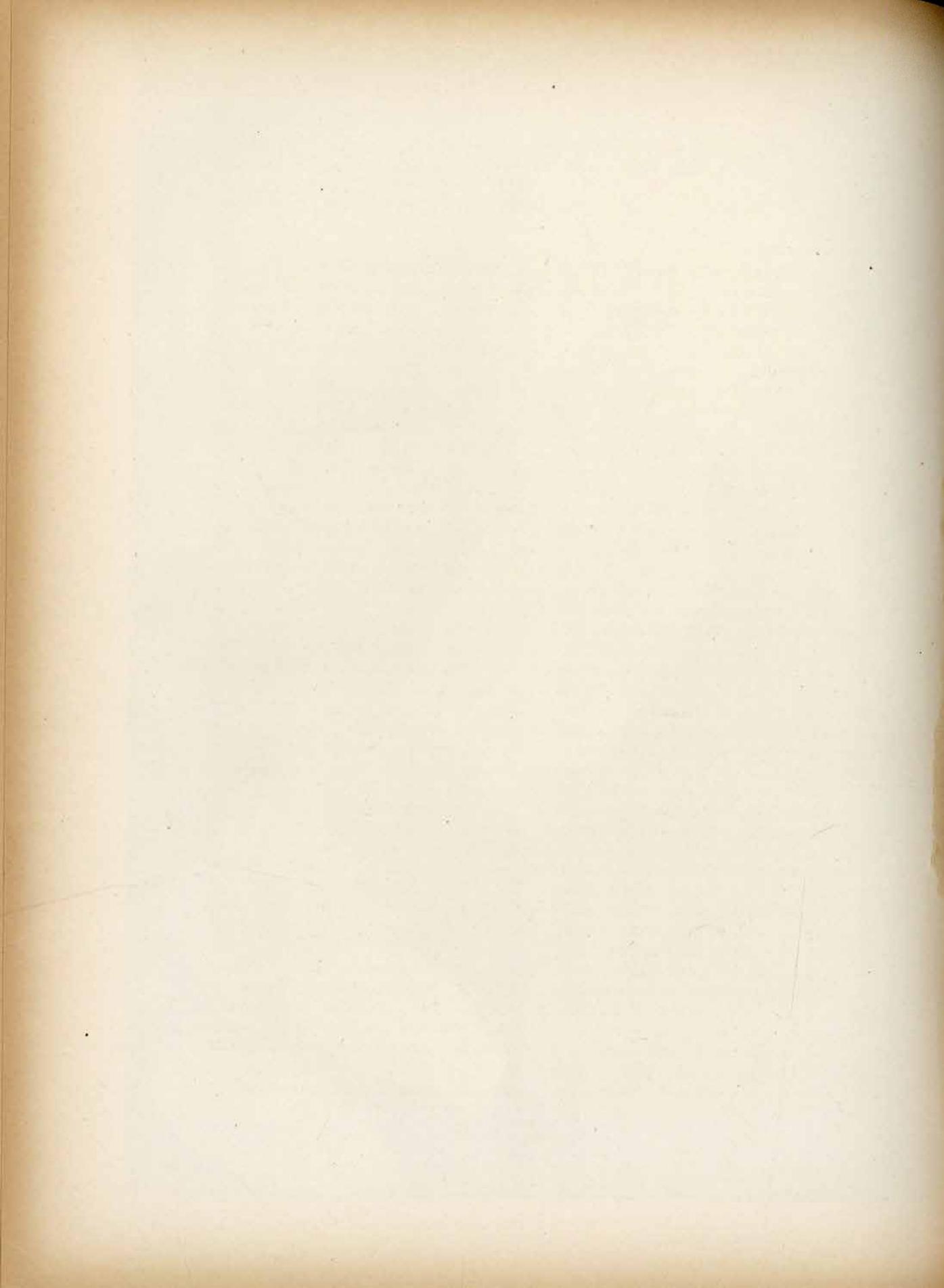
Ó poesia de Ouro Preto
— cofre forte com segredo!
Poder olhar de soslaio,
meio escondida no mato
com verdes nódoas de musgo,
a casa em que se reuniam
em volta da mesa grande

os homens da capa preta.
(Numa parede — há quem diga —
existe uma cruz de sangue
com que jurou Tiradentes,
uma cruz que se ilumina
no dia vinte e um de Abril).

Ó poesia de Ouro Preto!
Em cada beco ver sombras
que já desapareceram.
Em cada sino ouvir sons,
badaladas de outros tempos.
Em cada arranco do solo,
batida de pedra e cal,
ver a eternidade em paz.

Ó cidade de Ouro Preto
boa da gente morar! ..
E esperar a hora da morte
sem nenhum medo nem pena
— quando nada mais espera.

HENRIQUETA LISBOA

ESTRELA FARIA — «*A poetisa Mericia de Lemos*»

# HÁBITOS E COSTUMES DOS PRAEIROS DA PARAÍBA

A existência que os pescadores levam no litoral é por demais monótona. Sabe-se hoje o que vai ocorrer no dia seguinte. A variação consiste apenas em haver chuva ou não. Ainda no resultado bom ou mau da pescaria. Fora dessas hipóteses nada de imprevistos que venham abalar fortemente a vida nas praias ao ponto de modificar os costumes e hábitos de todos os dias. Quando chove, toda a gente se recolhe. A chuva quando não é de inverso (constante e grossa que leva às vezes uma semana a cair coerentemente) traz os ventos do verão nuns verdadeiros temporais que levantam as cobertas frágeis das casas de palha. Também são temporais passageiros. Dentro de breve tempo o céu está limpo de nuvens. A não ser isso, isto é, o inverso a modificar o ritmo da vida praieira, temos nas pescarias do mar as únicas novidades dignas de nota. Sendo feliz a colheita, todos se sentem com alegria e tratam de colocar o peixe no mercado, antes fazendo uma distribuição entre os moradores-compadres, família e parentes distantes, que sempre têm uma preferência acentuada por esta ou por aquela espécie mais gostosa. Se porém o resultado de tanta fadiga (os pescadores trabalham dias e noites a fio fora da barra, a milhas de distância) não é compensador, então o silêncio domina a sociedade dos que vivem à roda, ninguém faz comentário, nada se pergunta e fica-se esperando que o homem explique espontâneamente o sucedido. Assim corre o movimento na sua lentidão cheia de cansaço.

Durante a noite a coisa muda um pouco de aspecto. Esse «pouco» vai à conta de quando há chuva de inverno ou os pescadores-chefes seguiram para as incertezas no dorso de suas frágeis embarcações. De modo que, num sentido geral, se pode dizer que a noite, nas praias, traz ordinàriamente distracção para os seus moradores solitários. Então se reunem. É quando eles brincam tirando cantigas, tocando zabumba e dançando o coco de roda, destacando-se tais manifestações como características do viver nas praias de Tambaú, Poço e Ponta de Mato, Baía da Traição e Jacuma. Aí se brinca um bocado. Os mais velhos costumam ficar olhando e só de raro em raro tiram uma cantiga dolente. Nunca dançam, porque dançar fica para os mais moços e mais fortes e que, por isto mesmo, podem bem melhor aguentar o rojão. Cantam e dançam até mais não poder. E com uma alegria desadorada a se manifestar nos seus trejeitos de corpo mole. De longe se ouve o zunir cheio do zabumba numa melancolia ritmada. A roda está feita no terreiro de casa. Homens e mulheres de todas as idades, isto é, de uns cinquenta anos para baixo, mais ou menos. Os outros, os velhos, ficam sentados e encostados nos mourões, fumando e olhando aquele movimento que não pára e que, com certeza, lhes traz as melhores lembranças sexuais. Entre eles, os mais enxeridos e que não se entregam assim totalmente, sempre aparece um que sai de seu canto, dá uma pirueta e resmunga qualquer coisa sentida num disfarce quase imperceptível. Os aplausos então se ouvem numa explosão de entusiasmo.

No meio dessa gente se pode observar muito bem quanto é notável a influência do negro. Quase toda a sociedade dos praieiros se compõe de descendentes de

africanos. Pelo menos o destaque maior pertence ao negro, já um tanto e bastante mistificado. De modo que a mestiçagem dele com o caboclo determinou um tipo escuro e, às vezes, pardacento, ou melhor — o chamado *pardavasco*. Raro encontrar-se uma pele branca. E quando ela aparece, logo chama a atenção de todos. Não se impõe a cor preta sòmente na aparência. Manifesta-se também nos hábitos, positivamente africanos.

Com a Abolição, muitos negros ganharam as praias devido à circunstância lógica de lhes parecer mais fácil a vida de ser vivida. O mar bem que podia oferecer-lhes certas facilidades. Havia abundância de peixe — e o oceano era livre. Pertencia a quem o dominasse. As embarcações não pediam grande esforço de construção. Se o índio usava a piroga, o mestiço tratou de adoptar a jangada. Esta pode ser fabricada sem maiores complicações, e com o passar do tempo foi conquistando novos melhoramentos. Já agora viaja com relativo conforto numa jangada de alto mar e que pertence a um pescador forro ou endinheirado. E de mais gosto. Foram-se as casas de morada, por sua vez sofreram modificações sensíveis, não só quanto à coberta como na composição geral, toda de palha ou taipa. A coberta era de palma de coqueiro. Depois é que se começou a fazer casas de telha e alvenaria. E mesmo as de palha tiveram a coberta feita com um requinte de cuidado que só se vendo. O praieiro quebra as hastes de uma a uma de modo a fazê-las cair só de um lado. Superpostas as palhas na distância de polegada de uma para outra, seguras nos caibros com cipó fino, fica a coberta compacta, senão inteiramente vedada às águas de chuva mesmo torrencial. Antigamente era diferente: as palhas eram postas à vontade do corpo. Isto representava costume primitivo dos índios, que o mestiço foi estilizando com inteligência.

A não serem, pois, a casa e a jangada, além daquela existência sempre igual, é o coco de roda o que mais assinala a vida praieira no Nordeste. Principalmente na Paraíba.

«*Coqueiro por ser sabido*
*Foi botar naquela altura :*
*Pensava que não sabia*
*Quando tem coco maduro.*
*Quando tem coco maduro,*
*Quando tem coco maduro.*

*Coqueiro cresceu tanto,*
*Pensava que ia ao céu ;*
*Eu conheço meu benzinho*
*Pela copa do chapéu.*
*Pela copa do chapéu,*
*Pela copa do chapéu.*»

Nos dias de festa religiosa, nos domingos e de ordinário à noite, raro é não ser ouvido o batuque característico, misturado com vozes gritantes. O praieiro canta gritando agudamente. Faz-se a roda e todos batem as mãos em consonância com a dança e a música. Um dos personagens de repente sai e começa a movimentar-se sòzinho no meio dos outros. Então, se é um dos mestres-peritos, chama logo a atenção por causa não apenas da velocidade e ágil delicadeza dos passos, mas sobretudo pelo ritmo certo e que logo se destaca à primeira vista. Geralmente deixa de cantar quando se acha nessa situação. Preocupa-se mas é com a dança. Os que estão compondo a roda se encarregam de botar a voz no mundo num berreiro agradável pela sonoridade e pela cadência mole e ainda pela malícia que transcende da letra que estão cantando. Porém não é sempre assim.

«*Minha iaiá do coração, me assungai :*
*Pela parede ninguém vai.*

*Minha iaiá, não encoste não :*
*Búzio com búzio faz comichão.»*

As letras de coco são as mais variadas. Existe mesmo uma variedade difícil de anotação completa. No fim do ano, por ocasião dos passamentos de festa, é quando melhor o praieiro se expande, folgando mais à vontade: é que as noites de verão são belas e enxutas, convidam às expansões da alma. Todos como que se sentem em transportes eufóricos diante da natureza de luz gloriosa. E esta deixa marcas indeléveis na lembrança dos veranistas.

No coração dos praieiros uma coisa de mistério se entranha mesmo para não sair mais nunca.

Conhece-se cada passagem que chega a causar admiração. Por exemplo: rapazes que se largam da casa paterna nos navios que aportam em Cabedelo para correr o mundo todo. O Mar da China lhes é familiar. Os temíveis temporais do Pacífico são seus velhos conhecidos. Já experimentaram luxos de outras civilizações. Andaram nas calçadas de Londres e Nova Iorque, Paris e Moscóvia, Berlim e Madrid. Conhecem bem o Oriente Próximo e toda a faixa norte do Mediterrâneo. Alguns até deixaram filhos na Escandinávia. Tudo isso é pura verdade. E quando menos se espera lá eles voltam para o primitivo humilde de sua casa de palha e para a fragilidade lírica de sua jangada. Para as cantigas e danças de coco. Querem morrer na terra onde nasceram. Têm um apego incrível àquela areia branca movediça e àqueles coqueiros de atitude eclesiástica. Emociona ouvir as manifestações de amor dessa gente ao seu pobre e simples ambiente social. Preferem a tudo o ensejo de cantar nas noites de lua-cheia, com uma poesia que evidentemente procede do negro. Em que há uma influência decisiva que vem da África. Na praia de Tambaú é comum ouvir refrãos como este, característicos de uma raça forte sempre com saúde e muito sóbria na alimentação:

*«Bana fogo, sinhá, minha nega.»*

Ou então este outro que revela gentileza e que como coco de roda sempre traz qualquer influência sexual:

*«Olha a cobra verde enroladinha,*
*Tira a mão das cadera, mulatinha.»*

No coco o que parece sem dúvida muito importante é a influência do negro na estrutura da dança e da música. As referências a essa gente se encontram em quase todas as letras cantadas. A música se mostra perfeitamente originária dos escravos que depois da Abolição invadiram as praias à procura de refúgio e descanso. E a dança por sua vez não foge a igual procedência: ela vem da senzala. Os ritmos de uma e outra são nìtidamente africanos, mesmo de fazer confusões:

*«Cabelo preto anelado,*
*Zóio azú delicado,*
*Quem não ama cô morena*
*Morre seco envenenado.»*

Nos outros pontos do litoral o negro escasseia muito. Não se nota a sua influência como sendo grande. A influência é mais de ordem moral e se revela nos costumes e nos hábitos. Em todas as manifestações do homem, a origem africana está sendo indicada com naturalidade. Entretanto a população nada aparenta na cor que venha a significar (o cabelo quando não é liso, de índio, é de «bosta do cão», um cacheado miúdo, de preto) o mulato ou mesmo o preto puxando a branco. O que predomina mais é o pardo que tem sangue de índio em maior dose que o do português e do negro.

O praieiro mostra-se claro nas influências indisfarçáveis. A sua predilecção pela pescaria resulta do facto de que ela sempre foi um meio de vida, como outrora a caça, à qual também se entregava com uma disposição voluntária e entusiástica. Em outro mister não cuidava, isto é, para ir arranjando a subsistência não queria outra ocupação. Mas as matas foram escasseando, andavam tirando lenha, não havia mais paca nem veado que pegar. No mar estava a salvação. Nos meses quentes o bisavô dos nativos costumava ganhar as praias e era quando intensificava o seu «trabalho de preguiçoso». E a tão famosa e enganadora preguiça do pescador se passou para o praieiro da actualidade. É verdade que ele vive uma existência contemplativa, sentado à beira-mar, cantando as suas lendas, fumando o seu cachimbo — na esperança e na certeza de que o oceano tudo lhe dará. Mas até aí se pode justificar a preguiça, que é mais um descanso que outra coisa. Quando passa, porém, à actividade, servindo-se de seu barco fragílimo e lutando pessoalmente com as ondas, o trabalho que realiza não é para qualquer um não, é trabalho para homem de verdade. Distancia-se vinte e trinta milhas da costa e no alto mar chega a levar três dias ou mais sem dormir e sem comer direito, num serviço constante de pesca para garantia de sua subsistência. E não é incomum chegar sem haver pegado sequer um peixe. Se assim acontece, vem calado e de cara fechada. Não há uma palavra com ninguém. Coloca a jangada na ribanceira da praia e depois ruma à sua palhoça. Também ninguém lhe diz nada. Limitam-se todos a espiar, porque do contrário se preparem para receber desaforo num palavreado agressivo. É o que ocorre quando o fracasso foi o resultado da pescaria.

Como já ficou dito, vai para casa, à família conta tudo o que aconteceu; se tem o que comer, come a sua muqueca de peixe, uma xícara de café — e depois atira-se na cama ou na rede para o sono mais pesado e reparador. Ao acordar é o mesmo homem senhor de uma serenidade impassível. Nem mais se lembra dos dias anteriores de tanta fadiga e desilusão. Sai para uma conversa com os outros companheiros e logo começa a pensar noutra arrancada que se apresenta sob cores felizes. Não descansa, e é no dia seguinte.

Dizer-se que o praieiro é um preguiçoso parece mais propósito literário, que não representa a verdade. Começa que se não der serviço no mar não se alimenta e nem também à família, sempre numerosa. No oceano está a sua vida e a sua razão de ser. Sem ele a miséria seria a mais completa.

No litoral nordestino o prato diário é peixe. A carne aparece de visita. Espécie de fruta rara. Agora convém a pergunta: — E quem vai buscar o peixe? então isso não representa a trabalheira mais infernal? — O mar não é certo: ele dá, ele tira e ele nega como a fortuna. Gosta de ser generoso e quando se mete a enganar chega a ser cruel. Tem brincadeira de mau gosto.

Para esquecer a vida que ama e que não abandonará jamais por outra, o praieiro então dança, canta e toca. O coco de terreiro já ficou descrito acima. Também há aquele outro de dentro de casa, tomando ares de intimidade e reserva. Só os convidados comparecem. Alguns sentados em tambores e outros rodopiando no centro quando chega a sua vez de dar umbigada. Na baía da Traição isto não se mostra excepcional. São até bem conhecidos alguns refrãos, entre eles este que é tirado assim:

«*Bernabé, tou cum fome,*
*Bernabé, tou cum fome.*»

e que tem como resposta a letra onde

entram influências do africano e da cana de açúcar:

«*Tem paciência, meu nego,*
*Deixa o engenho moer.*»

Nas festas de baptizado ou casamento vale a pena assistir às «passagens» cheias de pitoresco. Os noivos ficam sentados e solenes, enquanto no terreiro o coco de roda corre desenfreado. «Bebe-se o cachimbo» preparado pelo sogro e dança-se à vontade em meio de uma alegria inocente e despreocupada. Não se passa da conta para não haver zoada. O praieiro não tem nada de um recalcado. Mostra-se tal e qual como é realmente. E quando canta se revela sentido no mais profundo da alma. É um lírico diante da beleza dos elementos e do ar oleoso dos trópicos.

«*Meu engenho é do Humaitá,*
*É do Humaitá,*
*É do Humaitá.*

*Eu vou-me embora,*
*Vou vender meus sítios,*
*Meus coqueiros tão bonitos*
*Que estão na beira-mar.*

*Eu vou vender,*
*Vou receber o meu dinheiro,*
*E é aquele desespero :*
*Vou p'r'a festa e vou gastar.*»

A influência do açúcar e do engenho demonstra que o praieiro procede do interior sem o saber e que o mar, por mais perto que se ache, dele tirando a sua subsistência, entanto às vezes vive mais distante e mais ignorado. Cantigas tendo o oceano como motivo não se conhecem muitas. No coco *Humaitá* bem se pode verificar os seus legítimos sentimentos por uma volta ideal às paragens onde viveram os antepassados escravos. E também se conclui quanto é sensível a sua preocupação económica ao se desfazer de seus bens. Como a previsão não entra nos seus cálculos, decide-se então a gastar o apurado, nunca se lembrando das surpresas do dia de amanhã. É ordinàriamente o que acontece. Basta que um rapaz da família regresse do estrangeiro e chegue contando as suas aventuras de marinheiro. Logo se improvisa uma festa.

«*Vou embora para a praia.*
*Ver a fama dos praieiros,*
*Ver a pancada do mar,*
*Ver a zoada dos coqueiros.*

*Ó mulher, não vá,*
*Não vá se enganar*
*Com o farol da Baia ;*
*Na praia de Cabedelo*
*A noite parece dia.*»

O coco de roda está formado. Canta-se, bebe-se e come-se o que há dentro de casa. E quando se pensa que depois todos vão dormir, os principais marcham para o trabalho rude, pesado e penoso, marcham para o mar com a esperança de trazer a fartura e a salvação. Acontece que não voltam e ficam por lá dormindo e descansando na eternidade. Se conseguem voltar, nem sempre trazem o que desejavam nos seus sonhos de todos os dias. Mas não será isto motivo para desânimo, porque a faina continua, não pára, só a morte é que é capaz de pôr-lhe o ponto final.

# REGRESSO

Estende os teus braços e derrama o sonho
como se fosse incenso.
Desprende a voz que se escondeu no Tempo,
entre pedras, degraus, musgo e silêncio...

Com o teu gesto de lentas harmonias
que vem sempre, ao chegar da Primavera,
igual àqueles dias
dessa que eu dantes era,
recolhe o desalento e o desencanto
que em mim amanheceu,
e alarga, alarga a linha limitada
em que me fecho eu.

Os dedos, por mais que voltem
as folhas onde há retratos,
e procurem e procurem
veios de antigos regatos,
não são asas que se soltem
nem retornam aos beirais.
Os dedos, por mais que as voltem,
são só dedos irreais.

As palavras, à medida
que o Tempo as foi abafando,
tão bem ficaram escondidas
que as não acho nem chorando.

Som do Eterno elas bateram
e entre os homens se perderam.

Entre os homens, nos pinhais.
Entre os astros, pelo céu.
Entre igrejas, nos missais.
Por entre vilas sombrias,
com pesadelos nas noites,
com agonias nos dias.

Desenhos que elas tivessem
bem deixámos apagar.
O trono que elas merecem
não deixemos arrastar,
pois lá do fundo do Tempo
Som de Eterno hão-de soar.

# SE ELE PARTIR...

Este amor que só cabe na poesia,
e que brilha através a água dos meus olhos
num halo perturbante e irisado
à volta da sua fronte,
já não vive no mundo.

Este amor que se esconde no fundo dos meus gestos,
bem no fundo,
que medra na noite e floresce na noite,
já não vive no mundo.

Se ele morrer, se ele partir sem mim,
como hei-de então cantar?
O meu amado está casado ao sonho,
disperso no espaço e no segundo.
Sofre comigo as sombras do luar,
já não vive no mundo.

Quem há-de então subir a escadaria
e levar-me nos braços, branco, frio,
encharcado, fantasma do meu dia,
numa ascensão que vai tocar o Céu,
e espelhar-se, espelhar-se sobre os rios?!

Quem há-de então levar-me à beira de água
entre a neblina de uma tarde triste,
e sobre a areia me embalar de mágoa
e de mágoa chorar-me sobre a areia,
enquanto eu vou na Luz que não existe,
pálida, vaga, sobre um mar sem fundo,
a caminhar para me perder no mundo?

Quem há-de então chegar nos ventos todos,
para enxugar as lágrimas que choro?
Esperar-me sobre as largas penedias
onde nunca viv'alma se atreveu,
para de mãos soltas, desprendidas, frias,
— e bem mortos, ele e eu —
vivermos as alegrias
que nunca ninguém viveu.

NATÉRCIA FREIRE

# O VIOLINO MORTO

ESTAVAM casados havia oito dias. Fora um casamento como outro qualquer: encontraram-se na rua, olharam-se, ele seguiu-a, mandou um garoto com um cartão... e depois, um ano depois, o vestido branco, a flor de laranjeira, o bolo de noiva... tudo como toda a gente. Mas nada mais lhe fizera falta, a ela, cujo único desejo era imitar as outras. «Quem me dera ter uma casa igual à da Fernanda! Como eu gostava de ter um vestido do feitio daquele! Quando casar hei-de ir como a Julieta». E, de facto, tudo se passou como ela vira nas outras. Era feliz; feliz como vulgarmente as pessoas são felizes. Sentia o corpo são, e não tinha complicações de espírito. Vasco também não cuidara de saber qual era o recheio daquela cabeça. Encantara-o a parte exterior. Maria das Dores nascera para ser bonita, e como era esse o seu único destino, não trouxera consigo nenhuma mensagem para entregar na Terra.

Vasco, no entusiasmo dos primeiros dias, nem dera por tal. Sentia-se, também, completamente feliz. Mas um dia, começou a desfilar o cortejo das pequenas coisas — essas que se retiram para dar lugar às grandes. Vasco teve saudades do seu violino. Começou a sentir a falta desse amigo, que fora o único, dos seus anos de solteiro.

Mas não se decidiu a ir buscá-lo. A Maria das Dores não devia sofrer comparação com esse outro amor. Toda ela, o seu corpo, o seu rosto, os seus cabelos deviam só por si encher-lhe a alma. Ele não queria ter mais que uma ternura que o enchesse todo. Mas os dias passavam. E esse canto vazio, como preenchê-lo? O violino era uma atracção. O seu pequenino corpo, o mais feminino que ainda conhecera, atraía-o como nenhum ser humano ainda o fizera. Tinha que ser.

Vasco dirigiu-se ao seu quarto. Ia buscá-lo, tocar-lhe amorosamente; ele lhe responderia com as suas queixas de abandonado. Vasco sabia que caminhava para uma aurora, mas um pressentimento dizia-lhe que logo encontraria um ocaso. Nada o deteve, porém. O pequenino corpo ansioso lá estava na sua caixa estofada. Pega-lhe com amor, acaricia-o com as suas mãos sensuais; e logo rompe um canto doloroso. Vasco fecha os olhos; as mãos tremem-lhe. Os sons tomam corpo, enchem a casa toda.

Atraída pela música aparece Maria das Dores. Vasco abre os olhos, e electrizado ainda por aquele acto de posse, deixa o violino e abraça a mulher. «Gostaste, Maria das Dores?» — os seus olhos fitam os olhos

dela, mais alucinados como se receasse uma palavra irremediável. «Gostei, sim; agora toca um fado!»

À sua volta os móveis dançam, crescem, vão para ele, comprimem-no, abafam-no no círculo opaco das suas portas e gavetas. «Toca-me um fado», dizem as mesas movimentando as suas pernas de madeira. «Toca-me um fado», repetem as paredes abrindo grandes ventres escuros.

Vasco não pode mais; pega no violino e foge com ele junto ao peito, como se dezenas de mãos invisíveis lho quisessem arrancar.

«Vais-te embora? Então o meu fado?»

Vasco fecha-se no seu escritório sem gosto, escolhido por ela, igual a outros, e deixa-se cair numa cadeira. Escureceu. Então com as lágrimas deslizando-lhe pelo rosto, beija o corpo morto do seu violino, e lentamente, numa despedida, coloca-o dentro do seu estojo estofado, como um ser cuja alma se houvesse entregado numa última melodia.

RACHEL BASTOS

# BRASIL-NENÊ

*(TRECHO DO: «BRASIL, CHOCA O TEU OVO»)*

Nossa história é assim: Vamos pràs Índias!
Dias e dias os horizontes se repetem
Olha: melhor mesmo é buscar vento mais prò fundo
Uma tarde um marujo disse: Ué que terra é essa?

Velas baixaram. E desembarcaram
— Terra como é teu nome?
Cortaram pau. Saiu sangue: Isso é brasil!

No outro dia o sol do lado de fora assistiu missa
Terra em que Deus anda de pé no chão

Outros chegaram depois. Outros. Mais outros
— Queremos ouro!
A floresta não respondeu
Então eles marcharam por uma geografia-do-sem-lhe-achar-fim
Rios enigmáticos apontavam o oeste
A água obediente conduziu o homem

Começou então um Brasil-sem-história-certa
A terra acordou-se com alaridos da caça de animais e de homens
Mato grande foi cúmplice nas novas plantações de sangue
Mulher foi espremer filho no escondido

E veio o negro:
Trouxe o sol na pele e alma de nunca-mais carregada de vozes
Foi desbeiçar terra.
Alargaram-se as lavouras
O Brasil encheu-se de queixas de monjolo
Sol espalhou verão nos canaviais das fazendas
E o mato escondeu escravos com inscrições de chicote no lombo

E chegaram soldados del-Rey. Houve guerras: pum pum
Em noite rural
Os bruxos se reuniram para experimentar força contra o branco
A terra emprenhou-se de assombros
Deus montou num trovão que se quebrou na floresta
Árvores tinham medo que o céu caísse

E o Brasil-nenê foi crescendo
O sol cozinhou o homem e a geografia determinou os acontecimentos
Um dia
o capitan Pedro Teixeira com 1000 canoas ô ô entrou no grande rio águas-
-arriba
acordando aquela imensidão sem nome

E o Brasil embarrigou para o oeste.

R A U L B O P P

# CATULO DA PAIXÃO CEARENSE E A POESIA POPULAR

Foi há cerca de vinte anos, quando a minha adolescência acordava para o sonho da literatura, que ouvi pronunciar pela primeira vez o nome de Catulo da Paixão Cearense. Um antigo companheiro de escola, poucos anos mais velho do que eu, tinha voltado do Brasil e trazia que contar. Deambulámos pela noite dentro, sem nos apercebermos do frio nem da fuga das horas, e era como um estribilho esta sua frase, peremptória e luminosa como as que rasgam de súbito os horizontes da alma:— «Para conhecer o Brasil não é preciso ir lá; basta ler o Catulo.» Assim, foi com um poder de palavra mágica que se instalou no meu espírito este nome. Catulo, para mim, passou a ser — e durante alguns anos se conservou — igual a Brasil.

É esta gratuita sinonímia, colectivamente consagrada, que investe certas individualidades na categoria de *figuras representativas*, com uma aura por vezes duradoura e que se projecta além-fronteiras.

Nesse tempo, entre nós, as figuras representativas do mundo literário brasileiro eram, além de Catulo, Olavo Bilac e Coelho Neto. Bilac, o parnasiano impecável; Catulo, o génio do Sertão; Coelho Neto, o cinzelador, o artista da prosa... Dizia-se isto, com uma carga mais ou menos enfática de adjectivação classificante, e era como se se dissesse: Eis todo o Brasil literário contemporâneo. Entretanto, Castro Alves e Machado de Assis, por exemplo, eram nomes que não diziam nada ao público português, eram figuras que não representavam nem um estado, sequer uma cidade. Só raros os tinham lido, raríssimos apreciado, e o grande público, se então os ignorava, continua a ignorá-los. Aqui está, como sabemos, um dos efeitos mais nefastos, senão o mais nefasto da crítica literária jornalística, por via de regra mal informada sobre os genuínos valores culturais e quase sempre desatenta, apressada, inconsequente:— A super-valorização de certos nomes e obras, gerando correntes de opinião exclusivas, arbitrárias, injustas e indomáveis.

A super-valorização que a imprensa brasileira concedeu a Catulo está documentada nas entusiásticas apreciações que o poeta reproduziu nas ultimas páginas de um dos seus livros («Meu Brasil». Rio, 1928). Vários nomes de escritores e jornalistas subscrevem, aí, afirmações como estas: — «Catulo é o cantor épico de uma raça»; «Catulo Cearense tem todos os rios da pátria nas veias e todas as florestas da América no crânio»; «Catulo é um poeta e um pensador que faz pensar»; «Catulo é o maior poeta do Brasil contemporâneo»... E outras.

A verdade é que Catulo nunca poderia ser tanto como isso, e se nem sequer chegou a ser aquilo para que se diria predestinado, foi em grande parte por causa dessa super-valorização da crítica jornalística da sua terra, que o despistou completamente. Foi ela que o fez perder para sempre a naturalidade, a simplicidade, a espontaneidade de poeta do povo, deixando-lhe apenas, insanáveis, a candidez do rústico, a ênfase do primário. Chamaram-lhe génio e ele nunca

mais suportou que o não considerassem como tal.

No mesmo volume em que transcreveu os referidos elogios (e estas coisas nunca acontecem por acaso) publicou a «Serenata do Céu», que é um valioso documento de orgulho acalentado e puerilmente ressentido:

*Zoilos! Parvos Aretinos!*
*Criticóides pequeninos!*
*Passadistas refractários!*
*Futuristas-legionários*
*Dos maiores desatinos!*
*Poetastros retardatários!*
*Reis e Príncipes cretinos!...*

*Vede, pobres cerebrinos,*
*Minha glorificação!*

*Numa dessas noites belas,*
*Toda branca, toda nua,*
*Noite de recordação,*
*Eu ouvi Deus e seus anjos,*
*Em serenata às estrelas,*
*Cantando dentro da lua*
*O meu «Luar do Sertão.»* (1)

Vinte anos atrás, a veia irónica de Catulo Cearense limitava-se a exprimir um pessimismo sentimental bem mais ingénuo e gracioso:

*Vive o homem doido e vário*
*Por ter mais ouro na mão,*
*E eu seria um milionário*
*Se encontrasse um coração.*

Ou, mais dramático, num desses rompantes de sarcasmo de que são capazes os poetas do povo, quando sofrem e superam as adversidades do mundo: — *Meu Deus! porque não fizeste os homens irracionais?!*

Quadras como essa que acima reproduzi, dignas de serem algum dia incluídas como anónimas num florilégio da poesia popular em língua portuguesa, compunha-as Catulo às centenas, muitas vezes de improviso. A sua incontinência lírica era torrencial e dir-se-ia inesgotável. Nesse tempo, vai para quarenta anos, ainda actuava nele, sem misturas de falsa erudição nem de excessivo pitoresco regionalista, aquela influência da poesia popular portuguesa que Mário de Andrade, aprofundando o estudo do folclore do Brasil, reconheceu como poderosa e dominante: — «O que mais incorporámos na nossa música popular foram os textos das canções lusíadas, sejam acalantos, rodas, quadrinhas soltas, e os já quase esquecidos romances velhos.» Isto é também evidente nas composições da primeira fase poética de Catulo, o qual, não esqueçamos, se acompanhava ao violão.

Nesse tempo (1910) o seu editor — «Quaresma & C.ª», proprietário da *Livraria do Povo*, no Rio — anunciava nestes saborosos termos um dos seus livros, que o poeta, decerto envergonhado, deixou de mencionar na lista das suas obras: — «Acaba de sair à luz «Trovas e Canções», magistral colecção de belíssimas modinhas brasileiras de Catulo Cearense, todas próprias para serem cantadas em reuniões familiares, em festas colegiais, em recepções, concertos, etc., trazendo em cada uma a indicação da música com que deve ser cantada.»

Tenho aqui esse livrinho, encontrado, há poucos anos, num alfarrabista de Lisboa. Compõe-se, na quase totalidade, de letras para polcas, valsas, tangos e outras danças de sala então na moda. Já nele se vislumbram indícios dessa ambiciosa vaidade que os seus admiradores mais tarde haviam de soprar:

*Que importa a mim o que se diz depois da morte,*
*Se o morto a glória já não pode compreender?*

e também da sua preocupação de eruditismo, com o emprego abusivo de uma terminologia preciosa, aprendida em fugazes leituras de parnasianos e simbolistas. Mas essa colectânea oferece-nos, entre numerosas nénias pobremente versificadas, algumas das mais intensas vibrações da sua veia de lírico originàriamente popular, como esta breve canção, inserta — para não dizer enterrada — num longo rosário de trovas medíocres:

*Uma folha abandonada*
*À noite caiu do galho,*
*E sobre a folha dourada*
*Caiu um pingo de orvalho.*

*De há muito sou folha errante,*
*Errando por entre abrolhos,*
*E nunca tive um diamante*
*Caído desses teus olhos!*

*A lágrima que sòmente*
*Em mim restava, caiu*
*Dos meus olhos tristemente*
*Sobre o chão que te cobriu.*

*Mas a saudade que alenta,*
*Lágrimas tantas me deu,*
*Que hoje em lágrimas rebenta*
*Sobre o chão que te escondeu.*

Acompanhando-se ao violão, Catulo expressionava os simples e espontâneos sentimentos do povo com a simplicidade e a espontaneidade dos líricos primitivos, que eram, como se sabe, ao mesmo tempo poetas e músicos. «O carácter mais saliente da lírica popular — escreveu o mestre Menéndez Pidal no seu ensaio sobre *A Primitiva Lírica Espanhola* — é ser, ao contrário da poesia culta, eminentemente sintética. Trata motivos elementares da sensibilidade e, ante a impressão do conjunto, não atende nunca à análise interpretativa. É uma poesia que, pela sua naturalidade, se estende a manifestações colectivas em coros e danças, e também a muitos momentos da vida ante os quais a poesia culta não reage. A lírica, antes de ser literatura, foi mais alguma coisa: — a flor que espontâneamente se abre ao calor de toda a emoção vital.»

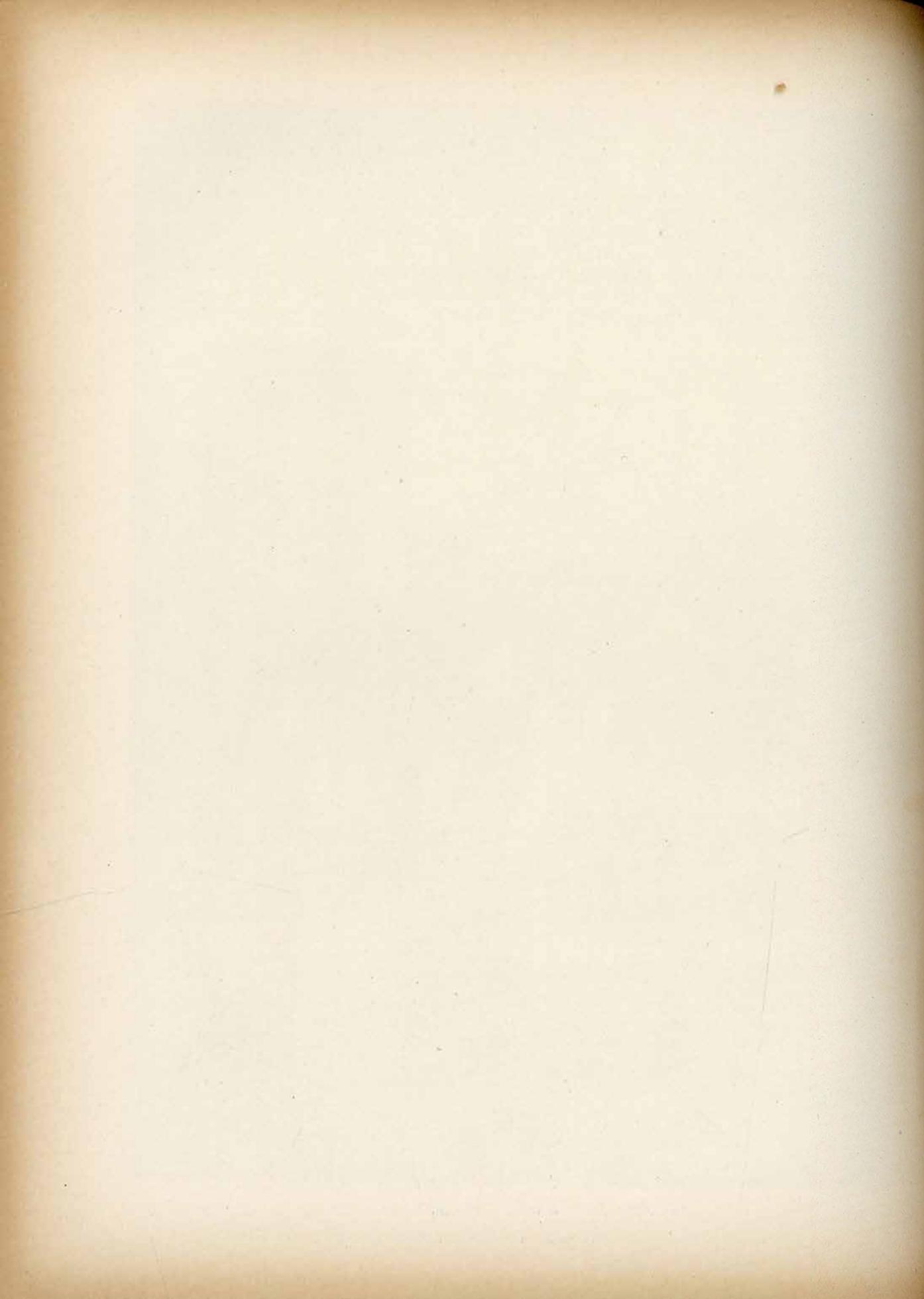
Essa flor foi a poesia de Catulo Cearense, nos seus mais puros momentos, antes de conceber o apoteótico cenário dos Deuses e anjos, em serenata às estrelas, cantando dentro da lua o «Luar do Sertão.» Já consciente do seu destino de *bardo,* mas ainda longe de supor-se «o maior do Brasil contemporâneo», transportando «todos os rios da pátria nas veias e todas as florestas da América no crânio», era com esta profunda candura que ele respondia, numa canção, à amada que repudia o poeta:

*Deixa-me só no deserto,*
*Neste oásis dos meus versos!*

Gabaram-lhe demais os dons, sopraram-lhe em excesso o pitoresco das imagens, a sonoridade das rimas, a facilidade de versificar. Sem dúvida que o fez, por vezes, com um poder de arranque, um fôlego e uma graça insuperáveis, e que em certas composições de tema e linguagem estrictamente regionalistas mergulhou o seu violão no húmus da paisagem brasileira, arranhando algumas das mais fundas cordas da alma nacional (2). Mas o verdadeiro Catulo era, talvez, o outro: esse de que ele acabou por envergonhar-se de ser, e cuja morte civil (3), digamos assim, privou o Brasil do seu mais genuíno e talentoso poeta popular.

É que o peso da fama, se acaba, mais tarde ou mais cedo, por atrofiar ou, pelo menos, deformar os espíritos evoluídos, mal cai sobre os dos primários — dos que não atingiram esse estádio de evolução cultural que se objectiva numa auto-crítica involuntária e lúcida — esmaga-os.

GUIGNARD — «*Noite de São-João*»

(Propriedade do Museu de Arte Moderna, de New-York)

O poeta Manuel Bandeira, numa crónica há anos publicada, depois de lamentar a inautenticidade da evolução poética de Catulo, que «afinal acabou — diz ele — em Vítor Hugo do Sertão, Lamartine das serenatas e S. Francisco de Assis do *Evangelho das Aves*», conta-nos a seguinte anedota, tão engraçada quanto significativa: — «Um dia, julguei ter encontrado o poeta matuto, o verdadeiro poeta popular do Brasil, na pessoa de Ascenso Ferreira. Uma meia dúzia dos seus poemas tinham bem aquele sabor da obra de arte em que o autor se confunde com o assunto. Fiz então o possível para inspirar ao autor do *Catimbó* o gosto de ser o poeta de Palmares, e foi assim que o quis apresentar no Rio. Mas logo da primeira vez o autor do *Catimbó* me chamou de parte e me fez sentir que eu estava fazendo com ele uma pilhéria de mau gosto. Ascenso Ferreira faz questão fechada — como Catulo — de ser um poeta culto.»

De onde se pode e deve concluir que poesia popular, verdadeiramente popular — só anónima.

C A R L O S   Q U E I R O Z

---

NOTAS:

(1) Dir-se-á uma lição mal aprendida daquele outro orgulhoso Catulo de antes de Cristo — Catulo Veronense — que assim ousava dirigir-se pùblicamente (e, diga-se de passagem, nem por isso foi empalado, queimado vivo ou posto a apodrecer num campo de concentração) ao ditador da sua pátria:

*Ó César, podes crer*
*— Mesmo se não te agrada —*
*Louvar-te não prometo,*
*Por ti não faço nada;*
*Nem pretendo saber*
*Se és homem branco ou preto.*

(Tradução inédita de Fernanda de Matos Cunha).

(2) Recordo-me de que um dia (em 1932 ou 33) conversando com Fernando Pessoa acerca da possibilidade de o Prémio Nobel da Literatura ser atribuído, nesse ano, a um poeta português, citando-lhe os nomes indigitados por um periódico de Lisboa que se ocupara do assunto, ele respondeu-me que o único poeta vivo da nossa língua cuja obra, com os seus evidentes defeitos, correspondia às condições fundamentais desse prémio, era Catulo da Paixão Cearense.

(3) Este artigo, agora ligeiramente retocado, foi lido ao microfone da Emissora Nacional num programa da «Meia-hora brasileira», algumas semanas antes da morte do poeta.

# O ASPECTO LITERÁRIO DE SERPA PINTO E MOUZINHO

Graças à comemoração, ainda recente, do seu centenário natalício, pôde Serpa Pinto repassar na imaginação do público, representado no error através de África, que lhe universalizaria o nome. Desse error ficou, escrita por ele, a narrativa, — dois volumes lançados em Londres, pela firma que editara Livingstone e Stanley. É uma obra de verificações científicas e é, também, um romance. O próprio explorador teria por inseparável de trabalhos da espécie, este duplo carácter, à primeira vista contraditório. Mas, os penetrais de África eram, então, misteriosos, e Stanley colhera, por isso, em dois grandes continentes, milhões de leitores do género emocionante. Depois, Serpa Pinto não deixava de ser um romântico. Era-o tanto por contágios da época como por idiossincrasia. Ainda menino ouviu, sem dúvida, exaltar os *Ciúmes do Bardo* e tinha vinte anos quando se desencadeou a famosa polémica suscitada pelas fulminações de Castilho, prefaciando o *Poema da Mocidade,* de Pinheiro Chagas, contra a heresia literária da escola coimbrã. Por cultura e temperamento estaria com os românticos. Mais tarde, no curso da travessia, a fim de dar a certo rei bárbaro mas, pelo visto, curioso, um exemplo, a rogo, da sonora fonética de nosso falar, entoara alguns versos do *D. Jaime,* em voga no Reino, em serões de família. À semelhança de Mouzinho, um decénio mais novo do que ele, quis às Letras, e de volta da sua odisseia, alimentara mesmo o fito de explorar a literatura sensacional de episódios da selva virgem, depois de publicado *Como eu atravessei Africa.* A vida que se seguiu ao seu triunfo, distraiu-o, porém, do entusiástico propósito, e talvez que ele nunca chegasse mesmo a escrever as primeiras laudas de um novo original.

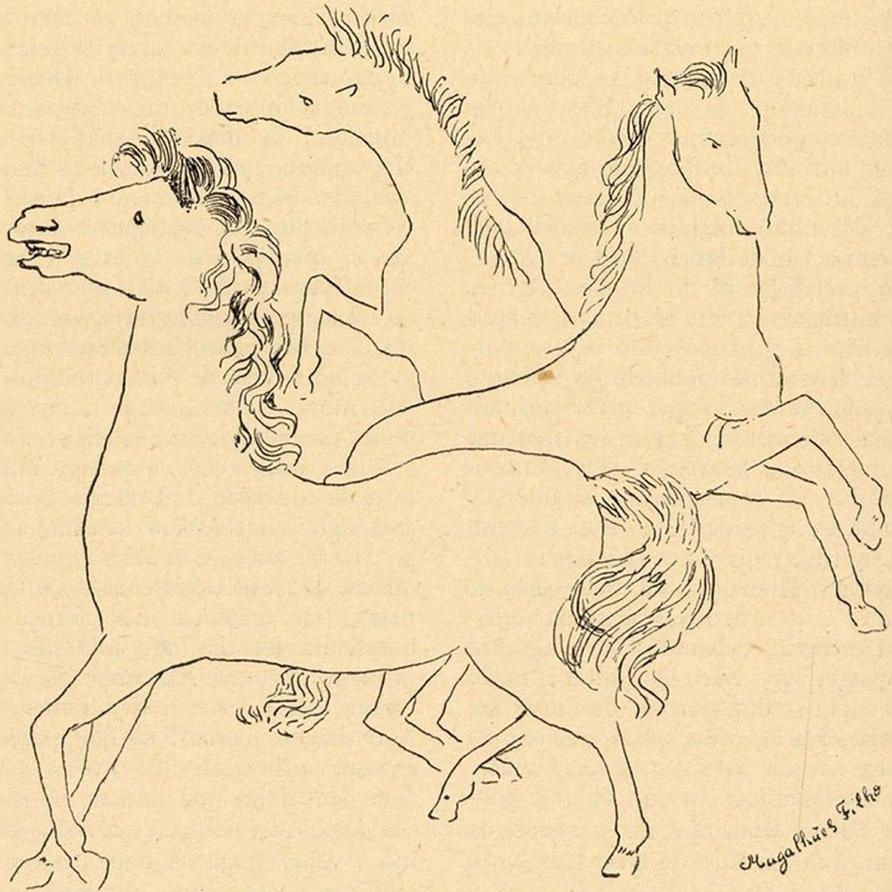
Ao passo que o estilo de Mouzinho afectou, em geral, de severidade, o de Serpa Pinto manifesta-se gracioso, fàcilmente insinuante, leveiro, lembrando, ao serviço de contar, o jeito de um consumado folhetinista. A pena de Mouzinho corre quase sempre ensombrada, a espaços dicaz como a do *Soldado Prático.* A sensibilidade de Serpa Pinto não se estrema, de resto, em pessimismos, e, ainda em horas pardas, não ia além de estados de melancolia. Não o tocou inteiramente o cepticismo do tempo, e, para uso próprio, criou uma moral em que aos preceitos do Decálogo associava a substância daquele direito natural que foi profissão filosófica do século XVIII. Pressente-se um vago rousseauismo nos seus arroubos, nas suas divagações de auto-análise, praticando subtis descobertas de pendor ao pecado, nos discursos sentimentais que dão uma simpática ênfase à sua obra, sobre o amor, a solidão, a natureza. Imagino sem custo o escândalo produzido por essas páginas de *Como eu atravessei Africa.* Conselheiro Acácio deve ter velado a face... São elas, afinal, as únicas que ainda não amareleceram. Em tanto que a travessia é hoje memória, que sua narrativa se volveu histórica, (e a história é o lamentável e, às vezes, glorioso destino do efémero), a anotação psicológica que elas copilam, parece ultrapassar aquela mesma fatalidade. A história, com efeito, nada tem que ver com elas, que espelhavam o homem distinto do tempo.

Tão-pouco Mouzinho achou azo de votar-se às Letras, e foi escritor quase ùnicamente por acaso. Estorvou-o ao intento o sentido heróico, a que não resistiria; o ser uma máquina impossível de adaptar àquelas longuras de paciência que a composição literária exige. No seu fervor pelas Letras, não duvidava até, de afirmar, um dia, que, não tivera a honra de vestir o uniforme, seria exclusivamente escritor. Só desta sorte... Porque o escritor não pode librar-se a alturas de arte, senão desacompanhado de qualquer outra infusa personagem... Estabelecia assim uma escala de valores em que à profissão das armas, prestigiada no seu espírito pelo conceito que dela formava, por imediatas ambiências e até tradições de sangue, — logo se segue a dignidade da pena. Não vale recordar, — pois se trata sempre de pormenor fortuito, apropositado mas incoerente, — certas laudas de seus relatórios, de súbito fulgindo, à semelhança de gemas em desérticos de teor. Afigura-se preferível ir direito aos escritos que intencionalmente Mouzinho compôs para leitores que não eram já as repartições. A visão do gabinete do trabalho do 74 da rua das Trinas, instrui-nos, em termos suficientes, acerca das mestrias em que se lhe apurou o estilo. Encontrando-se aí, uma vez, visitante de admiração e piedade, Carlos Parreira pôde verificar que finas substâncias alimentavam Mouzinho nas suas velas de leitura; e no artigo resultante da romagem, escrevia, deleitado: a «magnífica comparsaria!» Não lhe faltara razão para supor-se transportado, um instante, àquela selva *di spiriti spessi,* que entoou Dante, na sua passagem pelos Limbos.

A esses escritos, em que, de uma ponta à outra, Mouzinho mais cuidou da forma, é no entanto de fazer ressalva o conto *Xano Poy,* em que aparceirou com o seu camarada Pereira de Eça, e que Queiroz inseriu na *Revista de Portugal.* Chegara havia pouco de África, tendo-se experimentado governador no distrito de Lourenço Marques. Antes, estivera na Índia, de onde trouxe efusões de exótico, transparentes nas figurinhas do conto e no seu sussurro de sedas... O exotismo não deixava, então, de andar em moda. Páginas e colecções dos Goncourt haviam concorrido primacialmente para que se generalizasse o caprichoso favor. *Xano Poy* não passou de aventura, e provava no entanto, possibilidades plásticas e de ideação só necessitadas de tratamento, — a sua consideração a sério. Nem Mouzinho nem o companheiro porfiariam na literatura de ficção, experimentada de bom agouro. Mouzinho nunca havia de estar nela como em casa própria. Demasiado grande acumulador de energias, e até suscitador de destinos, (não fez ele a Moçambique-nova?) por efeito desta fatalidade de temperamento, jamais sua vocação literária conseguiria autonomizar-se, quanto mais votar-se a recreações de arte pura. O mais que alcançou, no curso de uma vida forte, sacudida de rajadas, foi intermitentemente manifestar-se no avulso de alguns escritos. São de lembrar, como outros tantos factos duma escusa natureza estética: a carta à Alteza adolescente, e que era um manual de educação de Príncipe; *Natal no Limpopo,* «impressão» lançada ao papel, talvez sobre o mesmo cunhete que servira de mesa à ceia escassa, em pleno mato, na patética insegurança das horas, da fortuna. *Moçambique* foi o primeiro livro que Mouzinho decidiu escrever; seria o seu livro testamentário. Não chegou mesmo, ao que parece, a esboçar a biografia do avô, — aquele Luís Mouzinho que pudera ter sido o seu *demon,* na acepção que dava ao termo o velho grego. A obra pertence inteiramente à história administrativa e política do Ultramar, sem deixar de ser, por um grande número de páginas, no-

bre e sóbria peça literária. É provável que ela não haja tido mais que uma redacção. Porque Mouzinho possuía, a par de uma elevada noção da obra de arte, uma admirável e funesta capacidade de improvisação. «O que torna mais notável o caso de Mouzinho, — observa José Osório de Oliveira num dos seus ensaios — é que ele foi, sem dúvida alguma, um espírito literário» que «evitou sempre fazer literatura»... Teve um estilo, naturalmente belo, com a vibração nervosa duma lâmina, do seu próprio ser... Era um estilo pessoal. Mas isto mesmo é o que, no fim de contas, está na base da arte de escrever.

Há, pois, razão para trazer à camaradagem das Letras o herói da épica carga de cavalaria de Macontene.

A M A D E U C U N H A

«Desenho» — Magalhães Filho.

# N O I T E

O dia adormeceu na tristeza do vale fundo,
a noite vai abrindo as asas lentamente no ar,
e, unida ao silêncio, é um instante da criação.

Aquele pressentimento de luar
lá longe no horizonte grávido
estremeceu em ondas as águas de um velho coração,
— mar sem praia e sem fundo, mar convulso e pávido
em que o mundo vem todo desaguar.

O gado plácido e pesado
que pastava pacìficamente pelo prado,
desapareceu do tempo, à luz da lùa cheia,
e gravemente rumina a silenciosa eternidade que o rodeia.

# TREVA E PEDRA

Lançado por um céu sem tempestade,
de claras nuvens de surpresa e de verdade,
o raio ardeu azul e me feriu:
a poesia de tudo se esvaiu,
e tudo ficou sendo pedra e treva,
— o caminho que traz e o caminho que leva,
as preces, as blasfémias, estas queixas,
as vestes, o ar, o pão, o vinho, e os peixes
nos rios e no mar sem movimento.
A ampulheta se encheu de pedra e treva num momento,
e o silêncio da morte, os sons da vida, e os astros todos,
carregados de fogo, de éter e quimera.

Agora é bom ficar de bruços no profundo,
sem mais dormir, aqui onde não há mais mundo,
aqui — no vale antigo só de lobos —
à espera.

# MOMENTO

Eu sofri a imensidão da minha pequenez
quando a iluminaram os teus olhos sem fundo,
em que imagem nenhuma se reflecte,
os teus olhos equívocos, longos e esquecidos,
teus olhos de sibila, de criança e de madona...
quando a tua voz de inumana densidade estremeceu o silêncio
com a música de um tempo, de um mundo, de uma vida
há muito perdidos em não sei que abismos sem memória,
e a sabedoria da tua palavra isenta
ainda mais dilatou a aura do teu mistério...
quando o teu sorriso sem sentido
pousou uma infância na gravidade dos teus lábios...
quando no espelho severo do teu rosto
a própria unidade essencial da beleza
se multiplicou em formas inconscientes de inesperadas criações...
quando a leveza das tuas mãos decorativas
fez florejar no êxtase do ar o esboço evasivo de um gesto,
e tombou, de novo, na solitária paz da sua indiferença...
quando aos meus perdidos olhos
tudo se integrou e se fundiu na tua presença numerosa
e, atrás, muito atrás da tua alma de névoas, de nuvens e neblinas,
todas as revelações emudeceram para sempre...

A B G A R R E N A U L T

# RELATÓRIO

NÃO houvera o Justino *Lã Branca* uns dentes postiços, e, apesar de já homem e de vestido à cidade, estou certo de que o teria imediatamente reconhecido. Há reminiscências indeléveis, e ele, em garoto, de sempre andar a escarafunchar com um alfinete a fresta dos incisivos, arranjara a estalar-lhes o esmalte, donde proviera armar-se lá um buraco, orlado de feio tártaro. O Justino, então, fazia até gala na asneira. Depois do alfinete, passara a caber uma tachola — o pai era tamanqueiro —, e ficara-me bem presente o seu riso, com ou sem a cabeça da tachola entre as favas, à laia de «gato» de galego «compõe louça e amola tesouras e navalhas».

Não havia eu de recordar-me!

Outras vezes não era a tachola, mas um botão de rosa, ou um cravo, e, se passavam moças, o Justino sorria-lhes assim — galante e já muito passarão —, dirigia-lhes graçolas e chulices que faziam vibrar cada pétala de palheta sonora. — «Ó Coisa! Sempre já tens um pedaço dumas tetas, que parecem dois meninos pequenos!»

Não só esses risos me tinham ficado, também o cabelo cor de estriga que lhe valera essa alcunha de *Lã Branca,* posto que não era assedado, antes selvagem e com derropio à frente. Abria-lhe agora risca e acamara-o, mas, não houveram sido os dentes novos, de porcelana escarrada, e tê-lo-ia reconhecido.

É que o Justino servira-me várias vezes de «secretário», título que eu atribuía aos garotos que recrutava para me acompanharem à caça ou à pesca e levarem a sacola do almoço. Um coral, o Justino! Dos melhores «secretários» que topei! Se num levante abatia duas perdizes, enquanto o cão abocava uma, ele atirava-se para a outra, por cima de tojos e de calhaus, de olhos pardos a relampejarem. «Secretário» de mão cheia! Garotão como só os queria e me agradavam, mas fiel como um irmão, talvez por isso, pois, em crianças e homens, é fugir sempre dos sacristas.

Ia ali na minha frente, silencioso e a fumar, aquele rapaz bem posto, cuja fisionomia, sim, não me parecera de todo estranha. Chego ao

ponto de aceitar que, não fora o interesse de ler qualquer notícia de jornal, o que me distraiu, haveria acabado por o reconhecer. O facto é que me distraí, e o comboio rodou, fartou-se de rodar por mais de meia hora, antes que esse companheiro de viagem se me dirigira. Pelo que depois disse, ele é que poucas dúvidas teve, logo que entrei, de que eu era o senhor engenheiro Miranda, que havia quinze anos caíra na terra dele, nos estudos daquele caminho de ferro, afinal ficado em projecto.

Rodava e rodava o comboio, e, longe de o cuidar, o Justino ia a estudar-me todos os modos, o feitio da cara, os tiques que teria: morto por uma certeza, já certo mas receando ter-se enganado, também a guardar-se de ser mal atendido, embora, da minha parte, isso lhe parecesse impossível. E aqui é de filosofar, ràpidamente embora, sobre dois pontos. O primeiro, de que o Justino já teria aparado seu coice de algum pedaço de asno a dar-se ares, o que é prato corrente, — o outro, de que muitas vezes há-de acontecer irmos a ser observados, irem até a pretender arrombar-nos o crânio, para descobrir o que pensamos...

O comboio rodava, e, de repente, por ter reparado que eu trazia na rede a mala da espingarda, o que lhe renovou a confiança, o Justino venceu-se e dirigiu-se-me, alvoroçado:

— Vossa excelência, desculpe... Ele vossa excelência não é o senhor engenheiro Miranda, que esteve lá na minha terra, em Várzea, já lá vai um ror de anos, era eu moço de pé descalço, e aos domingos botávamo-nos os dois às trutas, por aqueles ribeiros?...

— Ó Justino! Ó patife!

Nenhuma alegria supera a de compreender que deixámos saudades, que ficou alguém a lembrar-se de nós: — esta sede de eternidade, afinal, e de amor, que tudo é a mesma coisa...

Abracei-o e abraçou-me: eu, pelo menos, como se apagara quinze anos de vida, como se volvido a um tempo que então me pareceu detestável, mas que sei agora — tarde! —, ter sido bem feliz. — Poucos ou nenhuns cabelos brancos, e, sobretudo, a inocência de que pudesse haver tanto e tão amargoso fel...

Riram, os olhos do Justino. Depois que eu deixara Várzea — recordava-me eu disso? — , já duma vez nos tínhamos encontrado em Lisboa, no Rossio — recordava-me eu disso?

Recordava-me, de facto, nem sou pessoa esquecida, antes a memória me trabalha de ficheiro, donde às vezes até sai o que a muitos conviria apagado. Sim, recordava-me. Só que, então, além de ele pouco ou nada ter mudado, matara-o logo pelo buraco entre os dentes, já maior e mais amarelo.

— Burrices de quando se é canalha ! Já vejo que foi por via disso que vossa excelência não me conheceu agora. Burrices de quando se é canalha ! Pois eu, deu-me logo o coração um pincho ! — Tate, que ele não pode ser outro ! Tate, que ele é o senhor engenheiro Miranda, o que foi por lá ensinar aquelas gentes como se caçam trutas com uma borboletinha de penas de galo no anzol...

Comoveu-me, o Justino.

⁂

Enquanto o comboio seguia e ele para ali badalou, a contar de quanto sucedera em Várzea, depois que a deixei, a um tempo que o escutava, que não perdia pitada e lhe fazia perguntas, mentalmente repercorria também as andadas de então: esse capítulo da vida para sempre encerrado com o *R. I. P.* dos mausoléus.

Ia eu seguindo assim de comboio, a caminho de Lisboa, cheio de frio, e também a abafar de calor, dentro duma *camionette* de carreira, entalado entre um cónego e uma senhoreca de quico vermelho, a quem a criada tratava de senhora dona Flausina: raio de nome que nunca mais pude esquecer.

Ah, que eu não ia de forma alguma com disposição de sorrir ! A *camionette* rodava, rodava mal e porcamente, quando algum automóvel a cruzava ou ultrapassava ficávamos a comer pó, a beber pó, e a paisagem nada era comparante à da lezíria que percorríamos agora, mas de montanha áspera e com pedriscos, ralamente ponteada de sargaços brancos. Preocupava-me fundamente a fase da vida que ia iniciar, semelhante à de quem pela primeira vez perde terra de vista, e nasci com a desgraçada sina de sempre fazer tudo mais dificultoso do que efectivamente é: causa por que os atrevidos, os que nasceram com o chamado «complexo de superioridade» sempre hão-de passar-me adiante, fartem-se embora de asneirar, fortes de jamais perceberem que deram raia grossa: até porque, as mais das vezes, só de tal dá conta quem não tem voz activa nem passiva.

Tentava fortalecer-me com o pensamento de que tirara com distinção carta de engenheiro, figurava-me os casos mais difíceis, as hipóteses mais improváveis, e logo teòricamente lhes dava furo, nada no entanto me espancava aquele medo, aquela falta de confinça em mim próprio. E ia escutando o que dizia o cónego, que não tardou em discutir a projectada linha... Mais dia menos dia, estavam lá a rebentar novos en-

genheiros, que precisavam ser tesos e disciplinadores, pois havia capatazes insubordinados. Então um tal, de alcunha o *Esfola,* era homem de coser a facadas o mais pintado, à menor reprimenda...

Aqui, eu que já confessei cobardia ante o que afecte moralmente, julgo ter o direito de declarar que sou de todo alheio à cobardia física. A notícia do tal *Esfola,* deixou-me indiferente, e acresce que pensara e assentara, de há muito, as circunstâncias em que devia puxar da pistola e desfechar, o que me livraria de hesitações, se o momento viesse. Livraria e livrará.

O cónego, porém, aludia de igual sorte a poucas-vergonhas — os engenheiros precisavam de muito lume no olho! —, e isso era mais sério, pois se estudar um traçado é próprio de engenheiros, ser polícia evidentemente que já não, e só sou capaz de viver a confiar nos outros, a tê-los por homens de bem, a olhá-los nos olhos.

O meu caso, todavia, o mal-estar daquela viagem de *camionette,* nascia de um conjunto de circunstâncias. Antes de tudo, se saí engenheiro, odeio ser engenheiro. Do que gostava era de ter seguido Belas-Artes. Nas horas vagas, desenho. Todos os livros técnicos os fechei num quarto escuro, estão de lazareto, só por necessidade os consulto. Pior: consulto-os como se bebera sal-de-azedas. O que frequentemente folheio, sim, são as minhas reproduções de Matisse, de Dali... E também tento escrever, mas nunca soube nem saberei encontrar editor, pelo que hei-de legar aos ratos banquetes de papelório.

Este o mal de raiz, o de uma carreira errada, o qual no entanto haveria sido atenuado, se, como todos os meus haviam suposto, nunca viera a precisar utilizá-la.

Ora, dentro daquela infernal *camionette,* ia eu ainda de luto por meu pai. Exactamente essa morte é que determinara, ou, antes, revelara o imperativo de ser engenheiro a valer. Dera-se a hipótese que levara minha família a aconselhar-me curso capaz de ser enxada. Houvesse eu desprezado o conselho, e é provável que tivesse já passado fome: dura verdade. Não por meu pai ter sido gastador, pelo contrário, mas a guerra depreciara títulos de crédito, reduzira a papel capitais que anteriormente valiam ouro, acarretou mais percas. Acrescia que meu pai, tão novo ainda, ganhava bastante, e com alegria, pois sempre gostou de ser engenheiro. Ficaram assim quase a meu cargo minha mãe e minhas cinco irmãs.

Ah, ia bem deprimido, na infernal *camionette,* pois estas circunstâncias materiais as amalgamava agro cimento moral: o vácuo da atmosfera familiar, que pela vez primeira deixava: as lágrimas dos meus: o

abraço tão arrochado, tão faminto, da minha irmãzinha Luz, apenas de cinco anos: a falta de meu pai, das palavras que tão bem saberia dizer-me, se da morte pudessem vir palavras.

Usa a vida acirrar as consumições de cada qual, e, na passagem por Vila Velha, onde precisei demorar-me dois dias, deu-se ainda por cima um facto capaz de azedar quem não seja santo, e eu, infelizmente, nem o era nem o sou.

Aconteceu que, antes de me deitar, fui aos cigarros a um estanco. Ali me calhou ouvir uma notícia, dada ao estanqueiro por um carrejão de língua torpe. Acabava de chegar ao hotel um automóvel de luxo, «uma espada que é da gente ficar varado!», e, nele, uma rapariga e um rapaz, ingleses. Bem postos e bem parecidos, aquilo deviam ser noivos, ou negócio que o valesse...

Não dei atenção de maior à novidade: a bem dizer que só no dia seguinte aquelas palavras me atingiram os ouvidos. Entrei por isso com certa curiosidade na sala, e, espantado, quem logo avistei foi o meu amigo e condiscípulo *X*, portuguesíssimo, em companhia duma senhora efectivamente estrangeira. Correu o *X* a abraçar-me e almocei à sua mesa: valeu-me, para compreender *miss Z*, o cândido inglês que minha mãe me ensinara.

O *X* era riquíssimo (veio a morrer poucos anos depois num desastre de aviação), andava a mostrar Portugal a *miss Z*, jornalista que havia conhecido na *Riviera*, partiam muito breve, que ia abrir em Paris o Grande Salão de Automóveis.

Com eles andei, nesse dia, mais por aqui, mais por ali. Que doces, as molas do automóvel! E que segurança, que à vontade, o *X*, a falar como se na vida não houvesse barreiras nem dissabores: peixe na água! Não o invejei — e decerto por maior pecado, o da vaidade, que me levava a presumir de compensado por dotes que o *X* não lograva —, mas, negrume na alma, sim que senti. Acaso diabólico, o desse encontro, que mais patente e evidente viera mostrar a minha condição de pelintra. Dono fosse eu da décima, da vigésima parte da fortuna dele, e já poderia trabalhar no que gostava: meu eterno cavalo de batalha. E não precisaria apartar-me dos meus, a minha irmãzinha Luz não teria ficado a despedaçar-se em soluços, não me esvoaçaria ainda nos olhos o lenço dela, a acenar, a acenar, e passearíamos sempre que nos apetecesse, dar-lhe-ia quantas bonecas cobiçasse... Com a décima, com a vigésima parte do dinheiro do *X*! E não me enoiteceria o coração ver-me assim baldeado em terras desconhecidas, para mais a tomar tento com as menores despesas, ferido sentimentalmente e moralmente: diminuído.

Andei com eles e ri. Que bom companheiro acharam que eu era! E até rabisquei uns esboços de monumentos, a pedido de *miss Z*, que depois chegou a publicá-los, em crónicas de viagem.

Nessa mesma tarde partiram (o motor do automóvel parecia mastigar seda), e aí meia hora depois entrava eu para a infernal *camionette*.

⁂

Continuava o Justino a badalar.

— Ouve, *Lã Branca*, agora já podes dizer... Sempre foram os teus irmãos que escacaram os candeeiros?!

Riu, o *Lã Branca*, e tão garotamente, como se para tal riso recuperara os dentes furados.

— Como cavacas, senhor engenheiro! Eles quatro a mais o filho do *Fidúcias*! Ele o senhor engenheiro ainda se lembra do *Fidúcias*?

— Lembro, Justino, lembro!

— Olhe, enforcou-se! Mas eu já conto como foi isso dele se enforcar. Pelo que toca aos candeeiros, partida mais bem pregada! Pois se nunca os acendiam, que estavam lá a fazer?! Ah, mas ninguém piou, por mais que o Administrador apertasse uns e outros, senão depois já sabia o que lhe acontecia... Lá na nossa terra é assim! Quem fala, come... Isso dos candeeiros, sempre foi uma boa partida! Já que não serviam para coisíssima nenhuma, serviram para uma pândega... Eram catorze, ao todo. Não, minto, quinze, esquecia-me o de São Brás. Ó senhor engenheiro, quinze candeeiros, com quatro vidrinhos cada! Não, minto, oito, contando com os mais pequenos, de cima. Oito vezes cinco quarenta, e vão quatro, oito vezes um oito e quatro doze! Cento e vinte vidrinhos, se não me enganei na conta, ali em fanicos num ai! Que estardalhaço! Toda a gente cuidou que tinha sido à pedra, mas não! Foi à varada, assim como quem vareja castanhas! Ai o Administrador, que ficou pior que um urso... Bem quis tirar nabos da púcara, mas nicles...

Espantosa, a vila de Várzea! Boa gente, afinal, boa de lei! Suponho que fiquei a conhecer-lhe a índole: hospitaleira mas feroz: ai de quem não queira entendê-la! Que alegria me deu, saber que deixara lá saudades, que às vezes ainda por lá falavam de mim...

E a gana geral, de ricos e pobres, ao Dr. *Fuinha*, alcunha do Administrador, um porcalhão que chegava a passar mal, dava dinheiro a vinte

e cinco por cento e tinha um estribilho: — «Quem manda em Várzea sou eu!»

Quando viera a lei que proibia dar dinheiro a mais de dez por cento, o Dr. *Fuinha* arranjara logo as coisas: — «Ah! Não! Eu agora só recebo dez por cento... Mas o que digo é isto, por exemplo, a quem mo pede: — «Olha que tens de me fazer aí uns vinte carretos de pedra, para as obras que trago no muro do lameiro das Cobras!» Ou, então: —«Apresenta-me aí umas cinco liaças de arame, que ando a reformar a vinha do Freixial!» Ou, então, quando não preciso de nada, nem de cigarros, eles entregam-me os dez por cento, nem um vintém a mais, e dão o resto à criada. Está visto que ela, mal saem a porta, mo passa logo para a mão!»

O notário é que folgava, pois a cada passo o Dr. *Fuinha* fazia e desmanchava testamentos, consoante se desaguisava ou congraçava com a criada.

A tal história dos candeeiros nunca me havia passado, até por ligada ao estado de espírito em que cheguei a Várzea. Irra, que também era de mais! É que, poucos dias passados, seriam onze da noite, saí da pensão da senhora Joaquina, tia do Justino, «a melhor da terra», ainda nada conformado com os fados que me tinham desterrado para tão asselvajados sítios. Ia deitar ao correio uma carta, e não se via um palmo adiante do nariz. Só por milagre não esbarrei num carro de mato arrumado à valeta, mas ainda me raspou por uma orelha um pico de tojo. Pedia, nessa carta, uma lâmpada eléctrica. Nisto fui assaltado por uma data de cães, de que só ouvia os ladros e via a brasa dos olhos, a foguearem no escuro, sulfurosos. — «Arre, canalha!»

E eram uns por uma banda, outros por outra, estava cercado, iam-se atrevendo mais e mais, pouco tardaria em filarem-se-me. — «Arre, canalha!»

Em tais assados é que soltei um tiro para o ar, e foi remédio santo, que partiram as pernas a fugir!

Que terra, santo Deus! Ora daí a minutos, já de volta e no quarto, ouvi que dalguma janela próxima caíam vidros. Pensava que teria sido vidraça que batera com o vento, mas logo fiquei intrigado, pois de momento a momento mais vidros se estilhaçavam. Estranho caso!

No dia seguinte não se falava de outra coisa. Uns malandros, uns bardinos, tinham escaqueirado os candeeiros da iluminação pública. A suspeita geral era de que haveriam sido os irmãos do Justino. Tinham até dado um tiro: senha para começar a festa... O que valia é que o Administrador já sabia, de certeza, quem era o dono da pistola, e os cabos iam passar-lhe busca...

A cara do Administrador, quando lhe fui contar como fora isso do tiro !

Mas se ele estava certo, certíssimo, de que dono da pistola era o *Melúrias*... — «Pois nisso está vossa excelência enganado ! O tiro dei-o eu, por via duns cães. A não ser que tivesse havido dois tiros...» — «Não, foi um só ! Ora como as coisas às vezes são... Vá-se lá a autoridade fiar no que lhe trazem... Pois fez vossa excelência muito bem, senhor engenheiro. De facto, essa canzoada do Zé Mouco precisa de ensino, mas eu ando já há muito a pensar na reforma das posturas, tanto mais que já aqui há anos me comeu uma galinha...»

⁂

— Ouve, Justino, e a tua tia, a senhora Joaquina?

Pelos olhos do Justino passou uma sombra.

Ah, a pensão da senhora Joaquina ! Quando finalmente saíra da infernal *camionette,* chegado o termo da viagem, logo me indicaram a pensão da senhora Joaquina, «a melhor de Várzea», casa denegrida e de um só quarto, onde a própria senhora Joaquina dormia, se não lograva hóspede.

Que só me encontrei na pensão da senhora Joaquina, onde comiam também o praticante de farmácia e um *chauffeur,* o senhor Almeida, Tenório de bigode à americana que trazia malucas umas e outras, a própria senhora Joaquina, apesar de cinquentona, que dele tinha ciumeiras ardidas ! Ser só era estar assim: desconhecer quanto me rodeava, ninguém saber nada de mim, tudo me ser estranho, e eu também a tudo. E ali passei dois anos, pela boca da senhora Joaquina ali me fui assenhoreando da intriga da terra: minúsculo e infinito mundo. Todas as manhãs, enquanto me barbeava ao espelhinho que dependurava da janela, via passar a Matilde. — «Esta rapariga já esteve para lhe acontecer uma desgraça ! Ele sempre Deus botou ao mundo cada malandro !»

Moça perfeita, a Matilde, que lindos olhos pretos ! O pai arrematara o transporte do correio, mas quem alombava com as malas era ela. Muitas vezes a encontrava na estrada, ao escurecer. — «O Senhor lhe dê muito boa noite, senhor engenheiro !» — «Muito boa noite, Matilde !»

Pois todas as manhãs, quando assim passava, o caso referido pela senhora Joaquina se me apresentava ao vivo. — «Havia aqui um home, saiba vossa excelência que atirador de truz, ai isso levava por aí a caça

toda a eito, mas um criminoso, e dos maiores... Já tinha de acabar mal e está na Costa da África, chamavam-lhe o *Pistarolas*. Pois do que o excomungado se havia de lembrar... Isto, quando um traz o diabo no corpo... E tão falto de pejo que não se arreceou de convidar outro para o crime! Esse outro é que não quis e contou depois tudo, quando o *Pistarolas* saiu culpado, por esbandulhar na Feira dos 17 um contratador de porcos...»

Passava assim a Matilde sob as janelas do meu quarto, e eu via-a era entre uns codeçais, morta de muitos dias, para lhe roubarem a mala que levasse o dinheiro transferido pela Tesouraria de Finanças, plano do *Pistarolas*.

— «O brasileiro, o senhor Morais, dizia-me a senhora Joaquina, ai isso é a pessoa com mais sorte que Deus ao mundo botou! Foi para esses Brasis e veio de lá rico, ainda lá tem uma casa de negócio muito forte. E depois já cá lhe saiu a sorte grande, uma porrada de centos de contos! Mas a verdade é que o Senhor às vezes faz as coisas bem feitas, e ele lho acrescente, que o senhor Morais não tem chieira nenhuma e é por aí o pai de toda essa pobreza. À pobreza, que por aí vai, muitos haviam de querer uma tufa de pão e não a terem, se não fosse o senhor Morais. Ele é milho, ele é lenha, ele até é sua garrafinha de vinho fino, quando algum padece do peito. Dá tudo! Já o Celestino...»

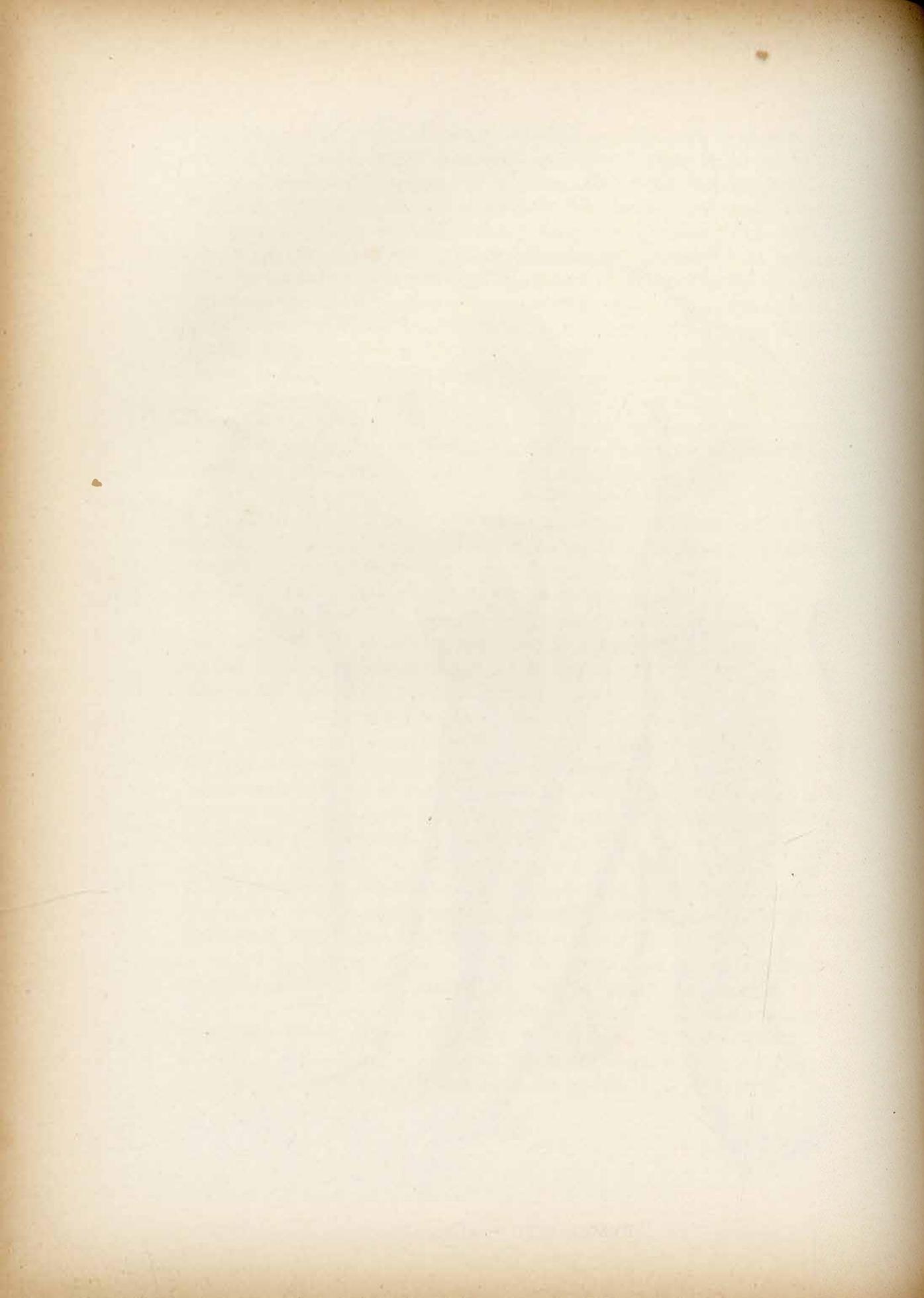
Celestino era outro brasileiro, Celestino Ventura, que também voltara rico, embora menos. Todas as tardes o Celestino ia jogar o *poker*, baratinho, para uma sala da Câmara. Chegavam, da janela à rua, as apostas do Celestino, os seus piques e repiques fantasiosos, no intervalo de dar cartas: — «Um conto de réis! Quatro contos de réis!»

Tais vozes assarapantavam cabreiros e cavadores que passassem. — Que rico era o senhor Celestino Ventura, santo nome de Deus! Que assim ele jogava a matar...

Pessoa diplomada, que por isso devia pescar de tudo, cheguei a ser consultado pelo Celestino, sobre uma letra, aceite pelo Marquês de Brinches.

Engenheiro e pelintra, olha eu a perceber de letras de câmbio... Contou-me todavia o notário que o Celestino, farto e fartíssimo de saber que o documento estava legal, fazia sempre aquela consulta a quem chegasse a Várzea, maneira de participar que o Marquês, tão grande fidalgo e tão rico, lhe devia oitenta contos de réis...

— «Ai o que o senhor engenheiro foi fazer!, dissera-me certa vez a senhora Joaquina, — quando tal, a estas horas, já a senhora dona Manuela está a comer muita pancada... Coitadinha, tão boa e tão séria, ai lá isso ninguém tem nada que lhe dizer, e o carrasco do marido não a larga!

BARATA FEYO — «*Desenho*»

Não sei se sabe que ele casou tarde, e bem se vê, que a senhora ainda mal há-de ter trinta anos...» — «Mas então que foi, senhora Joaquina? !» — «Pois o senhor engenheiro não esteve lá no baile, não dançou com a senhora dona Manuela?» — «Mulher, dancei, e que tem isso?» — «Já se cá sabia, que o disseram as criadas... Agora à noite, depois de despida, a senhora dona Manuela tem uma peleira com a fivela do cinto por aquele corpo, tão certo como eu ser Joaquina! Se calhar até foi ele que veio ateimar com o senhor engenheiro para dançar...» — «Pois foi, agora reparo, já a senhora Joaquina vê...» — «É o costume, é o costume... Convida os amigos para casa, ateima para que dancem com a mulher, e depois dança ele. Então, como se andasse muito satisfeito, vai-a arrastando para os cantos da sala e chama-lhe lá os piores nomes, até com licença, p..., chega a cuspir-lhe nos peitos pela abertura do vestido... É um carrasco, senhor engenheiro, não é homem, é um carrasco! Por isso a senhora dona Manuela, depois que casou, e era uma menina tão alegre, nunca mais ninguém a viu rir. Sempre aqueles olhos pisados...»

E no entanto o Celestino, falava-me às vezes de poesia. Imaginasse que tinha em casa um livro de versos lindíssimos. Eu devia conhecer, de Casimiro de Abreu. E sabia coisas de cor, cantava-lhes todas as sílabas, enternecido: — «*Se eu tenho de morrer na flor dos anos, / Meu Deus! não seja já; / Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde, / Cantar o sabiá!*»

Satisfeito e importante, lá o via ainda pelas ruas, barrigudo e pesado, bem longe da flor dos anos, a dirigir gracinhas às raparigas. À porta da botica, sempre sem nada que fazer, o boticário fazia-lhe todavia cara de réu, neurasténico e torrado do sol. — «A mim é que ele não come, que já por cá ando há muito...»

Que de pessoas conhecia o Celestino! Tudo pessoas da alta! — «Oh, fulano! Imagine que somos íntimos, ainda há tempos me escreveu, por causa dum empenho para beltrano, que é como se fosse meu irmão!»

O piano do Celestino era esplêndido. — «Imagine! Um piano como só deve haver mais dois ou três, no nosso país...»

A instalação da água quente, ligada ao fogão, era esplêndida. — «Imagine! Do melhor que se fabrica no estrangeiro...»

O mobiliário era esplêndido. — «Imagine! Tudo feito a meu gosto, por um marceneiro habilíssimo...»

A caligrafia era esplêndida. — «Imagine! Até no Brasil todos me invejavam a letra... Uma letra lindíssima...»

O passadio era esplêndido. — «Imagine! A minha mesa é a melhor do distrito... A do Morais nem se lhe compara...»

Todo o filé do Celestino era fazer sombra ao Morais.

Imagine ! Imagine ! Imagine ! O estribilho do Celestino voltava-me, como se ele e não o *Lã Branca* fosse ali no compartimento.

A mulher trazia sempre os olhos pisados, sim, como denunciara a senhora Joaquina. E todos os anos engravidava.

— Dizes então que morreu, Justino?

— Arrebentou, senhor engenheiro ! E a senhora foi logo atrás, acho que tísica, não ficou para casar com outro, como ele tantas vezes lhe dizia. «— Assim que eu fecho os olhos, arranjas logo um mais novo, p...» — Olhe, um dos filhos mais pequenos, mas ainda o pai era vivo, e pouco se importou com isso, chamou um dia da janela a moça da engomadeira, a Florinda. A Florinda veio logo também à janela, a ver o que lhe queria. — «Florinda, vou-te matar !» — Vai daí despejou-lhe um tiro de Flaubert em cheio na cara, de brincadeira, e o chumbo vasou-lhe ambas as vistas !»

Perguntava-me, o Justino, se eu ainda guardava luzes da Florinda, uma rapariga magrinha e fininha, de olhos verdes, que namorava o Zé *Chelo,* um que tocava figle.

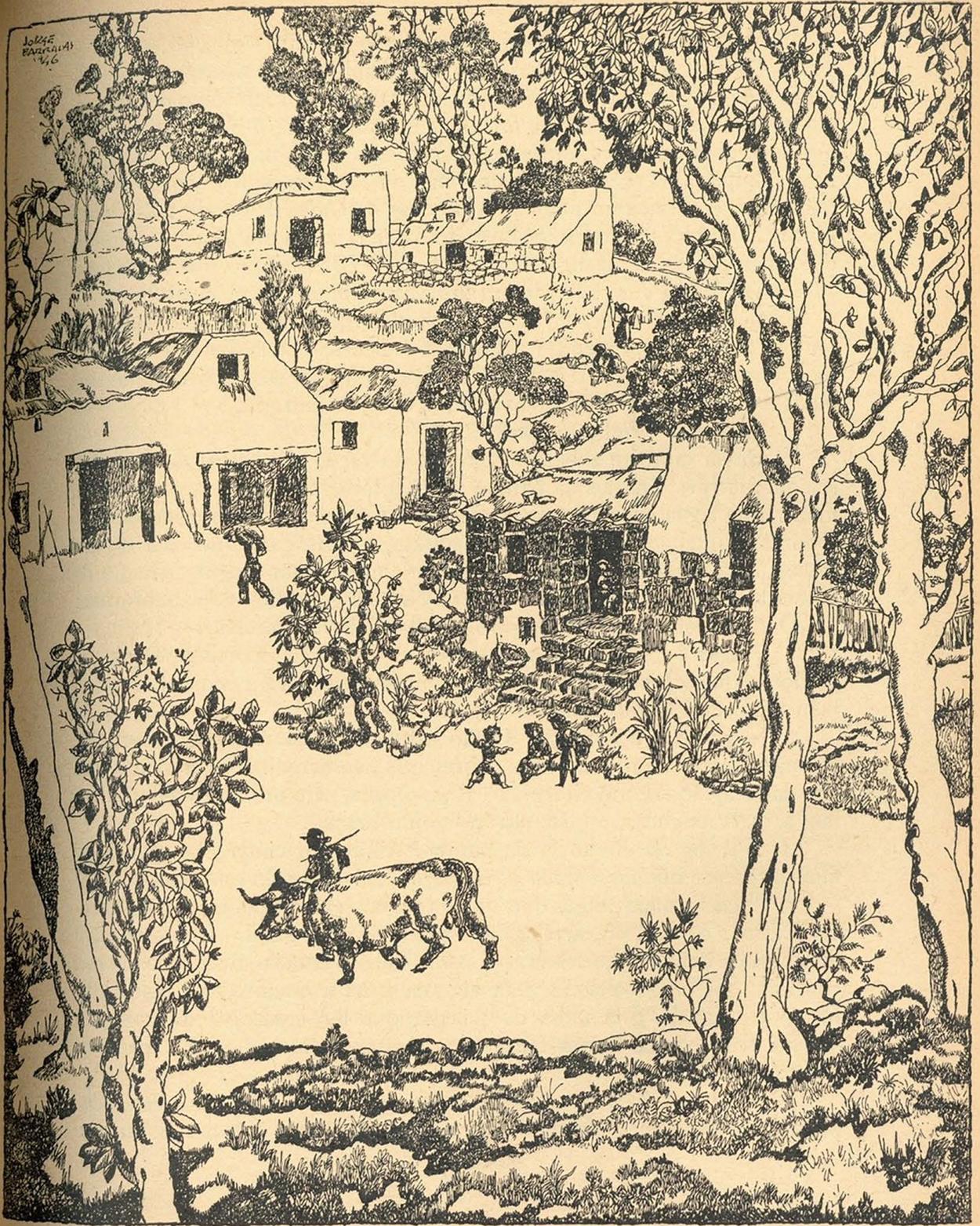
Ah, a Florinda, a mais pura voz de rapariga entre todas as de Várzea, que aos domingos, de braço dado, como grinaldas, iam a cantar pelos caminhos !

— E esse *Chelo,* claro, depois já não a quis...

— Casaram, senhor engenheiro, assim mesmo cega, e dão-se como Deus com os anjos ! Até já arranjaram quatro meninas e um mocinho, e a mais velha é mesmo a cara da mãe ! E ela continua a engomar para fora, parece que lhe nasceram olhos na ponta dos dedos !

— E cantar, ainda canta?

— Ai cantar, isso não, mas cantam as mocinhas, que até parece que têm passarinhos na garganta !

Do Zé *Chelo* é que eu não estava bem certo, mas isso de tocar figle, avivou-me a lembrança da vilinha musical, onde todos nasciam com óptimo ouvido, onde todos, mais ou menos, tocavam seu instrumento. Avivou-me a lembrança de noites de Inverno, em que se ia rua fora, pelo escuro de morte ou sob as estrelas, e, de casebre sim, casebre não, ou golfavam escalas de requinta, pó-pós de trombone, floreados de clarinete, ou notas de solfejadores aplicados. E ainda os bandolins, as guitarras e violas da tuna, fundada e regida pelo *Palúrdio,* que só tocava músicas do *Palúrdio:* valsinhas e polcas, ordinários e até já tangos, tudo inspirações do *Palúrdio,* que lia a pauta como quem lê um jornal e não sabia ler um jornal. Nome por que mal dava, o seu, de José Lopes, visto que toda a vida acudira pela alcunha. — «Eu cá, se ouvir «Ó Zé Lopes !», até nem reparo. Mas quando oiço «*Ó Palúrdio!*», finto logo a orelha.»

Várzea, a vilinha musical, ilha de melodia entre serras!

Ditador acatado, o *Palúrdio,* que sabia vários instrumentos, de sopro e de cravelha, que podia assim mostrar a cada tuno como devia executar a sua parte, que tratava de bestas e de burros os que não atinassem, que ia ao ponto de dar croques e carolos com a batuta nas orelhas dos mais novos, implacável e ríspido. Mas no final dos ensaios, volvido ao *Palúrdio* bonachão, entrava com todos pela taberna da *Gaia,* deitavam todos uma pinga. No intervalo dos quartilhos, ainda se ia a este ou àquele, momentâneamente feroz, a mastigar uma bucha: — «Então? Ficou-te no casco? *Li li li lirá liré!* Pausa! *Li liré lirá liró!* Ficou-te no casco, burro?»

Quando saía com a tuna, mormente pelas festas de ano, em que sempre timbrava em oferecer primeiras audições... De baixo que era, parecia o mais alto, rígido e germânico, menos a servir-se da batuta que dos olhos e do queixo. Com o queixo é que dava as entradas.

Várzea, a vilinha musical!

Havia também a banda, a cargo do *Tição,* que além de Regedor era guarda-rios. Ensaios da banda, assim a tocar num alto, ouviam-se em mais duma légua em torno, eram sinal de rio franco a toda a casta de maroteiras, a queimarem-no a cal e a sulfato, a causticarem-no com troviscadas, até a rebentarem-lhe, nalgum açude mais distante, seu cartucho de dinamite. E os trombones e a caixa, do cimo, a garantirem aos patifórios: — «O *Tição* está aqui, bem seguro! Andai lá à vontadinha!»

Pragas e mais pragas que eu rogara ao *Tição!* Por isso, Deus me perdoe, o que o Justino agora contava, quase me levava a pensar: — «Foi bem feito, muitíssimo bem feito!»

— Justino, tem graça! Então esse *Tição,* no meio duma grande trovoada, estava numa taberna a dizer que não acreditava em Deus, que isso da Religião era tudo intrujice! E de repente caiu um raio, que não fez mal a mais ninguém, e a ele partiu-lhe um braço...

— E logo o direito, o da batuta! Ainda por cima acho que ficou mouco, parece que lhe estalou os *tímparos*. Devia ser do estrondo.

Pragas e mais pragas que eu lhe rogara, sempre que topava o *Coxelas* a armar cordas, ou, arregaçado até às virilhas, galho negro e seco, a meter pelos toufões aqueles braços como linhas, aquelas manzorras como ganchas, que raro voltavam sem alguma truta a contorcer-se, imediatamente paralizada pela unha do polegar que lhe enterrava na cabeça: choupa temível que nunca falhava os centros motores. — «Ah, patifão, que te racho!»

Amedrontado, mas cínico, às upas sobre a muleta, o *Coxelas* escapulia-se, porque eu o deixava escapulir-se, e voltaria à carga assim que

me visse desaparecer. E a charanga do *Tição*, lá no cimo: — «*Terrátáchim, terrátáchim...*»

⁂

Ia o comboio correndo, enquanto o Justino assim me contava as novidades da serra. O Tejo, no entanto, as suas águas amplas e já marítimas não logravam matar-me o ver essa outra água verde e clara que espadanava de pedra em pedra no riozinho de Várzea, e de que sempre os meus olhos terão sede, antes a aproximavam, mais verdadeira.

Nem de propósito, o Justino, perto de volvido ao rapazinho de pé leve e cabelo espantado, recordava os domingos em que, mal luziam as telhas, nos deitávamos a bota-que-bota, por atalhos, para ir apanhar o rio aí dez quilómetros a jusante. — «Não esquece nada, *Lã Branca?*» — «Nadinha deste mundo, senhor engenheiro!» — «A rede-fole?» — «Levo-a aqui enganchada!» — A caixinha das penas, a tesoura e os retroses, o frasquinho de verniz e a cera?» — «Tudo, no bolso de dentro!» — «A sacola do almoço?» — «Vou já deitá-la às costas!» — «O cantil está cheio?» — «Ai, esse é que me passava...» — «Bonito, muito bonito! Lá tínhamos que beber no rio, como da última vez...» — «E o senhor engenheiro? Também não se esquecerá por aí de alguma coisa? A caixinha das plumas?» — «Vai!» — «A latinha das sedielas?» — «Vai!» — «A navalhinha própria?» — «Vai!» — «A cana e o cacifro, claro...» — «Claro, pois claro!» — «E a pistola?» — «A pistola, essa não. Achas que vale a pena?» — «Hoje, acho que sim, visto que vamos passar pelos moinhos do Carrelo. Nunca fiando, com os moleiros, que a fama já vem dos pais e dos avós, de roubarem e de fazerem mortes...»

Bota-que-bota, lá íamos.

Ah, dentro do comboio, que mais e mais me afastava das terras do granito e me entranhava pelas do calcário, ali claramente me sentia o que sou, condenado a prisão perpétua, que nunca mais a corna da vida talvez permita que volte às margens do riozinho de Várzea, feliz e a cantarolar, pássaro livre... Uma pessoa como eu, degredada, devia poder dispor dum autogiro que aos domingos a levara até onde pisasse terra verdadeira: fome que chega a ser angustiosa, donde se colhe que o mito de Anteu, longe de só fábula poética, assentava na essência da alma: nessa, pelo menos. Precisa o homem que é homem de pisar terra, e, quem já prescinde de a pisar, é que passou a bonifrate. Fome de terra! Incomportável e dolorosa fome!

E essa fome trocava ali o Justino aperaltado pelo Justino antigo,

esfarrapava-lhe a andaina e descalçava-o, a mim próprio me revestia a testa escantoada e restituía a alma — a alma, sobretudo —, essa outra alma, afinal, ainda então quase sem rugas.

Lá íamos, lá íamos... Ah, custoso era chegar, chegar fìsicamente, e por isso mais custava, pois nem eram soutos nem pinheirais que nos olhos se me reflectiam, mas já o espumar da torrente, a cair no Poço do Diabo, tampouco os ouvidos ouviam o passaredo ou algum canto de rapariga, mas o bruar da cachoeira. Lá íamos, e nada de circuitar muros: saltávamo-los... — «Daqui por uma hora estamos lá, não, Justino?» — «Bote--lhe mais meia, senhor engenheiro! Em menos do que isso, nem por sombras, que o caminho é estuporado!»

Mas o pensamento salvava espaço e tempo. A poeira de água levantada pelo cachão, lá a atravessava aquele arco-íris perpétuo. Num redondo escavado na rocha, tão redondo que nem moído à broca, o negrume remoinhoso chupava toda a folha ou pauzinho que lhe passasse a alcance. Ai de quem lá caíra, pois comunicava com o inferno e nem a alma se lhe aproveitava... — «Justino, cá estamos!»

Quase sem contrariar a força da gravidade, sem medo de rachar a cabeça ou de esnocar um joelho, descíamos... — «Até aqui tropeámos, Justino. Agora, passos leves, que as trutas são desconfiadas e sentem tudo, nem que seja só o estalar dum guiço debaixo dos pés...»

Ah! Vida plena! Encaixar finalmente a cana! Escolher a pluma, a palpite, estudada a luz e o tom do arvoredo, as mosquinhas e efémeras que voem! O primeiro lançamento, a cuidar não se enganche a linha em galho importuno! E acompanhar a pluma, encerada de fresco, a flutuar na babugem: borboleta ou joaninha a debater-se, por ilusão... E a bocarra da primeira truta, que, de súpito, abre o morrer dalguma corrente ou a espuma que a debrua... — Zaz!, logo a *pancada,* senão percebe que não é coisa de comer, que é intrujice, e bota fora! *Pancada* leve, leve, na conta, não lhe fisgue o anzol só alguma pelica, e rebente! Ela a afundar e a vir à tona! Cada guinada! E cada salto, cada estalo, de prancha! — «Anda agora cá, menina, que já te cansei! Tiro-te com a rede-fole, por causa das dúvidas... — Justino, já nos estreámos! Toca mas é a abri-la, para vermos a cor dos bichos que tem dentro!»

Saltava a navalhinha. O Justino espiava o terrincar do gume nas escamas, o vinco de sangue que logo aparecia, o fender do ventre nacarado, o exame às tripas, as fases da autópsia, cruelmente. — «Cor de pinhão, senhor engenheiro! Tem bichos cor de pinhão! Essa pluma está só bem!»

Ah, no fundão do Poço do Diabo, que de trutas possìvelmente cen-

tenárias lá serenariam... Ainda talvez do tempo dos frades, que o tinham coutado... Quem desbastara aquelas arvores, aqueles silveirais da margem, e batê-lo depois a preceito, desenvolver os metros de linha que fossem precisos, chicotear todos os refegos e rebordos da rocha... Poço do Diabo, tesouro à vista e inatingível: novo Tântalo, o pescador! Cada trave de truta, que lá devia andar pelo fundo...

Ah, o cheiro dos fentos, da erva fresca e das ortigas, o do lodo e o do frescum, o dos pólenes e o dos pampilos, o de tudo em torno: o de resina e de terra molhada, o agro da dedaleira e o doce da madressilva! Cheiro a pesca, cheiro a rio! E o pipio dos piscos, a cega-rega das pegas, o trilo dos grilos, o coaxo das rãs, os pica-paus a petarem nos carvalhos, o chiar dalgum moinho, uma voz longínqua, algum trovão ainda mais longínquo, mais o falar da água... E afinal, silêncio. O conjunto, silêncio! — «Adiante, Justino, adiante, ou dá ou não dá, isto é sempre a andar! Caramba, que as andorinhas começam a voar mais baixo! Daqui a pouco andam a arranhar o rio. Dia de pesca, Justino! Quando elas assim voam, é sinal de que os mosquitos voam também baixo. E quando os mosquitos voam baixo, as trutas pegam sempre! Ali já acima, a corrente que vem da galeira vai-nos dar, pelo menos, duas! Estão lá sempre, à nossa espera! Vêm à frieira, claro!»

De pedra em pedra, salta que salta... Ah, a fascinação do rio...

— Ele o senhor engenheiro ainda se lembra da vez que andámos encantados por aquelas beiradas, para baixo e para cima, à procura do senhor Dias, a quem o senhor engenheiro meteu o vício da pluma, e que se perdera de nós? Toda a aquela do senhor engenheiro era a de que ele, já a ir para velho e sem saber nadar, tivesse caído. Aflito, o senhor engenheiro não desamarrava os olhos do rio, com medo de ver o chapéu dele pela água abaixo... Pois afinal foi o que se deu, há-de haver um ano! O senhor Dias chegou-se de mais para a borda, no açude da Tropica... Vai daí o chão esbarrondou-se, lá ficou num pocinho para aí de dois metros, pouco mais terá, mas fundo... Um rapazinho ainda o ouviu gritar, mas era pequeno e não sabia donde vinham os gritos, de modos que ninguém lhe valeu. E então agora, que estava muito rico e até mercara uma cana inglesa, por mais de um conto...

— O senhor Dias?! Coitado! Ora eu não estar lá...

Pobre senhor Dias, que tanto me invejava a vista, que pescava de óculos e todo se roía quando eu arrancasse uma truta de mais de quilo! E a quem a pesca servia de pretexto para galanices tardias...

Mas o Justino mudava, a continuar o relatório.

— Esses moleiros do Carrelo, bem todos diziam que eram más far-

das... Lembra-se dum que tinha três filhas, qual delas a mais linda?... Pois o malandrão do pai, todas três, a eito... A eito, todas três, o senhor engenheiro já entende, que há coisas que até custam a dizer...

Os moinhos do Carrelo, é verdade... Assentes sobre penedos... À volta cheirava a flores de sabugueiro. Nesse tempo, sim, andavam por lá umas criancinhas muito lindas e quase nuinhas, de pernas e braços encardidos, a coçarem desesperadamente a cabeça, e que se escapuliam como bichos bravos, mal vissem alguém estranho. Duma, por milagre, conseguira eu certa vez que me enchesse o cantil. Ora como se chamava? Acho que era Emília. Não, não era Emília, disse outro nome parecido. Mas com que sofreguidão agarrou os cinco tostões que lhe dei! E partiu logo a fugir, pernas para que vos quero, decerto com medo que eu lhos retirasse... Da porta ainda olhou, desconfiada, e fechou-a...

Ah, por moinhos, e buscando arredar o que o Justino contara, que plenitude quando, tornejado um cotovelo do rio, eu entrava naquele ponto onde, não à beira mas por uma encosta, desciam creio que sete, movidos sucessivamente pelo mesmo regueiro, e a que chamavam *picarnéis! Picarnel,* que nome sonoro! E como ali, mais desafogado, mais espraiado, o rio fulgurava de sol, reflectia o sol nos milhares de espelhinhos trémulos que a ondulação formava! Chegado lá, punha-me sempre a dizer, a meia voz, saboreando-a, aquela palavra *picarnel,* que me parecia relacionada com sol e tocar a oiro, própria para um alexandrino absurdo, sem nada ter com os moinhos, que eram de pedra feia, mas que invariàvelmente me acudia: — «Telintavam a sol os áureos picarnéis»!

Sempre fui e serei destas e doutras abstracções, que, se as confessara, me valeriam não o conceito de poeta, mas o de maluco, e, por isso, pouco é de espantar que, para a missão de engenheiro, não estivesse fadado. Em engenharia, dois e dois são quatro. Para um inventor de mais cores que as do espectro, dois e dois podem belamente ser cinco, ou zero.

No entanto, parecia incrível, os estudos da linha férrea continuavam, e eu a saber que os meus serviços e prudência, a forma de encaminhar as coisas, eram apreciados pela companhia concessionária. Realmente eu estava a trabalhar bem, isso estava. Não fora isto divino, e seria diabólico. O homem é mar insondável, sem dúvida. Talvez por isso, quando escrevo (repito que legado meu, aos ratos), se o faço não é para aproveitar o que me esteja na intenção — bem descarnado esqueleto —, mas antes para me surpreender com o que de repente sai, e de que nem suspeitara: fenómeno só comparável ao de quem extraíra diamantes de saco onde apenas houvesse moedas de cobre. A matéria é que abafa a alma! A matéria é que estraga tudo.

*
* *

— Ouve, Justino, e o *Esfola?*

Pintado a cores tão feias, pelo cónego que viajara na infernal *camionette*, o *Esfola*, afinal, aparentemente assim, era bem diverso. Isto, as pessoas, quando não sabem lidar com elas... Isto de estabelecer que todas reagem da mesma forma, ou têm de reagir: — «Crê, ou morres!»

Ah, o *Esfola* foi o mais temerário dos homens com quem até hoje lidei! Capaz de afrontar uma patrulha da Guarda Republicana — e vi-o afrontá-la —, de mãos espanadas, só com certeza a navalha no bolso, pronta a luzir... Cegava-se de fúria, sim, mas, meia palavra de quem soubesse amigo e achasse merecer-lhe amizade, sustinha-o. Quase lhe fumegavam os olhos, tremia. — «Então, *Esfola*, que te desgraças! Já todos sabem que não tens medo de nada! Assim não é vergonha, anda comigo, deixa!»

O *Esfola*, tremia. Sentia-lhe os músculos do braço retesados, a vibrarem, eléctricos. Estalavam-lhe os dentes, e o cabelo, negríssimo, caía-lhe pela testa, afrontava-lhe o ver, arredava-o com a mão compridíssima e seca — mão de fidalgo, quem sabe... — «*Esfola*, anda comigo, deixa-te de zaragatas! Fuma um cigarro, pega...»

Metera o cigarro à boca, mas trincou-o. — «Ai desculpe, não foi por mal!» — «Tens aqui outro, descansa!»

O reboliço, no Largo, que por instantes abatera, voltava a acirrar-se. Ouvi o estalido mau do puxar de balas à câmara: seis soldados contra a multidão, a guardarem o pêlo a uns malandrões de fora, trabalhadores na linha, varados de susto, dentro duma cortelha, pois haviam ratonado um batatal, pois haviam, a seguir, desfeiteado com palavradas e momices obscenas as raparigas que vinham da fonte. — «Deixe-me, senhor engenheiro, pelas almas, que vou lá e até lhes mordo! As batatas, vá... Agora, fazerem pouco das moças da nossa terra...» — «*Esfola*, és meu amigo?!» — «De raiz, senhor engenheiro, ganhei-lhe afeição, mas disso não se segue que me tire de ir coçar o coiro àqueles melros! Deixe-me, senhor engenheiro, que não lhe quero perder o respeito...» — «Disseste, perderes-me o respeito, *Esfola?!*»

Olhei-o e olhou-me, ficámos a hipnotizar-nos. O *Esfola* era um leão. Sentia que se retirasse os olhos dos dele, perdia a cartada. De *Esfola* à frente, a multidão arrancaria, e tocava então a fala às *Mauser*. Na vida, há assim destes momentos decisivos, em que tudo se ganha ou tudo se perde. — «Faltares-me ao respeito, *Esfola?!* E dizes que és meu amigo?!»

Falara-lhe ao coração, por onde só poderia vencê-lo. E então veio como um rapazinho, deixou-se arrastar. Mas chorava, chorava, espeitorava soluços. E, rudemente, assoava-se aos dedos, sacudia o monco para o chão, limpava-os ao *macaco* encodeado. — «*Esfola,* acabou tudo! Aqueles tipos não eram dignos de que lhes pusesses a mão na cara! Então o teu pequeno mais pequerricho, já vai melhor da esgana?»

Perdido por aquele filho, logo passou a contar das boticadas que lhe dera, sem resultado. Ia agora experimentar caldos de pele de cobra, muito apurados, das peles que aparecem pelos montes, enganchadas nas silvas, que lhe diziam remédio santo. — «Ai, aquele pequeno, se o visse no caixão, até virava do juízo!»

— Ouve, Justino, e o *Esfola?* Tem por lá dado muitas coças?!

— Agora já não dá mais nenhuma, que o enterraram há ano e pico. A mulher — isto mulheres... —, passou-lhe o pé com o Pires de Vila Velha, um que é escrivão. O *Esfola,* assim que soube, meteu-se na *camionette* da carreira, tal como estava, de cotio. Até, para o bilhete, empenhou o relógio. Ai, desgraçadinho do Pires! O *Esfola,* mal que o viu, foi-se-lhe com tantas ganas que o deixou num bolo. Mas a ideia dele era outra, era capá-lo, no fim, só o não fez porque veio gente acudir. Olhe que tanta razão todos lhe deram, que ninguém se atreveu a prendê-lo, e era fácil, pois ficou como um cordeiro. Só no dia seguinte o Pires arranjou que o viessem buscar a Várzea, deixou-se agarrar, e então, na cadeia, ferraram-lhe uma grandessíssima trepa de cavalo-marinho, puseram-lhe o corpo num santo Cristo. O Pires não lhe convinha culpá-lo, mas queria a trepa, à capucha. O *Esfola* só bufava. Isto, senhor engenheiro, pancada não dá resultado com todos! Daí, com a raiva, mal se topou em casa, já que não tinha meios de se vingar doutra maneira, olhe, rasgou-se à navalha, do peito à barriga. Aquilo é que ele era um homem coragento, e quem me diz que não tivesse ouvido o que fazem os japoneses... Mas morrer, isso sim! Tinha sete fôlegos! Levaram-no à farmácia, deitaram-no em cima dum banco, o senhor doutor desinfectou-o e coseu-lhe a rasgadela, acho que até as tripas, e disse que o perigo estava nas primeiras vinte e quatro horas, que, se as passasse, escapava. E estou que escapava, senhor engenheiro, se depois, na cama, outra vez com a raiva, não arrebentasse os pontos e não tirasse tripas e tudo para fora! Abriu-se, como quem abre uma janela! Sabe o que lhe digo? No enterro todos choravam, que aquilo é que era um homem!...

Casos tristes chamam outros. Que lindo era o cemitério de Várzea, num alto e familiarmente no meio de hortas, de vinhas e de fruteiras, que

até chegava a cair, nalguma campa rente ao muro, sua maçã espriega ou seu pero malápio !

Havia em Várzea uma menina, havia, havia... Só de vê-la e mais nada, ficava o dia a cheirar bem... Que não chegava aos dezoito anos, dizia-me o doutor, pois padecia do coração. Era lá de acreditar, podia lá ser possível: tão linda !... Quando a deitaram no caixão, o pai teimara comigo: — «Venha vê-la, senhor engenheiro, que a nossa defuntinha não se parece com as outras ! Ainda está mais linda, é só não respirar...»

Lembrei-me que, assim há tantos anos, pobrinha como era, já nem campa teria. E, no entanto, de vestido escurinho e de mantilha, parecia-me que a via passar para a missa. Tão linda...

— Essa agora, Justino ! Quem havia de o dizer, no monte do Alcaide ? !

— Pois foi verdade, senhor engenheiro, é como lhe conto. Andavam lá uns homens a escavar uma buraca, para depois prantarem um cruzeiro, e, quando menos se precatavam: *caque!* Uma enxada bateu em duro, ainda cuidaram que fosse pedra, mas qual pedra, uma talha ! Pois uma talha de moedas de ouro, que lá estava enterrada ! Para cima de duas rasas, por aí do tempo dos mouros, se não chegasse às três ! Mas, se haviam de se fechar com elas muito fechadas — nem pio ! —, os burros puseram-se a fazer grandes compras, do bom e do melhor, de modos que veio a descobrir-se, deram-lhes uma busca e safaram-lhes tudo !

Não pudera contudo a notícia dessa riqueza, que tantíssimas vezes me devia ter estado sob os pés — saber que já pisámos ouro, consola ! —, varrer-me assim a memória daquela menina, indefinidamente ligada a uma antiquíssima valsa, *Destiny,* que de uma vez dançáramos. Sempre essa valsa, que lá de longe em longe ainda oiço pela rádio, a ressuscita e vem trazer-ma. Havia em Várzea uma menina, havia, havia...

— Graça, teve o padre Jorge, senhor engenheiro...

Só a aparição do padre Jorge, político e automobilista, poderia levar-me a sorrir. Substituíra, esse padre Jorge, a égua em que descia à vila — a que ele, originalíssimo, chamava «a sala de visitas do concelho» —, por um automóvel novinho em folha. O amor do padre Jorge àquele automóvel ! Chegaram a surpreendê-lo, na loja onde o guardava, que mandara sobradar, arreliadíssimo e de língua de fora, a traduzir esmero, de frasco

de gazolina em punho, a tirar alguma nódoa caída nos estofos. Abrasado, a suar! — «Só serve para desgostos... E eu que tanto cuidado tomo, que escarro sempre para fora...»

Até, nem que fosse para perto e por pouco tempo, nunca o deixava sem que o amortalhasse muito bem amortalhado, por via do pó, das moscas e do rapazio, sob a cobertoura de cotim militar, que sempre trazia na mala. Arrumado a valetas, ou no largo principal de Várzea, o carro do padre Jorge aparentava de bicharoco antediluviano, para mais a fumegar pelas ventas, através do tecido, que o irradiador aquecia como todos os diabos, e o padre destampava-o «para descansar».

Pois o Justino, cínico, dizia-me que o padre arranjara a atropelar uma burra, amolgara o guarda-lamas e escacara as lanternas. Vendera-o, de paixão, e houvera de indemnizar o dono da burra, pois veio a provar-se que ela é quem seguia pela mão. O homem, picado, até pretendera ir-lhe aos fagotes.

— Sabe, senhor engenheiro, o senhor Morais lá lhe saiu outra vez a sorte grande! Três mil contos! Aquilo é que é, parece que sonha com os números! Mas antes para ele do que para outro...

Consolou-me ouvir assim falar o Justino, um pobre. Os pobres distinguem, ninguém melhor do que eles distingue e sabe ser justo.

Achei também muitíssimo bem empregado, pois, além de amigo, de lhe dever conselhos, a verdade é que o melhor vinho do Porto que bebi em dias da vida, ofereceu-mo ele. Uma criada é que certa vez me saltou na dispensa, a lambona, e rapou duas dessas garrafas preciosas.

Ah, a burocracia! Quando o Morais voltara do Brasil, fez possíveis e impossíveis para dar a Várzea uma escola. A escola de Várzea era por cima da cadeia. Pois não conseguiu! Chegou a meter empenhos, tinha ali o dinheiro na mão, os contos que fossem precisos, aceitassem-lho, por favor... Pois conseguir, isso sim! Petição e papeladas, a trinta anos de distância, devem ainda estar a dormir em qualquer gaveta dos ministérios.

— Justino, davas um historiador!

— Eu, senhor engenheiro?!

— Tu, sim! Ou, se quiseres, nós ambos...

Luziu-me que talvez, realmente, tivesse faculdades de historiador. Possível, muito possível... E se um dia me desse para tal, desgraçava uma data de cavalheiros! Escachava-os...

— Julgas que não tenho aqui dentro da cabeça quase tudo o que se passou em Várzea, quando lá estive, afora o que sei dos tempos antigos, principalmente pelo que tua tia me contava?! Parece que estou a ouvir as descargas que um destacamento deu à entrada do cemitério, quando morreu o general Ataíde, que nem tu chegaste a conhecer! O general Ataíde, que era alferes no tempo dos franceses... E até de ti sei coisas que nem cuidas, partidas que fizeste em pequeno... Foste sempre um malandrão! Quando tu marinhaste à casa da *Gansa,* tiraste uma telha e deitaste uma bomba de entrudo para dentro do caldo! E quando foste dar ao *Bisnagas* um figo passo, com frasca dentro!

Neste ponto, o Justino olhou-me como se eu fosse o diabo em pessoa, que lhe soubesse todos os segredos.

— A tua tia Joaquina nunca se calava, era um badalo, já vês...

De novo uma sombra lhe passou pelo olhar.

— Coitada, já lá está donde se não torna... A paixão da morte do filho deu-lhe volta à cabeça... Não que, para mais, o moço era bom rapaz, só dizia que ainda havia de tirar a mãe de trabalhos. E ela, como o senhor engenheiro deve saber, tinha tudo empenhado... Aquele Almeida, o da *camionette,* que lá esteve em casa, comeu-lhe os olhos. Sabe Deus nas que ela se via... Logo, por desgraça, morre-lhe o filho, de moléstia de peito. Pouco tardou atrás dele. Uma noite, derreteu duzentos e cinquenta gramas de sulfato e bebeu-o, não houve nada que a salvasse. Esteve oito dias a sofrer, até que rebentou toda lá por dentro, tal e qual como os peixes...

⁂

Precisamente um dos raros projectos a que ainda me atrevia, indefinidamente protelado, era o de cair um dia em Várzea, aí por uma semana, e entrar pela pensão da senhora Joaquina, abraçá-la como se abraçam as criadas velhas a quem ganhámos afeição de pessoas de família, voltar a dormir no quarto desconfortável, comer uma vez ainda a vitela que tão bem arranjava, com certo molho de que reservava a receita: persuadir-me, pela recuperação do cenário, que era pesadelo haverem-me passado quinze anos sobre o corpo e sobre a alma...

E cair, também de surpresa, em casa do meu amigo Alfredo, o amigo mais amigo e mais leal que tive. Ah, bom, de lei! O Alfredo é destas pessoas que nos convencem a perdoar à vida, pois nos provam que na vida nem tudo passou a ser lodo e porcaria.

Ah, tornar a Várzea ! E, sorrateiramente, bater à porta do brasileiro Morais, que havia de cair das nuvens. — «Amigo, venho abraçá-lo ! Bem lhe disse eu, quando me fui embora, que não era pessoa de esquecer ninguém, quanto mais os amigos !»

E bater também sorrateiramente ao ferrolho do médico, esse mago da lanceta, esquecido na montanha, que, à falta de melhor e por amor da arte, pacientemente, em sucessivas intervenções, ia compondo quantos beiços rachados lhe apareciam. — «Homem, venham de lá esses ossos, deixe-me apertar-lhe o canastro ! Há quinze anos, caramba, que não nos víamos ! Pois aqui estou, companheiro, ao menos ainda voltámos a ver-nos uma vez, neste mundo...»

Boa gente, santa gente !

E depois, claro, voltar a percorrer o rio, que ainda lembro pedra por pedra, experimentar o que daria um *devon* lançado no Poço do Diabo. Talvez que assim fosse possível enganchar alguma dessas trutas com direito a *excelência* que lá devem morar...

Aquelas ruinhas de Várzea, tornar a pisá-las... Ver o velho lanterneiro a bater folhas, ao compasso da asma, o *Palúrdio* a reger a tuna... Pediria ao *Palúrdio* que abrisse excepção — uma vez não eram vezes ! —, que transigisse em tocar uma peça de que não era autor, que mandasse executar aquela valsa: *Destiny*...

Todos quantos me vissem, sentindo-o a seu modo, com as palavras que topassem, mais ou menos rudes, dissessem lá para o seu coração que, se o engenheiro Miranda ali voltava, era por já não poder mais, de saudade.

Hei-de voltar a Várzea, sim, ao menos quero iludir-me que sim, mas a pobre senhora Joaquina é que já lá não estará para me hospedar na sua pensão: «a melhor de Várzea».

— Justino, então a tua tia...

— É verdade, coitadinha, com duzentos e cinquenta gramas de sulfato...

O comboio estava a chegar, e eu nem sentira o tempo. Então, o Justino, como se à pressa esvasiara um saco, como se a acabar de entulhar uma cova com pedregulhos mais pequenos, ainda me atirou, sintéticas, outras novidades de Várzea. A Miquinhas Pomba, que o falecido Aurélio namorara, tinha acabado por casar rica. O Etelvino de Sete Fon-

tes, depois de andar no contrabando do volfrâmio, passara para a candonga do mercado negro. O Francisquinho Bogas, morrera de repente, do coração. O lanterneiro também morrera, de miséria. E o carteiro velho, um que era coxo, esse, de velhice. Reparava que, afinal, não chegara a contar o resto do *Fidúcias*. O *Fidúcias* houvera que pedir a corda emprestada.

Entrava o comboio nas agulhas, já era noite e bem noite. Estação fora, o Justino ainda me informou que a menina mais linda de Várzea era agora a Paulinha do Costa.

A Paulinha do Costa, que teria uns dois anos quando lá estive, e que tanta vez me pulou nos joelhos...

Ah, nesse tempo, a menina mais linda de Várzea era outra, era outra menina que lá havia... E depois, toda de branco...

Abracei o Justino com a certeza de que anoitecera de uma vez para sempre.

Lisboa, Abril de 1946.

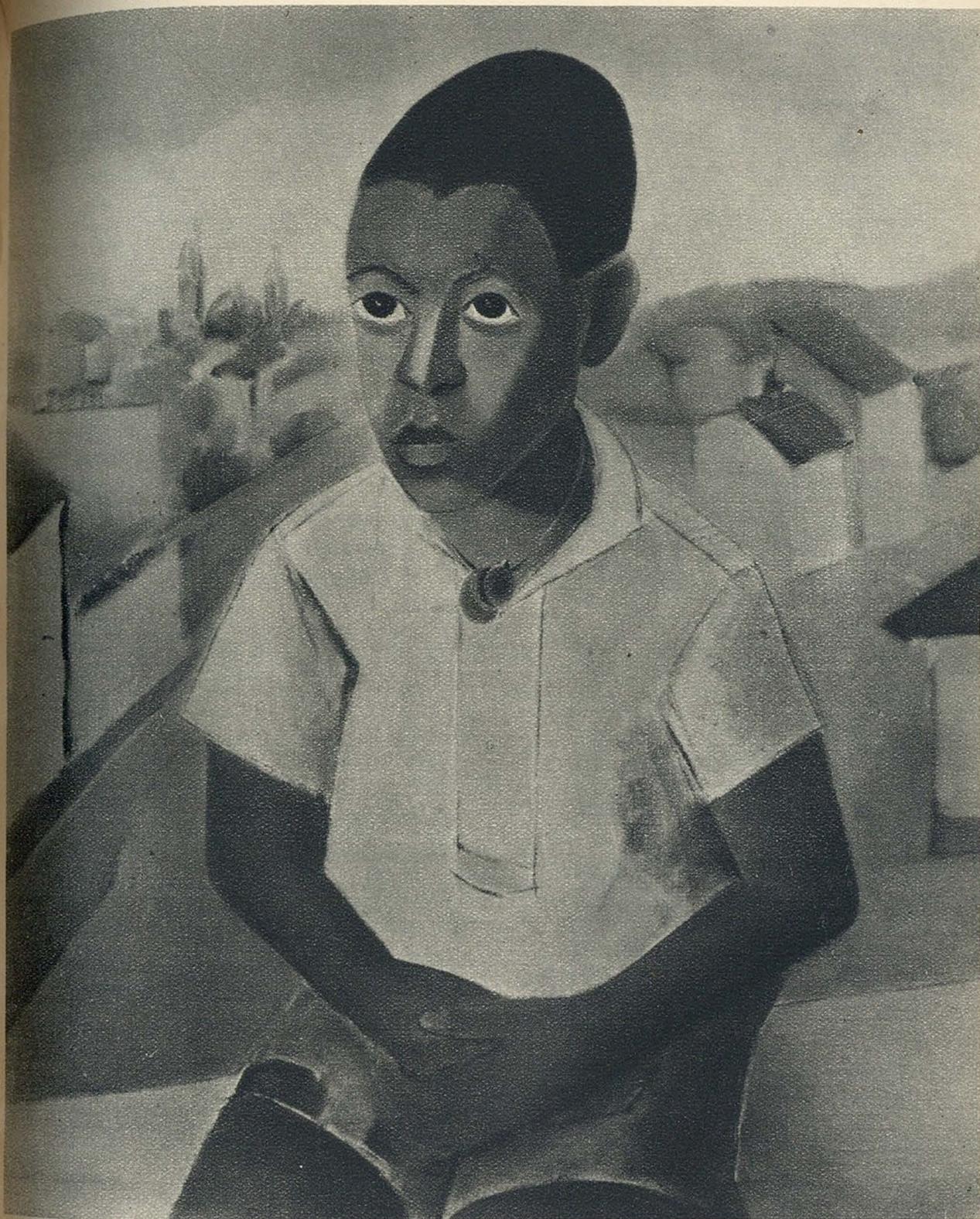
T O M A Z   D E   F I G U E I R E D O

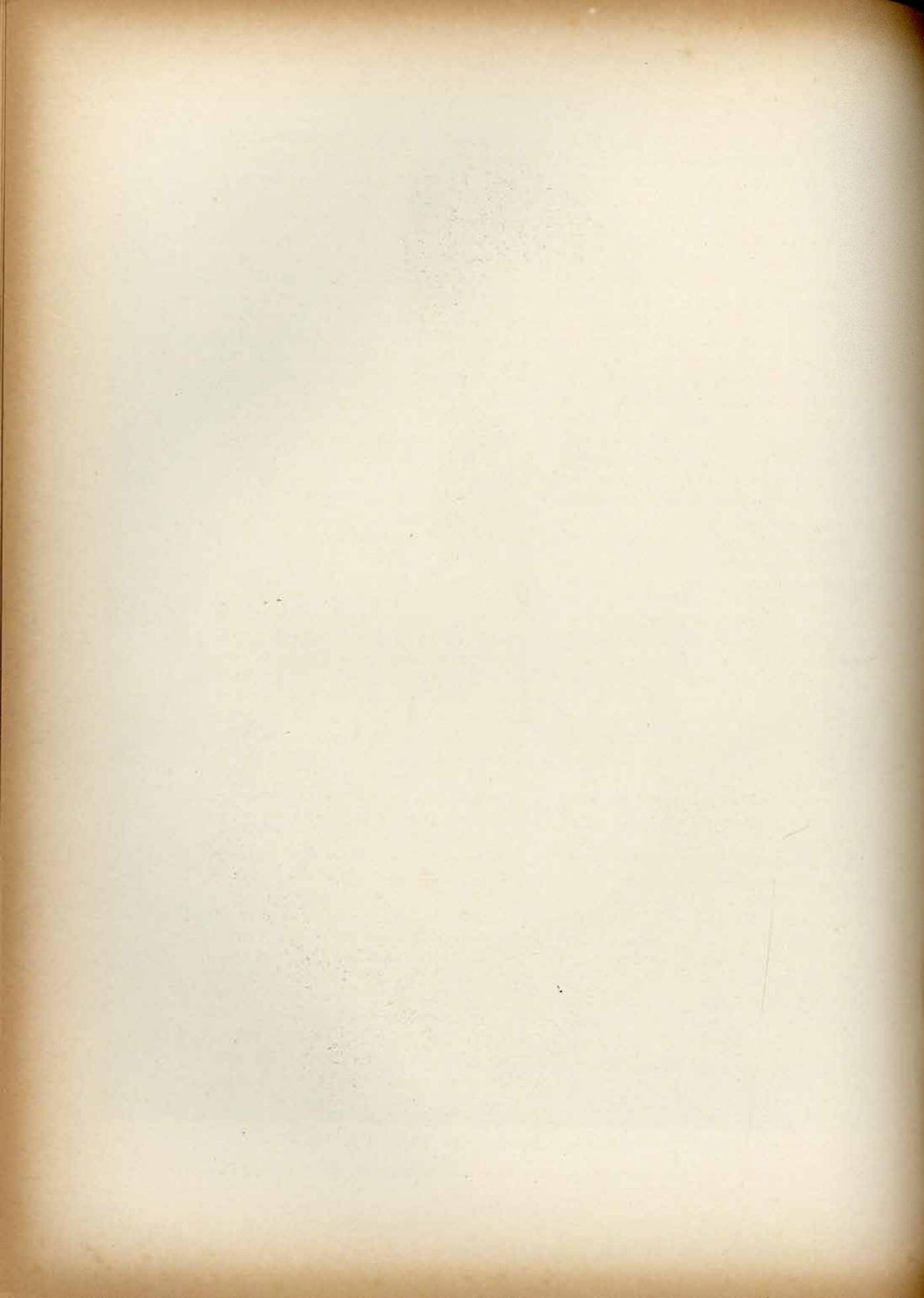
# O BRASIL, DIVERSO E UNO

*(PREFÁCIO DE UMA ANTOLOGIA DE «PROSAS BRASILEIRAS», NO PRELO)*

NUMA nova visita ao Brasil, pude entrever o Nordeste, na pequena cidade dos Trópicos que é o Natal, falando de folclore com Luís da Câmara Cascudo; ou no Recife, conversando, na casa de Santo António de Apipucos, com Gilberto Freyre, vendo uma colecção de bonecos de barro, populares, ou os quadros de Lula Cardoso Ayres, que constituem o panorama plástico da terra, da gente, da vida e da própria alma desse pedaço do Brasil, ouvindo Ascenso Ferreira recitar os seus poemas, bebendo caldo de cana ou comendo frutos, no mercado. Em algumas horas, pude transportar-me ao Rio de Janeiro e rever, a par da sua paisagem do princípio do Mundo e da devoção tradicional do seu povo por Nossa Senhora da Glória, os arranha-céus americanos e a vida cosmopolita de uma grande metrópole. Em São Paulo, pude ver como o ritmo do Progresso destrói, numa urbe febril, os vestígios do Passado mais recente. Num salto de avião até Porto Alegre, não podia ficar a conhecer o Rio Grande do Sul, mas, se não avistei o pampa nem encontrei o gaúcho, alguma coisa apreendi da alma dessa terra, no gosto do chimarrão, na doçura da paisagem, na melancolia dos crepúsculos no Guaíba, na intimidade com os homens de letras. Em Minas Gerais, pude aprofundar, um pouco, o meu conhecimento do brasileiro dessa região, e rever, nos seus cinquenta anos pueris, a cidade de Belo Horizonte, ao mesmo tempo que em Sabará, Ouro Preto e Mariana me encontrei na presença do que é eterno: a Fé, a Arte e a melancolia das coisas. E pude contemplar, distanciadas, apenas, por horas de voo, as paisagens mais diversas: terrenos áridos, florestas tropicais, montanhas agrestes, campos cultivados como na Europa!

De tudo quanto vi, resultou arreigar-se mais no meu espírito a ideia de que o Brasil é um cadinho onde diversos metais estão ainda em fusão. Ou que esse país é ainda uma nebulosa, como me dizia, certa tarde, na Academia Brasileira de Letras, um político de tanto fervor patriótico como inteligência. Uma nebulosa como a define o Dicionário: «Agrupamento de estrelas indistintas apresentando o aspecto de uma mancha láctea; massa estelar ainda em via de condensação; universo em formação.» Com uma diferença apenas, e é que algumas estrelas se distinguem já na nebulosa brasílica.

É, talvez, conveniente acentuar que essas estrelas — regiões geográficas definidas ou zonas de formação social específica — não são inconciliáveis. Por mais diversas que sejam umas das outras, entraram na sua composição elementos comuns, e dirige-as, a todas, um ideal com a força, muitas vezes inconsciente, de uma aspiração: a *brasilidade*. Os problemas brasileiros são principalmente geográficos; derivam da extensão do território e da inerente diversidade de condições de desenvolvimento, da massa compacta que constitui esse território e da consequente dificuldade, não só de circulação económica, mas de distribuição dos elementos étnicos, de interpenetração das diferentes zonas de cultura social e, até, de comunicação política ou intelectual. Pode dizer-se, por isso, que há diferenças de nível

PANCETTI — «*Menino Bom*» (São João d'El-Rei)

(Da colecção do Dr. José de Barros Martins, editor, de São Paulo)

económico ou, mesmo, civilizacional, entre algumas regiões do Brasil, idênticas às diferenças de classes, como sejam as que existem entre cidades milionárias e zonas paupérrimas, entre Estados industriais e regiões que vivem ainda na época do couro.

É claro que os obstáculos à unificação da vida brasileira, sendo físicos e não de essência psicológica, moral ou espiritual, não impedem que os homens cultos de todas as regiões se entendam perfeitamente, nem que o brasileiro de uma região caracterizada se adapte a outra ou a adopte como sua própria. Dois casos, entre muitos, o demonstram: o de Guilhermino César, poeta e romancista mineiro, que a fixação, embora recente, no Rio Grande do Sul, tornou um gaúcho de adopção, e o do crítico e ensaísta Óscar Mendes, que, pernambucano de origem, é, nìtidamente, um mineiro pelo espírito. É certo que um intelectual de estirpe mineira, muito embora domiciliado no Rio, pode sentir-se, de certo modo, exilado em São Paulo, como testemunhei. Mas é certo, também, que alguns espíritos de Minas se aparentam com os de São Paulo, naquela reserva em que a discrição se confunde com a frieza ou se esconde sob a ironia. Há um ensaio a escrever sobre os cambiantes psicológicos do Brasileiro, observados nos homens de letras, e à luz desse conhecimento examinados nas obras da inteligência.

Por todas essas razões — como declarei já, na resposta a um inquérito — é difícil, a quem bem a conhece, falar de *uma* literatura brasileira, sem distinguir o que há no Brasil — segundo a expressão de Gilberto Freyre — de *Continente* e de *Ilha,* ou sem atender ao que foi verificado por Vianna Moog: o carácter de *Arquipélago Cultural,* que tem esse país. Foi aquilo que acentuei em 1932, ao falar da *Diversidade e Unidade do Brasil.*

Verifiquei-o melhor pelos contactos pessoais que tive, desta vez, com a intelectualidade de regiões tão diferentes como Pernambuco, Rio Grande do Sul e Minas Gerais. O Brasil não se resume ao Rio de Janeiro e a São Paulo, nem o Estado de São Paulo é todo como a sua tentacular capital. Só compreenderá essa nação cósmica quem entender o significado profundo de um título como o que Gilberto Freyre escolheu para um dos seus últimos livros: *Região e Tradição,* ou a necessidade de defesa do espírito de Província (sem prejuízo da universalidade da Arte e do Pensamento, e, muito menos, de um sentido nacional da vida colectiva), que se exprime na fundação, no Rio Grande, de uma revista como a *Província de São Pedro,* tendo por director, precisamente, o crítico de *Letras da Província :* Moysés Vellinho — aquele que, confessando «a crença de que o Brasil há-de ser sempre um conjunto de províncias», asseverou: «A coesão do nosso pensamento político, a planificação do nosso ritmo económico, a vitória da cultura sobre as forças da natureza, parecem estar íntima e orgânicamente subordinadas à vitalidade das parcelas que compõem o todo brasileiro.» Prefaciando o livro *Terra de Homens,* do nordestino Ademar Vidal, escreveu o mineiro Afonso Arinos de Melo Franco: «sendo o Brasil um país visceralmente regionalista, o regional não é nenhuma forma de limitação do nacional, mas, ao contrário, a ampliação e o enriquecimento dele...»

Depois da minha nova experiência brasileira, com mais razão do que antes, só podia organizar uma antologia como esta, com que procuro fornecer aos portugueses (até, mesmo, àqueles brasileiros que ignoram ou se recusam a aceitar algumas das realidades do seu país) uma série de imagens da vida multiforme do imenso Brasil. Algum mal-

-intencionado poderá pensar que escolhi umas tantas dessas imagens pela visão pessimista que proporcionam. Não foi meu intento oferecer um falso retrato da vida brasileira, vista à luz do «bovarysmo» nacional, tão difundido no Brasil, talvez por herança portuguesa. Só me preocupei com a porção de verdade que poderiam conter as imagens oferecidas por quinze de entre os numerosos prosadores brasileiros que têm para nos transmitir qualquer coisa de sinceramente visto, sentido ou pensado sobre o Brasil. Por isso mesmo, não excluí as páginas de fé no futuro da nação e de confiança no destino do seu povo, isto é: na civilização que os brasileiros estão a edificar na vastidão do espaço que a História lhes doou.

Organizado segundo um plano ideológico, tal como o que anteriormente consagrei aos *Ensaístas Brasileiros,* este volume abre por um capítulo escolhido para servir de prólogo; foca, em sucessivos capítulos, vários aspectos, históricos, geográficos, sociais ou psicológicos, da terra e da gente, ordenados, tanto quanto possível, pela natureza dos assuntos ou pelas intenções, e termina por um capítulo colocado no final para servir de conclusão. A única conclusão que pode ter um livro sobre o Brasil: a perspectiva de novos horizontes. Porque este é, rigorosamente, um livro sobre o Brasil, escrito por brasileiros que foram reunidos, em torno de uma preocupação nacional, para além das diferenças de épocas ou de ideologias, pelo muito amor, nunca desiludido mas consciente, de um português.

De um português — nunca será demais frizá-lo — que reconhece tudo quanto diferencia o Brasil de Portugal: meio físico, paisagem, clima, estilo de vida social e heterogeneidade étnica, apontando mesmo, lealmente, como factor de uma divergência fundamental, a mentalidade comum a todo o Novo Mundo. De um português que reage, apenas, contra o que, por influências estranhas ou exactamente por falta de raízes brasileiras, representa resistência preconcebida ou hostilidade intencional contra a origem portuguesa. Como afirmei em breves palavras ao microfone, ditas no regresso: «todos os brasileiros conscientes sabem que, sem Portugal, sem a nossa alma e a nossa cultura, o Brasil seria outro. Portanto, para que um brasileiro seja realmente brasileiro, precisa de respeitar e amar a origem portuguesa. Pela mesma razão direi que, para que um português seja inteiramente português, necessita de sentir-se um pouco brasileiro — ter a consciência de que Portugal se prolonga no Brasil.

«Esta afirmação não tem nada que ver com a retórica, de uso nos actos políticos de aproximação luso-brasileira. Decorre da minha convicção profunda de que Portugal constitui, com o Brasil e com o Império, uma espécie de constelação em que elementos díspares se mantêm unidos pela própria força que os anima. Essa força é o *génio lusíada,* que não se confina em Portugal porque é uma força motora e pertence tanto ao povo português como ao povo brasileiro. Digamos que é próprio, o movimento de cada povo, mas que é comum a força impulsionadora.»

Antologias como esta, só podem servi-la, porque esclarecem os portugueses acerca do Brasil.

JOSÉ OSÓRIO DE OLIVEIRA

# AS CARTAS

Há cartas que não se respondem.
Há cartas pálidas como uma rosa aberta
e que se esfolham em nossas mãos.
Há as que demoram e chegam no Outono,
e têm gosto de mar, de cinza e esquecimento.
Há inesperadas, que voam sobre campinas baixas
e são como a chuva amarga e os temporais.
Outras são pesadas e dormem sobre a cómoda,
escorrendo conselho que se lêem com um suspiro.
Mas existem as que são como pássaros
e trazem as asas húmidas de matinal rocio.
E há também as que são infantis
e voam leves à brisa cor de laranja
que vem do fundo dos quintais...

O sentimento não se dissolve com as horas.
Tudo é esperança no olhar junto à vidraça.
Há cartas vermelhas que ardem nos dedos,
beijos, soluços que a paixão modelou.
(Lembra-se? Corpos de sal que a lembrança marinha
gravou no álbum de férias sempre alheias...)
E há as de adeus, as frias e mutiladas,
as que se lêem depressa nas estações,

as que se rememoram à névoa das madrugadas,
as que são finas e doem a vida inteira,
as que são pardas e falam com lábios molhados,
as que um dia são descobertas de repente,
amarelas, murchas da palavra não compreendida.

Há as que são como gelados aquários,
frio e chama de países não viajados.
Há as que são nossas
e chegaram por engano num dia de Inverno,
e as que, dormindo, achamos sobre o colo,
como um ramo selvagem que trouxéssemos da serra.
E há também as que não foram escritas,
as que esperamos sempre e não virão jamais,
as que existem apenas em silêncio,
mas cujas palavras, ai de nós, sentimos reais
como envenenada música em nosso próprio sangue...

# POEMA

Não és mais do que um momento, ajoelhado,
puro entre os momentos de sentença
ou triste inclinação do meu pecado.
És flor apenas — silêncio das moradas
onde o jardim dos meus temores se perdeu,
és casta e fria, és rosa do abandono,
és lírio que o vento enlouqueceu.
Mas si acaso das landes deste sono
sonhares com o bem que escureceu,
não voltes o olhar à antiga sepultura,
à casa que entre a bruma se perdeu,
mas sobe além da lenta e lenta altura,
onde em sangue o amor se converteu.
E se como sempre é o rochedo,
sereno ao calor da febre insuspeitada,
couraça que se ergue contra o medo
desta vida tão branca e detestada!

# Para nós acabou...

Para nós acabou o mel — e as palmeiras
já não florescem ilhas de sombra.
Lua de cobre sobre o frio espanto,
desvendou-se o mistério do lago
ante o julgamento calmo da noite.

Oh céu, maravilha do deserto,
tecto arqueado pela mão do sono,
casto juiz meu tormento!
Em que fonte secarei a febre,
em que sal queimarei os pés
à coerente realidade?

Oh céu, já não sei quem fui.
Profundamente morta jaz a face
ante o olhar da rosa.
Noites de outro Inverno,
brancas arcas de amor,
onde perdi o sangue
como o soluço desfeito.
Quando serei de novo o extenso rio,
tornando as areias em verde
e o estéril em pensamento?

LÚCIO CARDOSO

# OS ÍNDIOS NA ADMINISTRAÇÃO COLONIAL

PORTUGAL e Espanha diferençaram-se muito nos processos de colonização. Não é para causar estranheza, porque notáveis diferenças caracterizam também os ideais dos dois povos criados na unidade geográfica peninsular. O confronto parece, por um lado, excessivo, se se entrar em conta com o período dos Conquistadores da América, porque nas origens do Brasil não houve conquista. Estendendo, porém, a comparação ao Oriente, onde tivemos conquistadores, resulta em vantagem para nós aquela conhecida tendência para a fusão de sangues a temperar todas as crueldades do sangue derramado. Essa tendência era o resultado da nossa índole e também da prática de longos anos de colonização pacífica em feitorias ao longo do litoral africano. A Espanha seguiu-nos nas empresas do Além-Mar quando ainda não acabava de sair da luta pela unificação, luta que lhe vincaria definitivamente o carácter e fez de Isabel a Católica um símbolo nacional. Portugal continuava a ouvir a voz que o embalara desde a infância chamando-o para as ilhas de bruma com o exemplo do êxito venturoso de Amadis e sabe-se lá quantos heróis fantásticos e verdadeiros que tiveram no amor a suprema recompensa.

As duas nações foram as fundadoras da colonização moderna, as primeiras a exibir o milagre de fabricar de barro inferior nações para a civilização universal. A parte que corresponde ao generoso esforço de cada uma, está bem distintamente traçada no mapa cultural das Américas. Mas sempre terá oportunidade a revisão de um assunto que em certos pontos suscitará talvez questões de prioridade na forma por que se revelam na administração colonial qualidades e defeitos comuns.

É certo que o proselitismo e a caridade acompanham os passos da expansão peninsular, herança da Reconquista, que por longos séculos ocupou os cruzados do Ocidente. O espírito cristão reagiu mais fortemente lá onde mais cresceram a violência e a cupidez dos Conquistadores, tão impotente para dominar as paixões quão vigilante para lhes atalhar os efeitos. Assim surgiu a reacção de Las Casas, e se organizou a legislação de protecção aos índios. Não cabe nas veleidades deste pobre ensaio, por casualidade intentado longe dos livros, relacionar os esforços de várias origens expendidos para defender uma raça inferior das arremetidas cegas do ódio dos opressores. Um documento, procurado com grande interesse e lido com certa decepção, motiva estas breves reflexões. É, no entanto, bastante curioso esse documento, embora modestamente corresponda aos intuitos que o produziram.

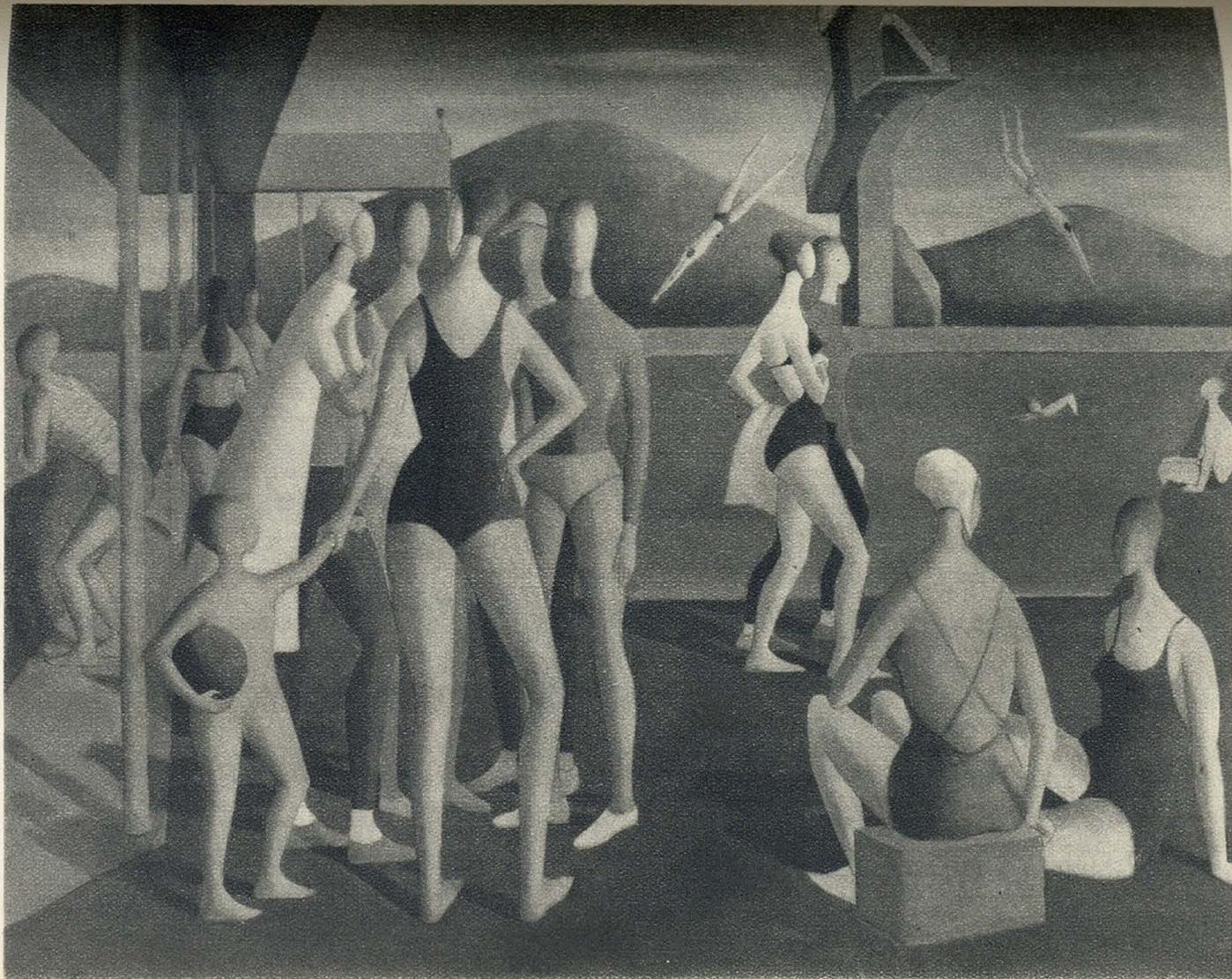
O Marquês de Montes Claros deixou ao seu sucessor no governo das Índias Ocidentais alguns apontamentos sobre questões de administração da Nova Espanha. «Es orden de S. M. que los Virreyes de estos Reinos adviertan al Subcesor del Estado en que los dexan, mandandomelo a mi en persona de V. Ex.ª por carta de 8 de Noviembro de 1614», consigna o Marquês à cabeça do seu relatório, porventura mais elucida-

tivo e extenso, como indica o título do resumo que possuímos. *O Cuaderno de algunos papeles que dan luz de materias de Indias deducido de los de el Marq.*[s] *de Montes Claros mi señor,* na cópia de um códice da Biblioteca Municipal do Porto (1) — o 1.139, onde também se encontra uma relação do socorro da Baía, que tantas outras provocou, chegando a inspirar Lope de Vega —, permite-nos apenas tratar muito pela rama uma questão que importa à etnografia dos povos americanos. É, ao menos, simpática a afirmação contida nesse arrazoado burocrático — opinião em que o autor dele se diz singular — de que a conservação das duas repúblicas — índia e espanhola — obriga os governantes a afastar-se do preconceito geral segundo o qual «por los medios que una crece viene a menos la otra». Contrariando este modo de ver ditado pela cupidez, o vice-rei entendeu, porém, «que su indignación y despejo de todos buenos respectos [dos índios] no obliga e que qn. los trata y conoce, escuse sus daños y travajos». Reconhece que a desventura dos nativos é «ser tales que para que sean suios es menester darles dueño», muitas vezes forçando a boa doutrina «vestida en la humildad y pobreza del traxe» a desviar-se dos meios brandos. Adopta uma política que mais que necessária parece cómoda: «que la piedad y el buen tratam.[to] estrive en el favor del Virrey y el castigo, de lo contrario»; se bem se entende, por causa daquilo de «la indignación y despejo» dos índios não obrigarem quem os conhece e «a ellos mira», a que «escuse sus daños».

Seja como for — que o texto não prima pela clareza —, os índios lá têm o seu governo e isso é o que mais nos importa. Imediatamente inferiores aos reis supremos, nos quais «en nuestro derecho damos por sentado que subcedio la Corona de Castilla», (diz o nosso autor), encontraram os espanhóis uns chefes que denominaram *cuzacas* e posteriormente *caciques,* termo do caraíba ilhéu introduzido no continente.

Sob a nova denominação, não se devem confundir estes «chefes» com os caporais de «secção política tribal» segundo o *Dicionário de etnologia e sociologia* de Baldus e Willems, tanto mais que «despues de la venida de los Españoles se introdujeron en el nombre de Cazique ciertos mandonzillos tantos y de manera que justamente los moderó el V. Dn. franc.º [de Toledo]». O grande reformador da legislação colonial apenas reconheceu, abaixo dos antigos chefes principais, que denominou *caciques,* os «caciques segunda persona», e os tuxauas (como diríamos talvez no Brasil) de *paihaca* e *prieca paihaca* «que es lo mismo en su lengua que decir Cacique de Ciento y de Quinientos índios».

Nada mais de substância, diz sobre administração dos antigos senhores da terra o documento que simplesmente me propus divulgar. Falta-me erudição para comentá-lo e para poder calcular o interesse que terá aos olhos dos indiólogos — provàvelmente nenhum. Sem uma análise exaustiva sob esse aspecto, pareceria demasiado simplista a comparação com a legislação portuguesa na sua monotonia notada por João Francisco Lisboa, que a recolheu numa obra assaz conhecida do leitor (2).

Nem os diplomas resumidos nas páginas indicadas da *História do Maranhão* nem outros que, profusamente, se encontram citados neste e mais escritos do autor (3), ministram melhores informações acerca da organização social encontrada entre os índios. Pode pensar-se que seria de grande interesse conhecer as providências adoptadas por D. Francisco de Toledo no tocante à supressão dos «mandonzillos» indígenas que se tinham introduzido com a chegada dos

MILTON DACOSTA — «*Piscina*» («Salão» de 1942)

(Da colecção Roberto Marinho)

europeus. O facto não deixaria de constituir um indício curioso da desorganização social provocada.

A legislação espanhola visava, evidentemente, a regularizar as povoações dos índios. O mesmo se fez no Brasil, onde a Lei de 10 de Setembro de 1611 e outras mais se ocuparam do número de casais dos aldeamentos. As hierarquias de mando e de prestígio, que os portugueses encontraram limitadas, de ordinário, à aldeia, foram aproveitadas. Além de convenientes, deviam contar com a simpatia daqueles para quem, justamente, eram defeitos graves do índio não ter fé, nem *lei* nem *rei*. O directório de Mendonça Furtado, por exemplo, mantinha os privilégios dos *índios nobres e oficiais que exerciam cargos*. Com a designação de nobres, cavaleiros ou principais (4), a administração colonial reconhecia, de facto, uma classe privilegiada numa organização social que nada custava à civilização dos brancos. Mesmo nada. Nem sequer, por suposto, a preocupação de a entender.

As referências ao *ms.* representam trabalho meu e do erudito director do Arquivo Distrital do Porto, Dr. Artur de Magalhães Basto. Depois de ter empenhado em vão o seu prestígio para conseguir um copista venal, aquele meu prezado amigo, quando eu cheguei ao Porto para executar a cópia, tão camarada, já se tinha desempenhado de metade.

EDMUNDO CORREIA LOPES

---

NÓTAS:

(1) Há ainda outra cópia na mesma Biblioteca, que faz parte do Cód. 815.

(2) V. *Obras* (S. Luís do Maranhão, 1865), II, 273-336.

(3) Julgo poder incluir no mesmo conceito os regimentos da administração interna das aldeias (6-I-1698, 13-VIII-1745 e 11-V-1774) que Lisboa também cita.

(4) «Cavaleiro dos Manibas», «principal dos Murivenis». Lisboa (*Obras*, IV, 727-8) não garante a exactidão da leitura dos nomes étnicos.

# NOSSA SENHORA POBRE

TALVEZ haja uma humanidade mais pitoresca do que a que encontramos, estrídula, ou silenciosa, a absorver «coisas», pelas mesas dos cafés.

Para mim, no entanto, esta última consubstancia tudo o que um amoroso da análise de costumes, tudo o que um saboreador de tiques e manias do indivíduo social, possa desejar de mais completo, de mais diversificado.

Não é preciso que, propositadamente, com o olhar *carregado* de intuitos verrumadores, nos instalemos no nosso poiso, à procura de «tipos», de «casos», de bons-senhores extravagantes.

Eles metem-se-nos à cara, aliciam-nos a atenção, fazem-nos sinais, lá dos seus cantos, lá dos seus sítios, ou por detrás do jornal, que fingem que lêem, ou durante o espaço de tempo entre o levantar da xícara, e o voltarem a pô-la no pires...

Não me lembrava já de onde *o* teria visto pela primeira vez. Mas o caso é que já o vira... Isto, todavia, não passava duma sensação vaga, embora se lhe misturasse, bem vincada, bem definida, uma certeza de *diferença de ambiente*. O *modo* da criatura era *também, outro*...

Existe um recurso, que se tornou clássico, — para procurarmos dissipar a estranheza, despertada em nós pelo espectáculo deste e daquele *quidam*, vindo a colocar-se defronte do nosso foco visual: perguntarmos ao criado, quando o indivíduo não esteja, perguntarmos, afectando um por demais, com uma cénica marcação, de ser apenas para tirar uma teima «cá connosco»:

— Pode dizer-me quem é um sujeito, que se senta sempre na mesa, além, ao pé da janela?...

— ...Desde há muito que vem por aí, mas não fazia falta... Isto é já casa dele, e os outros é que «andam» com a despesa. Os cafèzinhos que toma, são tudo «cravanços». Má cabeça... Parece que teve de seu, e bastante...

...Teve de seu, e bastante!

Como Clemente de Silvares, o «antigo escultor», meu amigo, duma vez em que entrámos juntos, para cometermos, a «duo», o pecadilho duma «bebida vermelha», da sua predilecção, tendo-*o*, à passagem, visto abancado, o saudasse, com um caloroso: — Viva, meu amigo! Passa bem?, — o que se sucedeu era inevitável...

Para não cair na deselegância da história assim contada, com o

*herói*, em frente, a poder dar conta de que nos ocupávamos dele, — ficou marcado encontro, para a noite seguinte, na esplanada do *Royal*.

⁂

— «...Um escrúpulo especiosamente moral é que teria atirado *esse homem* para os rodilhos da penúria, em que todos nós o vemos, agora.

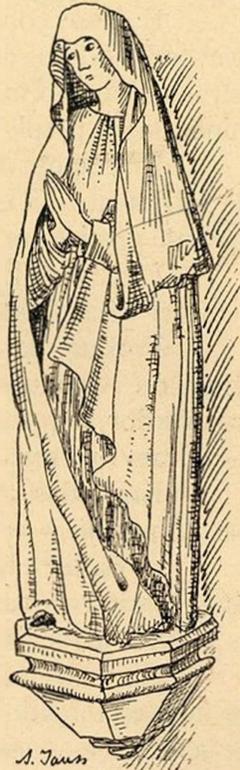
Conheci-o quando *ele* habitava um primeiro andar, verdadeiramente sumptuoso, para os lados dos *Anjos*.

Tudo o que um amoroso de bricabraque ambicionaria encontrar, para pascigo deliciado dos olhos, num ambiente de antiquário, tal como o que inventariou, com a sua hipertrofia do real, o escritor da *Peau de chagrin*: pratos dum melodioso azul de pasta, a autenticar amostras da Companhia das Índias; velhas pratas rubricadas por lavrantes célebres; tábuas de Tiépolo, em que a cor é uma quintessência do arroubo místico; damascos dum Século XVII lindamente enfático, e que absolvia do seu engonçamento o espírito de La Rochefoucauld; móveis de quando os seus fabricantes eram as personagens, que Teniers e Jan Steen, Jordaens e Van Ostade pintavam; tudo isso dava o «sol» e o «fá», na grande orquestração de maravilhas, vinda de cada canto desse primeiro andar, adornado, dir-se-ia, por uma imaginativa de Scheherazade.

Ah, caramba! Como a vida, *assim*, é, de facto, o «bem inestimável», a que aludia Leonardo da Vinci, na sua *última lição*...

Nunca dei conta de que outro melhor do que *ele*, saboreasse, com tão discreto comedimento, a munificência desse *bem*...

Éramos, então, companheiros de bairro. Por isso foi possível que fizéssemos juntos, muitas vezes, o caminho que, pelo corredor do Benformoso, liga os antigos «arrabaldes», de hortejos e ruralismos, aos charivaris convencionais da Baixa.

Ora, em Benformoso *aconteciam*, por esse tempo, antes do chafariz, se vínhamos de cima, — duas oficinas de canteiro... *aconteciam*, e é provável que ainda lá estejam, com os seus afofados ruídos, o jeito isócrono dos homens, atentos e pertinazes, afeiçoando a pedra, e a surdina branca do pó, a sobrepor-se, a acamar-se no solo...

...Numa delas, em certa manhã gris, de peliças, de agasalho, o que é que se nos depara, mesmo junto à porta? Sobre um plinto mínguo, uma imagem de santa, toda em linhas sóbrias, como que a *descarnarem-lhe* a figura, ao mesmo tempo que lhe emprestavam não se sabia que *allure* mendiga, súplice, implorante; uma imagem de santa, que fosse modelada por um cinzel *jansenista,* escolhendo, para a envolver, um emurchecido manto de empréstimo, de pregas tristes, sem donaire...

E desse conjunto precário, dessa figuração de madona, — magnífica, todavia, no seu *deplorável,* — desagregava-se uma tamanha soma de estracinhamento na humildade, que já não me lembra qual de nós a denominou logo, perplexo e condoído, de — Nossa Senhora pobre.

Eu sou um diabo de artista, carcomido de imagens e teorias sublimes de sofrimentos, a quem «essas coisas» só confrangem, só amofinam, até o instante preciso em que passam a constituir «impressões», motivos de arte...

Ele, não! E aqui vem o particularíssimo escrúpulo moral, com que comecei o meu *romance*...

Porque, para a sua exacerbada *psique* de raro, para o seu nervosismo de «esquisito», a vista daquele inglório pedaço de pedra, da criatura de dor, a que o desgracioso da fábrica, reforçava *ainda mais* a aflição, — foi um autêntico *raio.*

Em todos os dias seguintes, não pôde *esquivar-se ao malefício* de passar por *lá,* e se deter, contemplando a Senhora do aviltamento...

— Sabe?, revelou-me ele, uma vez, — sinto-me o culpado exclusivo, o autor-carrasco da *sua* miséria. E é justo que continue a desfrutar as minhas afrontosas magnificências de nababo?!

Eu, entretanto, transpus até outra zona da capital, os meus *trastes,* de filósofo forçado, e de que são testemunhas compungidas, as brochuras de sempre, e as estampas e gravuras de sempre: *Monna Lisa* e *Du Dandysme,* de Barbey; cais de Paris, e o *Louis Lambert,* de Balzac; *Eugénie de Guérin,* e o resto do *tralalá*...

Coerente com o seu «pathos» escrupuloso, o homem foi-se desfazendo de tudo, num frenesim, numa raiva aguda de desbarato, de desperdício, de esfarelamento, para que, sem demora, pudesse merecer *a graça* de estar ao nível daquela *indigência abstracta*...

Quando tornei a vê-lo, era já *isso,* com que a coscuvilhice de Você implicou, ontem; *isso:* esse pretexto para uma andaina coçada, chupando um cigarrinho de mau tabaco...»

Julho de 1945.

C A R L O S   P A R R E I R A

# A Nau Bom Jesus

«...o que aconteceu ao Bom Jesus,
que o comeu o mar e o tempo...»

*Do «Roteiro da Navegação daqui
para a Índia», de Manuel Álvares.*

—"Olhai!... (O vento não chora
Já nas enxárcias, mas canta...
E é qual um canto de Igreja
Que ecoa por todo o mar.
As ondas de ainda agora,
De mar cruzado e terrível,
Parece que vão caindo
Em derredor de um altar.)

«Olhai, é ela que surge,
A Nau Bom Jesus! Já vejo
Topes dos mastros mais altos
E uma bandeira a acenar.
É a Nau Santa! Ressurge,
Há tanto tempo guardada,
E sempre nova e mais bela,
Do fundo, imenso, do mar.

«As ondas quebram, em flor,
Em torno dos mastros, vede!
Tecem coroas de espuma,
Vão-lhe as gáveas coroar.

Passou a hora de horror
E de naufrágio e de morte...
Mais uma vez a Nau Santa
Venceu a força do mar!

«Foi Deus e a Virgem Maria
Que do profundo a chamaram.
De joelhos, marinhagem!» —
Ei-los na tolda a rezar...
Erguem-se as mãos, de alegria,
E os olhos choram e rezam,
E os corpos sentem a vida
Que só Jesus vem salvar.

E enquanto rezam parece
Que a outra Nau, dos abismos,
Aos poucos se vai erguendo,
Para outra vez navegar.
—«O Senhor quis que se erguesse
A Nau Santa! Marinhagem,
Rezemos por essas almas
Que andam almas a amparar.» —

E rezam... Alvinitente,
Mais do que a espuma das ondas,
Já se desfralda o velame
Branco, de cruz encarnada.
Rezam... E eis que, lentamente,
Surgem os altos castelos,
As amuradas, a tolda
Da Bom Jesus naufragada.

Ei-la de novo boiante
Nas ondas a nau perdida
Há tanto! E buscando incerta
A firme rota deixada
Quando, nesse mar distante,
A comeu o mar e o tempo,
E desceu, velas erguidas,
Para a fundura calada.

Alguém pesou sobre o leme,
Que a proa aos poucos se inclina
E já se firma no rumo
Da terra não alcançada
Outrora! Alguém que não teme
Voltar ao mesmo caminho...
(Que a esp'rança de Deus não cede
Nem à morte prolongada.)

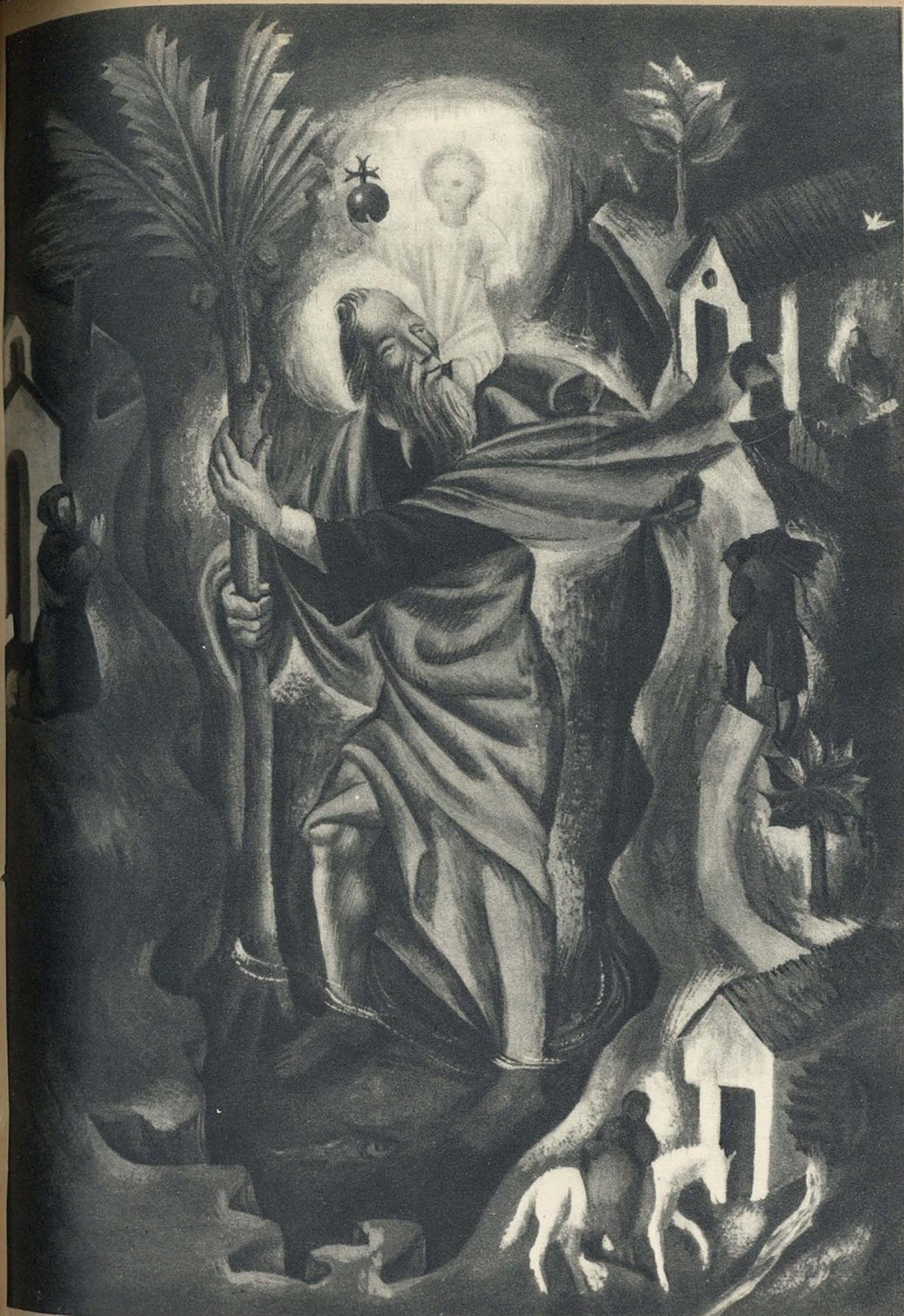
Algum piloto, ao clarão
Do céu, relê seu roteiro...
Já se move, na manobra,
A mesma companha ousada.
Já, na popa, o capitão
Comanda... E vêem-se os vultos
Iguais ao que foram, vivos,
Antes da nau soçobrada.

— «Rezai!» — Do outro navio
Em perdição, e já salvo,
Sobem as graças, em coro,
Para aquela nau sagrada.

— «Vede que não vai vazio
De vidas «o Bom Jesus»...
Que ao ressurgir traz consigo
Quem já no céu tem morada.» —

Clamor, de graças e espanto,
Dos vivos para a companha
Morta, sobe ao vê-la a mesma
Que outrora abismou o mar...
E o capitão que, por santo,
Viu o seu voto cumprido
De, nem por desgraça ou morte,
O louvor a Deus negar.

— «O Capitão! Eis-me a vê-lo,
Tão vivo e bom como foi,
Quando o julgaram capaz
De «o Bom Jesus» comandar...
Quando, ao deixar o Restelo,
Praia de lágrimas, disse:
— «Prouvera a Deus que esta Nau
Pudesse as ondas sagrar.

«Prouvera a Deus que da cruz
Dos seus mastros, aprendessem,
Os brutos ventos, o Nome
Que veio os homens salvar.
Que esta nau, «O Bom Jesus»,
Embora descendo à morte,
Fizesse terra sagrada
Toda a fundura do mar.» —

MANUEL LAPA — «*São Cristovão*»

«E Deus ouviu-o, no Céu...
Aceitou o sacrifício...
E a Nau Santa fez-se à vela
Para as ondas consagrar...
O mar e o tempo o comeu,
« O Bom Jesus»... mas as almas
Vivem com Ele, e seus corpos
Não se corrompem no mar.

«Quando vence, a tempestade,
Todo o esforço e toda a esp'rança,
Por graça de Deus, ressurge
A Nau Santa, e vem domar
Água e céus, com santidade.
Rezai! E segui na esteira
Da Nau Bom Jesus. Rezai
Por quem fez de Deus o Mar.» —

JOÃO DE CASTRO OSÓRIO

# ARTE RUPESTRE NO BRASIL

PRÓXIMO ao fim da centúria de quatrocentos, todos os condicionalismos geográficos ou demopsíquicos predispunham a vida portuguesa de maneira a tornar possível o rumo e sentido universalista, intrínseco da nossa expansão.

O Universalismo da cultura lusíada, eivado de fraternidade, orientado no sentido de uma perfeita e compreensiva tolerância, respeitador da dignidade humana, criou uma nova ética cultural, baseada na experiência, no exame directo dos factos e sua ulterior crítica desapaixonada.

Largo contributo deram então os portugueses ao avanço das ciências, carreando novos ou menos conhecidos materiais, tornando possível estender-se o campo de acção científico aos territórios recém-descobertos.

Todo este movimento tomou incremento e amplitude jamais sonhada, advindo daí largas e vantajosas consequências, de longo enumerar. Fomos grandes porque sempre imprimimos a este movimento um mais amplo humanismo, profundamente renovador e crítico, quer no mundo moral, quer no das ideias (1).

Nestes tempos finais da nossa autogénese, reatando trilhos milenários, retomámos tradições e processos ancestrais, — já usados por nossos avoengos difusores da cultura megalítica, — a par do missionário, do guerreiro, do nauta, do tratante, apareceu também o observador, o anotador curioso de coisas das terras novas, surge então o naturalista.

Acumulavam assim os homens das descobertas ou dos tempos da Ocupação, no desempenho de funções económicas, espirituais ou políticas, o encargo da valorização científica dos novos países. Quantas vezes, estas multímodas tarefas eram desempenhadas pela mesma pessoa, homens privilegiados, denotando largas possibilidades e excelsas qualidades de civilizadores e de cientistas.

São elementos de vária ordem os registados por todos esses pioneiros da valorização científica do Além-Mar Português.

Daquelas que interessam à Etnologia, uma ou outra informação de carácter arqueológico aparece por vezes.

Relativamente aos Brasis, são muitos os códices coevos a fornecerem curiosas e mal sonhadas achegas. Revelam-nos achados presenciados pelos narradores, informando, decorridos séculos, a forma de ser e viver das populações ameríndias pré-cabralinas.

Assim um Códice da Biblioteca de Évora (2) descreve pela mão do P.º João de Sotto-Mayor o sucedido na viagem através da Selva Amazónica, desde Belém ao curso superior do Rio Sacajá, no decurso da qual foi visitado um Santuário Rupestre, bem conhecido dos nativos acompanhantes da expedição.

Por tal manuscrito, há pouco publicado, sabemos ter sido aprestada a missão, interessada em prospecções auríferas, nos seus mínimos pormenores, suprindo-se enormes lacunas com perseverança e persistência, socorrendo-se, quantas vezes, de processos expeditos, dum flagrante primitivismo, sempre que algum e não contado contratempo surgia.

Este Rev.do era um dos mais devotados companheiros do P.e António Vieira, então empenhado na meritória e humana campanha em prol da liberdade dos índios que os sertanejos continuavam a escravizar.

Para atingir fins tão altruístas, serviam-se de todos os meios, socorriam-se dos mais variados transportes, desde que lhes permitissem contactar com as populações agastadas e medrosas dos esclavagistas.

A descrição do Rev.do Sotto-Mayor revela quão grande era o seu espírito de observação e quanta aptidão tinha para as ciências geográficas. Doseando, com acerto e método, o que mais o havia impressionado durante a viagem, carreou informes de valia para a história da penetração portuguesa na zona equatorial americana.

Simultâneamente com informações de carácter geográfico, botânico e etnológico, procura registar factos de sobejo interesse político e social, etnográfico e mítico, como este hoje aproveitado nesta nota.

***

A 11 de Fevereiro de 1656 zarpou a flotilha de Belém e depois de gastos numerosos dias na subida do braço do Amazonas que limita o Sul da Ilha de Macajó, chegou a garimpa de Pero da Costa a Garicuru, depois de 1718 chamado Melgaço, na confluência do Pacajá. Oportunidade não desprezada pelo P.e Matos para nos informar qual o aspecto fisiográfico da região:

> «Hé este Rio Pacajá um dos mais alegres desta America meridional corre sempre entre outeiros que o cercam de uma e outra parte...
> ...Seu curso é sempre subindo de norte a sul e toda a declinação que faz é para o Levante entre Susueste, sueste, lesueste, e alguas vezes para lesnordeste.»

Uma vez que com suficiente precisão ficava orientado o percurso da massa lúdrica, vinda dos confins da selva do Pará, sucedem-se larga cópia de pormenores, mostrando o grande desnível existente entre montante e jusante do Rio, origem de inúmeros saltos, rápidos e cachoeiras.

Memora os grandes trabalhos e canseiras sofridas para vencer o carácter montanhoso do Rio,

> «deseanegando muitas vezes as canoas para que leves passagem com mais facilidade já por cima das penhas já pela madre das correntezas, até que, chegamos aonde o rio se corta em dois braços então entendi com quanta razão os indios temem mais as caxoeiras do Pacajá que as do Tocantin.»

Seguiu a expedição por um dos braços, não o que inflecte para Sul, mas sim por aquele *onde está uma pouca de gente parentes de Capanba o principal de Maracana,* deparando com:

> «outra caxoeira muito mais fera que as passadas; apertam o rio todo dois penedos que ameaçam ao ceu e entre ambos como por empresa vem o rio tão agastado que é necessário fugir de o encontrar, e passar as canoas por grandes detrancas muito fortes que para isso fizemos...»

Depois:

> «Andadas tres jornadas por este braço acima cheguei a hum *penedo* que todos desejavão ver: embalarão-nos toda a jornada com elle o Indios Tapejaras affirmando-nos que todo estava *debuxado com lavores figuras e rostros,* semelhantes aos nossos santos que elles vem nos altares. Disião que não sabião o Author daquella obra: e assim huns atribuião a Deus, outros ao Demonio, tudo isto nos fazia desejar a vista deste altar de pedra: Achei o *penedo lavrado ao ferro e nelle algũas caras tão feas e disfor-*

*mes* que se poderão atribuir ao Demonio: o que entendi assim pello *feitio dos lavores, e caras como pela figura de hum crocodillo que por outra face do penedo estava lancada;* he que aquillo foi obra de alguns indios ociosos se bem *que tam antiga que lhe não conhecem elles o author;* contudo porque a suprestição com o penedo he grande: e tanta a leviandade, que os indios com elle mostrão; que ate alguns dos que ja são cristãos, chegarão a *pedir aquelas figuras, que os deixassem viver muito tempo:* que os desenganei mostrando-lhe que erão aquillo obras de indios»...

E deste modo, ainda que a traços largos ficou descoberto e descrito o moimento, descoberta esta comunicada com certo rigor e propriedade, quase com método actual.

Não podemos hoje criticar certas apreciações e considerandos que o Rev.^do^ Sotto-Mayor fez perante o inédito do monumento, tanto mais que nesta época não estava ainda em uso fazer-se o estudo comparativo das religiões. Não podemos pedir-lhe o impossível: que procedesse tal e qual um especialista actual, que abstrai os seus ideais dos do povo a estudar, esquecendo pertencer à cultura cristã euro-ocidental, adaptando tanto que possível a sua maneira de pensar à das populações cujo património espiritual quer conhecer e assim, buscar o fim, através dos símbolos até à medula da ideologia religiosa, que é a pedra angular de qualquer cultura (3).

Temos sempre de considerar que estes povos pouco curavam de si, só curando de obter a protecção dos poderes sobrenaturais, pois grandemente lhes interessava a vida de além-túmulo. Tal crença domina toda a sua vida, não tomando qualquer atitude, não começando qualquer acção, por trivial que fosse, sem rodear as suas atitudes dum acendrado espírito religioso.

Não podemos pois considerar estas insculturas como repelentes, horrorosas, só lavradas para causar medo ou qualquer estado de sujeição. Serão feias, horrorosas mesmo, para o homem contemporâneo, impregnado doutra cultura artística, educado noutros cânones estéticos e eurítmicos.

Será de facto ousado o pensar-se em estabelecer a cronologia relativa do moimento só pelas indicações que o documento fornece?

Porém, parece, não pertencerem os petróglifos ao património mítico dos Tapejaras; as insculturas apresentavam para estes ameríndios tupis, antes uma espécie de reminiscência religiosa pertencente a antigo culto, sem actualidade, quase desvanecido, a esfumar-se em tempos longínquos.

Estes santuários em que se veneravam insculturas e relevos abertos nas rochas, bem assim o culto das fontes e das quebradas, deviam fazer parte integrante do património mítico-espiritual das populações para as quais tinha mais valor o conjurar os poderes ocultos e sobrenaturais, de forma a diminuir os temores da vida *post mortem*.

Pode bem acontecer que este santuário pertença a qualquer das fases por que passou o grupo de culturas megalíticas andinas, tentando-me o reconhecer possíveis afinidades com a cultura de San Agustín, localizada, no seu máximo esplendor, nas cabeceiras do Madalena, em Huíla, na Colômbia.

Para o Prof. Perez Barradas que ao estudo desta cultura, ùltimamente se dedicou: «El descubrimiento màs sensacional que hè hecho en San Agustín ha sido el de un Santuario a las divindades subterráneas y acuáticas en la quebrada de Lavapatas, a corta distancia del Parque Arqueologico Nacional. En la roca están talladas treinta y cuatro

figuras... En su fondo hay... ...cabezas de lagartos, con solo patas anteriores y en el lado derecho una de culebra. Sus cuerpos suben las paredes de la piscina y se arrollan en espiral en la parte superior. El cuerpo de la figura central es doble y en medio se ve una cabeza humana. Al lado derecho hay esculpida una figura humana con adornos de plumas en la cabeza, orejeras complicadas, brazos levantados y guaynco o delental...»

«...El resto de los relieves de este lugar son lagartos, de dos patas, que por lo general se presentan como si fueram a beber el agua de los canales, serpientes con cuerpo enrollado en elegantes, espirales como las colas de aquellos, y caras humanas.»

Procurei estabelecer certo paralelismo, encontrar conexões com outros exemplares de Arte Rupestre Sul-Americana, mais para suscitar ideias que para concretizá-las, entendendo ser do maior interesse procurar redescobrir tal santuário e assim aprofundar questões primordiais da pré-história brasileira, pois parece poder afirmar-se que a introdução de novas concepções plásticas na arte megalítica andina coincidiu com a migração ou infiltração de povos tupi-guaranis.

Pelo que nos contam os cronistas quinhentistas parece-nos serem os Tapejaras — os Tabajaras de Gabriel Soares, vizinhos dos Tapuia — tribos pertencentes ao grupo Tupinambá, e como o nosso cronista diz, desconheciam a época e autor das insculturas em causa.

Na outra margem atlântica são também muitos os enigmas que se apresentam para uma aceitável explicação destas manifestações de simbólica primitiva ; são no entanto muito mais complexos os problemas da sua cronologia, da sua filiação nas várias culturas pré-históricas ameríndias, aparecendo-nos rodeados de um mistério muito mais acentuado que os que envolve os moimentos análogos do Ocidente Europeu, sendo extemporâneas ainda as tentativas de estabelecer qualquer afinidade em tempo.

Voltando ao curioso descritivo do Rev.do Sotto-Mayor, convenho registar que: «*p.ª escurecer de todo aquella ignorância mandei abrir duas cruses que mouerão aos que por alli passarem ao diante a melhor veneração.*»

Da inclusão de novos sinais no petroglifo, aqui fica o aviso, prevenindo e acautelando uma futura redescoberta de tão curioso santuário rupestre, descoberto por um precursor seiscentista da arqueologia Brasileira.

RUSSEL CORTEZ

---

NOTAS:

(1) Jaime Cortezão — *Teoria Geral dos Descobrimentos Portugueses*, págs. 49-51, Lisboa, 1940.

(2) Biblioteca de Évora CX/2-11, publicado in *Documentos dos Arquivos portugueses que importam ao Brasil*, n.º 8, Lisboa, Julho de 1945.

(3) José Pérez Barradas — *Nuevas Excavaciones en San Agustín*, in Anais da Fac. de Cien. do Porto, vol. XXIV, pág. 20, Porto 1939.

(4) Mendes Correia — *Gravuras rupestres no Brasil*, fasc. IV, vol. V dos Trab. Soc. Port. Antrop. e Etnologia, Porto, Porto, 1932.

Id. id. — *A Etnogenia Brasílica*, in An. da Fac. Cienc. do Porto, Vol. XIX, Porto, 1935.

Gabriel Soares — *Notícia do Brasil*, vol. III da Colecção de Notícias para a História e Geografia das Nações Ultramarinas, Lisboa, 1821.

# CONTRIBUIÇÃO PORTUGUESA NO FUTURO DO BRASIL

A observação resultante de quatro lustros de vida e labuta intensa no Brasil, — vinte anos de trabalhos que não se restringiram ao limitado e ilusório ambiente das urbes litorâneas, posto que varei sertões, auscultei a alma do caboclo, penetrei no Ceará na altura da pavorosa seca de 1914 e lá voltei, dois anos após, quando a chuva bendita, como celeste e mágico penso, já cicatrizara as feridas e transformara em Éden ridente o macabro panorama em que apenas quedavam a estrebuchar, teimosamente verdes, o joazeiro e as «coroas de frades», — tal observação arraigou-me no espírito a certeza de que a sobrevivência dos laços afectivos entre Portugal e o Brasil nem depende de palavras sonoras e fogos de artifício, nem se perturba com as manobras de energúmenos ou de habilidosos.

Sei bem que o povo brasileiro julga com equidade os seus irmãos de aquém-Atlântico, — e vi muitas vezes que a sua indissolúvel e fraterna união connosco o leva espontâneamente a vibrar com as nossas alegrias e até a sofrer com as nossas agruras.

Às manifestações irresistíveis, espontâneas, alheias a rígido protocolo e a convenções artificiosas, — brados que se geram impetuosamente na alma das grandes massas —,. juntem-se as opiniões consecutivamente expendidas pelos governantes do Brasil, as práticas e os actos dos seus intelectuais de maior valia. E é tudo isto o que mais importa, como indubitáveis provas da existência de vínculos indestrutíveis entre Portugal e o Brasil.

Assim, verificado que a boa têmpera do elo fraternal é invulnerável aos golpes de fichas em panos verdes dos casinos, temos de afastar da nossa rota os escribas subornados, — e também, como profilaxia indispensável à marcha dos altos destinos de ambas as Nações, os que não enxergam além «do estreito nacionalismo em que vivem, no Brasil, os cada dia mais insignificantes nacionalistas lusófobos, em Portugal, os indiferentes ou hostis a certos aspectos menos portugueses da cultura e da vida brasileiras».

A afirmação entre aspas é do ilustre Gilberto Freyre. E dele são igualmente estes assertos, que vale a pena fixar: «...seria ridículo pretender que o Brasil exista independente da sua formação portuguesa; ou que seja um país onde outra cultura — outra língua inclusive — possa instalar-se com os mesmos direitos da de Portugal quando colonizou certa parte da América e firmou nos trópicos uma civilização com elementos predominantemente europeus e cristãos». E interpretando uma frase do presidente Getúlio Vargas, acerca de imigração: «O critério histórico é o da formação luso-brasileira. O que for hostil a essa formação é contrário aos interesses essenciais do Brasil». Isto porque, no conceito do grande escritor, o povo português é «o mais cristão dos colonizadores modernos nas suas relações com as gentes consideradas inferiores; o mais transbordante de *simpatia* naquele sentido fixado por Cooley: a capacidade do homem de projectar-se pela imaginação na posição de outro homem e de experimentar — experiência vicária — sentimentos e estados de

espírito alheios». E o carácter afectivo da colonização portuguesa — carácter esse muitas vezes invectivado, por incompreendido, em relatos de viajantes saxónios ao tempo do Brasil colonial —, leva-o a exclamar em frase concisa e nítida: «Nunca houve maior vitória do humano, do demasiadamente humano, sobre o económico».

O pensador brasileiro, todavia, como prólogo a bem arquitectadas sugestões, não se inibe de nos apresentar o quadro actual dos nossos problemas, e afirma, com razão: «As relações entre os Portugueses e os Brasileiros, sentimentalmente tão fortes que os atritos não as comprometem nunca no íntimo, apenas lhes arrepiam a superfície uma ou outra vez, sofrem de uma falta evidente de estímulos e de processos intelectuais. A cooperação nos estudos, nas pesquisas, nas indagações, nos esforços intelectuais, se impõe aos Portugueses e aos Brasileiros com as mais nítidas vantagens para os dois grupos, sem que se tenha até hoje definido qualquer forma de organização ou de sistematização de actividades, ainda tão desconexas, tão isoladas, tão soltas».

Admito que a senda indicada por Gilberto Freyre nos alvitres subsequentes a estas palavras não seja ainda o trilho preferido pelos investigadores de ambas as margens do Atlântico. Lá chegarão, estou certo. Vê-se, porém, nestes últimos anos, que fortes impulsos decidiram sacudir o marasmo e aclarar os mal-entendidos que não devem subsistir. A unificação ortográfica já obedece a um desígnio superior, as conferências e lições em ambos os países são mais frequentes, os prémios literários significam forte estímulo, — e até esta Revista de algum modo agita os centros intelectuais interessados.

Agora convinha também, a par de outros estudos em cooperação, rever, aumentar e concluir a *História da Colonização Portuguesa do Brasil*. Explico-me: acho que seria do mais alto interesse reimprimir o que naquele monumento vai para além de belos rendilhados literários e pode ser considerado como tesoiros de erudição e ciência, juntando-lhe, em edição mais acessível e manuseável, os trabalhos posteriores de Brasileiros e Portugueses (e até de estrangeiros para certas matérias), já feitos e a realizar, de molde a que a História da Colonização derrame luz, de uma vez, sobre os mais variados aspectos da evolução do Brasil. É tarefa que aos Governos das duas Nações competiria orientar, como serviço de interesse público. Veríamos e apreciaríamos assim, definitivamente, como se constituiu «o Mundo que o Português criou».

*

Permito-me juntar algumas palavras a respeito de um assunto da mais aliciante oportunidade. Algo relacionado com o futuro desse mundo para o qual se prevê a colossal população de 900 milhões de almas.

Se quisermos seguir o crescimento do gigante, aceitando, para a infância, os vagos e incertos elementos existentes, veremos que a população de 150.000 habitantes úteis (entre os quais já se encontravam 30.000 brancos) dispersa em duas dúzias de cidades e vilas e muitos povoados, estimada para o fim do século XVI, atinge, em princípios do século XIX (1808), quatro milhões. E segue-se então o vertiginoso desfile de números estonteantes: 1854 — 7.700.000; 1872—10.100.000; 1920 — 30.600.000; 1940 — 41.400.000; 1944 — 44.400.000. (Nesta altura já ao Brasil cabia o primeiro lugar, pela população, não só na América latina, mas entre todos os países latinos). Agora, em 1946, a estimativa, baseada na mar-

cha acusada pelos últimos censos oficiais, atribui ao Brasil uma população de quarenta e seis milhões e meio de habitantes!

E já que estamos às voltas com algarismos, talvez seja interessante registar a evolução das duas grandes cidades — Rio de Janeiro e São Paulo. Na Capital Federal, ao que supunha o viajante Martius, existiam 50.000 almas antes da ida de D. João VI para o Brasil — e 110.000 em 1817. O primeiro censo (1872) acusa 275.000. Em 1940 (último censo) apura-se este número: 1.896.000. Para 1945 a estimativa prevê dois milhões. São Paulo, a grande urbe da indústria, teria em 1800 de 20 a 30.000 habitantes, segundo Mawe e Martius. Com efeito, o censo de 1872 denuncia ainda apenas 31.000. Em menos de um século (1940) a formidável massa humana ultrapassa o milhão (exactamente 1.318.000), e é provável que em 1945 já contasse milhão e meio!

Por outro lado — e o pormenor tem sua importância — a população branca no Distrito Federal sobe, em 1940, para mais de 70 %, enquanto a de cor desce para 28 %, graças à imigração.

Portugal foi, como é sabido, o pequeno-grande contribuinte da colonização do Brasil. E também o vigia ferrenho para a unidade permanente daquele imenso bloco de oito milhões e meio de quilómetros quadrados. No entanto, em princípios do século XVI, quando se efectua o descobrimento, a Metrópole dispunha nos seus 89.000 K² apenas de 1.100.000 almas, número este que pouco aumenta durante a penosa dominação castelhana e só vem a duplicar em longo período que se arrasta até princípios do século XIX. Foi a consequência da emigração para todas as partes do mundo, das guerras, das pestes, da depressão económica do país desde 1580 a 1640, — sangrias enormes e exaustivas a que só resistiria o povo indomável que o Português se mostrou sempre em dolorosas atribulações da sua já extensa vida.

Para o Brasil não foram — como pretendem mal-intencionados — sòmente banidos e escória, — facto que aliás ocorreu nos pródromos das colonizações do Norte da América e da Austrália. Para o Brasil, onde em fins do século XVI já havia — insista-se — 30.000 brancos, seguiram grandes famílias, grandes nomes de Portugal, de que descendem notáveis Brasileiros de hoje. E nem podia deixar de ser assim, porque o Brasil, nos primeiros tempos, representava aos olhos dos governantes lusitanos um campo de conquista espiritual e não um vasto mundo recheado de tesoiros materiais. Outro era — como se sabe e nos dizem francamente Lery, Thevet e Barleus — o objectivo dos assaltantes Franceses e Holandeses. Outra foi a política de todos os Europeus, menos o Português, nas conquistas do Oriente. E é por isso que todos ali prevaleceram e enriqueceram, — menos o Português, sonhador e evangelizador...

Por que a conquista do Brasil era de ordem espiritual, e não económica, é que se deram as imediatas fusões com o Índio e depois com o Negro, miscegenação de que resulta mostrar-se a gente de Portugal — como diz Gilberto Freyre — «um povo com uma capacidade única de perpetuar-se em outros povos, dissolvendo-se neles a ponto de parecer perder-se nos sangues e nas culturas estranhas, mas ao mesmo tempo comunicando-lhes tantos dos seus motivos essenciais de vida e tantas das suas maneiras mais profundas de ser, que, passados séculos, os traços portugueses se conservam na face dos homens e na fisionomia das casas, das igrejas, dos móveis, dos jardins, das embarcações, das formas de bolo».

Lançados tão profundamente os vínculos da raça, o Português nunca mais

deixou de oferecer ao Brasil uma quota apreciável de sangue. De 1808 a 1820 — diz Martius — entraram no Brasil mais de 24.000 Portugueses. De 1820 a 1932, num total de 4.584.552 imigrantes, já em competência com todas as nações da Europa, cabe sempre a Portugal o maior quinhão. As estatísticas brasileiras mostram até que, de 1884 a 1943, em 4.022.975 imigrantes, Portugal teve a enorme contribuição de 1.224.141, distribuindo-se o restante por 18 nações discriminadas e ainda por diversas de insignificante percentagem.

É de notar que, a partir de 1932 — e provàvelmente até o começo da guerra — a quota mais elevada pertence aos amarelos — aos Japoneses. Esta espécie de imigração — que aos Brasileiros já hoje não parece a mais indicada — é certo que não prosseguirá na mesma cadência. E é de prever também que outras correntes, originárias do Norte da Europa, venham a sofrer restrições impostas pelo Conselho de Imigração e Colonização, a menos que se submetam lealmente aos seus deveres para com o país que as abriga e deixem de se considerar cegamente vinculadas à política europeia.

O certo é que a experiência e a voz do sangue levam os Brasileiros a optar francamente pela emigração portuguesa. Impedido, naturalmente, de citar aqui muitos exemplos, cinjo-me a lembrar o ponto de vista expendido não há muito pelo eminente José Carlos de Macedo Soares. Entende o notável homem público, e afirma-o sem rodeios, que se devem abrir as portas do Brasil para todos os filhos do velho Portugal que desejem ali fixar-se, posto que tal elemento não deve ser considerado um simples imigrante, mas um parente próximo, cuja colaboração será recebida com especial agrado. Estas palavras justas, que encontro reproduzidas no Boletim do Conselho Nacional de Geografia, representam, estou certo, o pensamento de muitos outros Brasileiros responsáveis pelo futuro da sua Pátria.

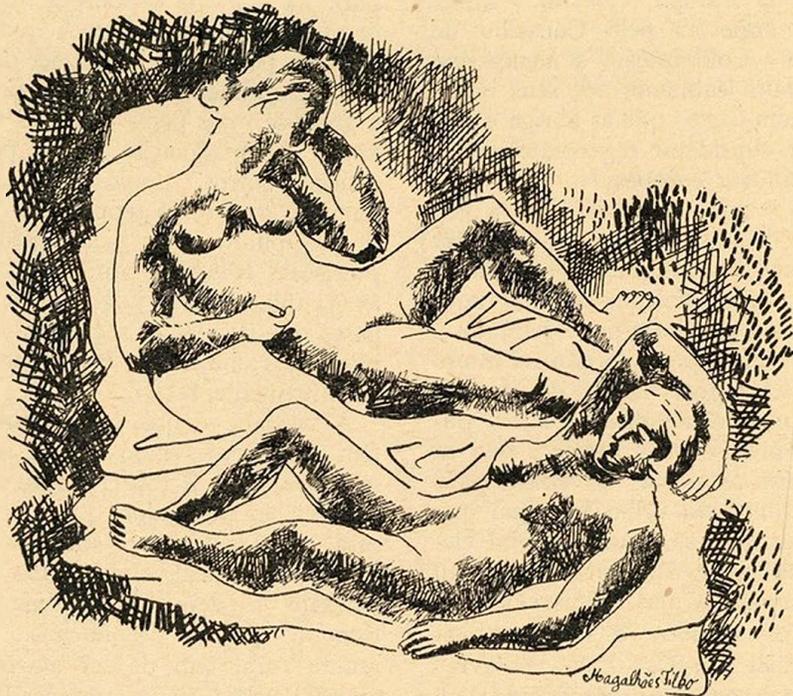
Temos pois, a nosso turno, que encarar agora o problema no campo das realidades. Sabemos que a nossa emigração é composta, em grande parte, de indivíduos sem apetrechamento técnico para os empreendimentos modernos. É massa boa, é até a única disposta a enfrentar os climas do Norte, essencialmente tropicais, enquanto as correntes de outros países da Europa se refastelam exclusivamente nas deliciosas paragens do Sul, de ameno clima semelhante ao que deixaram, — mas é gente rústica, ainda hoje enquadrada nestas palavras de Herculano: «Abstraindo da emigração razoável, da emigração desses que vão para o Brasil com determinado destino, e com a esperança fundada de adquirir uma fortuna que não têm probabilidade de obter no seu país, há nos que a pobreza impele *per la via dolente* dois grupos que se distinguem por índole e carácter diversos: uns naturalmente audazes e propensos a guiar-se mais pelos impulsos das paixões e da imaginação do que pela prudência; outros, tímidos e reflexivos, a quem as aventuras repugnam, e que só se precipitam nelas pela urgência das precisões. Reter os primeiros sem violência quase que o julgo impossível, ao passo que desviar os segundos desse deplorável caminho se me afigura comparativamente fácil».

A verdade é que estes últimos não têm que ser desviados. Têm, sim, que ser *orientados*. É mister, junto à guerra decisiva ao engajador, que o emigrante rural seja *instruído* e dirigido para o interior do Brasil, onde outras raças se recusam à desejada miscegenação e formam quistos prejudiciais. O emigrante rural tem de ser afastado das grandes urbes, onde, atarantado e sem recursos para vencer, vai entregar-se a

baixos misteres, provocando a revolta de elementos nacionais que vivem dessas ocupações. O emigrante português, cujo organismo não resiste a tais esforços num clima diferente e com uma alimentação parca, deixa assim de ser um valor. O problema chegou a tal acuidade que, em tempos, houve de se criar a Obra de Assistência aos Portugueses Desamparados — obra essa que pretendia não só acudir aos que tombassem, mas impedir que se persistisse em consentir um êxodo desorientado. Infelizmente, a instabilidade governativa daquele tempo não permitiu o necessário estudo de tão grave assunto.

Agora, é de supor que a Comissão nomeada para apreciar as relações internacionais de comércio e emprego, trate do caso. Além dessa está prevista desde 1935 — naturalmente porque foi julgada precisa — outra Comissão de estudos relativos às colónias de Portugueses no estrangeiro, que o decreto 26.162, de 28 de Dezembro daquele ano, estipula seja dividida em secções e que nestas figurem (art.° 72.°) cidadãos portugueses conhecedores dos respectivos problemas.

É o abandono definitivo da estática e das presunções teóricas — e a entrada decisiva e dinâmica em campo de realidades práticas.

E D U A R D O   D I A S

«Desenho» — Magalhães Filho.

# Viagens

Lembro as viagens que eu fazia nos paquetes da *Blue Star*
quando escalavam o porto da Ilha de S. Vicente.
Essas viagens não passavam nunca do cais
mas punham um alvoroço bem grande no meu coração...
Ora seguia, rumo à Europa, para Hamburgo, Paris, Londres,
ora para Cuba, México, Argentina...
Mas para o Rio de Janeiro é que ia sempre de preferência
por causa do Cristo que me esperava no Corcovado
e ali me espera ainda inùtilmente
de braços abertos para a minha recepção na terra amável...

Era sempre à tarde quando eu ia passear para o cais
(todas as partidas devem ser à tarde
porque depressa se apaga dos olhos a terra que ficou atrás...).
O bote estava mesmo encostado à escada para me levar
e eu começava a descer o primeiro degrau...
Mas retrocedia logo porque era então que me lembrava
de que no dia seguinte tinha que pôr a assinatura
no livro do ponto da repartição...

Foi afinal o livro do ponto
onde todos os dias eu deixava melancòlicamente
a minha assinatura e a minha renúncia,
que fez com que todas as minhas viagens
não passassem nunca do cais da Ilha de S. Vicente...

# O JOVEM ESTRANGEIRO

O jovem estrangeiro
de cabeleira loira desgrenhada ao sopro da brisa
Parou ali em frente à porta de chapéu na mão
à espera do que lhe dessem para seguir na jornada

Que mistério traz o jovem estrangeiro
que percorre tantas estradas sem fim
e anda sem medo e sòzinho
em noites escuras
pelos caminhos desertos?

Tem no entanto os cabelos de um loiro tão infantil
uns olhos tímidos de menino
de um azul tão transparente
que dão vontade de chegar perto e espreitar neles
para surpreender as miragens e os sonhos
que ficaram lá dentro...

Que mistério traz consigo o jovem estrangeiro
e que perigos o ameaçam
nesses países distantes por onde vem passando?

De que terra longínqua partiu o jovem estrangeiro
ali parado em frente à porta de chapéu na mão
com o fato coçado balouçando no corpo magro
com esses olhos irresistíveis e tímidos de menino
e essa cabeleira loira desgrenhada ao vento e ao sol?

Seguirá depois o seu destino
parando finalmente no bairro pobre da cidade mais adiante...
E contará na sua pronúncia indecisa e pausada
tanta coisa maravilhosa que todos sentirão
o coração batendo e sonhando
com um mundo cheio de felicidades...

À noite a mulher matriculada do bairro
pousará no regaço a cabeça do jovem estrangeiro
para lhe passar o pente nos cabelos...
O carinho será simples
sem qualquer palavra
porque ele ficará pensando na mãe que nunca viu
e ela no filho que nunca teve...

Será nessa hora de infinita ternura
nessa hora de tanta simplicidade
que a polícia talvez chegará
para levar o jovem estrangeiro...

# Não era para mim

*AO SR. DOUTOR MARCELO CAETANO*

Cheguei à varanda e vi as estrelas
brilhando festivamente na noite prodigiosa.
E a calma nocturna era um convite de paz para todas as almas.

Mas não era para mim o fulgor das cintilações
nem para a minha alma atribulada
a tranquilidade acolhedora da noite.

Passei um momento no caminho que as flores enchiam de aromas,
que as árvores enchiam de sombra.
E o chão era fofo por causa das folhas caídas.

Mas o perfume não era para mim nem a frescura da ramagem
nem para os meus pés o tapete que as folhas deixavam.
Porque o meu caminho é um outro, mais duro e mais longo.

Por instantes ouvi a música mais bela
de ritmos mais estranhos e misteriosos
que me fez quase esquecer do que sou.

Mas não era para mim a melodia
porque os meus ouvidos e a minha alma estão cheios apenas
dos ecos que ficam dos gritos e das aflições da vida.

Senti a miséria queixar-se ao meu lado,
gente sem nada pedindo um pouco sòmente
do muito que sobeja nas searas e nos cofres.

Mas não era para mim a queixa tão repetida
porque não sou eu que tenho a espada e a balança
para fazer a divisão.

Não era para mim, não era para mim
nem o brilho das estrelas nem a paz da noite
nem o aroma das flores
nem a sombra nem a frescura das árvores
nem o tapete de folhas caídas nem a melodia
nem a espada nem a balança da Justiça.

Porque é um outro o caminho que o destino me deu,
um outro mais duro, mais longo e mais inútil.

Ilha do Sal, Cabo Verde.

J O R G E   B A R B O S A

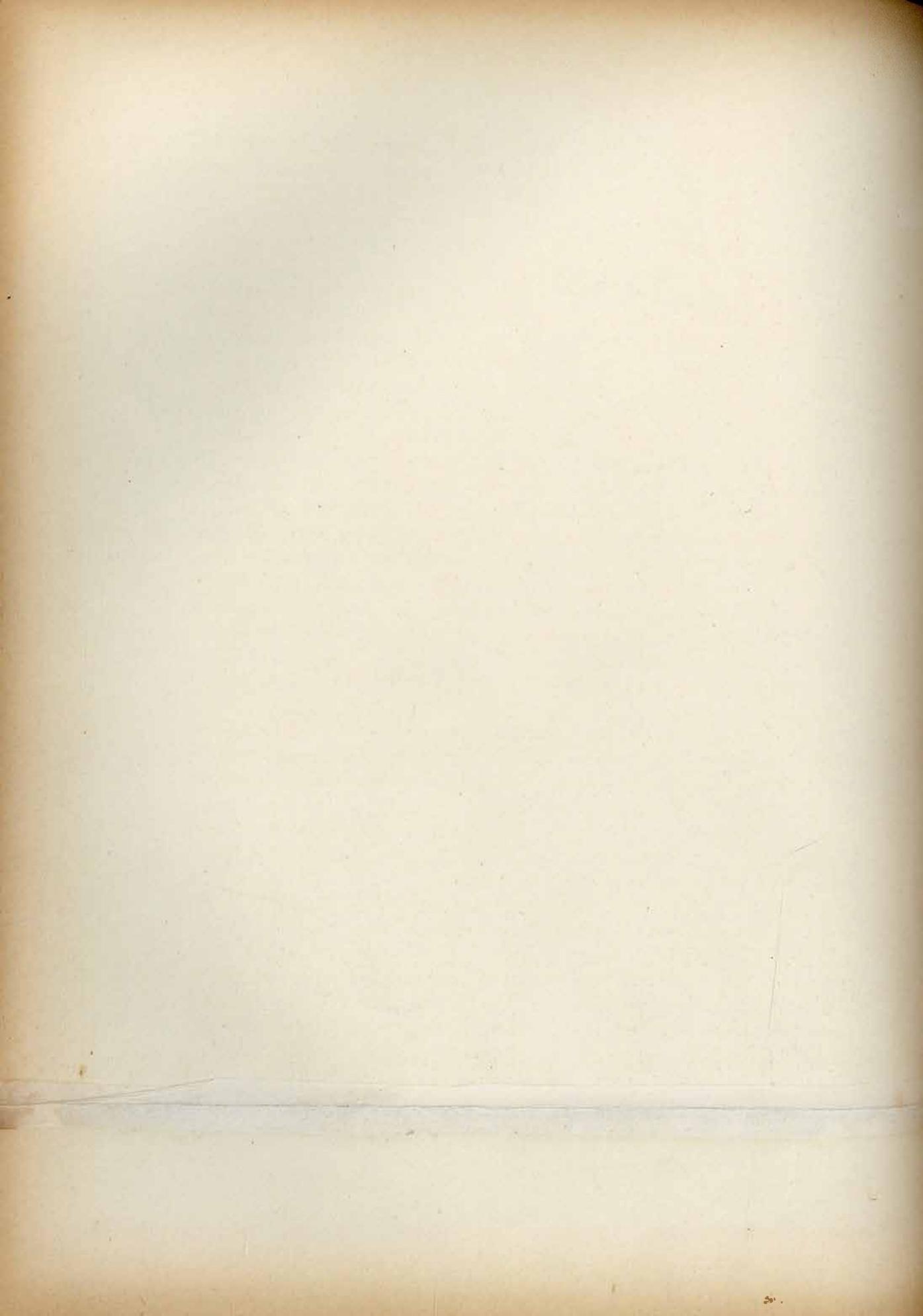
# O ESPIRRO

A friagem penetrante das noites de Março, muito fina, activada pelo vento leve de nordeste, despia-o de todas as roupas, provocava-lhe lágrimas que escorriam dos olhos e do nariz. Não queria mover-se. O movimento poderia libertá-lo de uma espécie de morte para o fazer cair noutra mais horrível. Tinha a vida ligada por um fio, e qualquer gesto mal medido, mal previsto, seria capaz de o quebrar. O cotovelo esquerdo, metido numa pequena depressão do terreno onde se estendera, estava apertado por uma pedra de gume cortante que o entalava de encontro a qualquer coisa rija, espinhosa, e doía-lhe. Doía-lhe o pulso direito que esbarrava na culatra da espingarda poisada no chão. As pernas, atoladas na erva lamacenta, encharcada pela água dos brejos, começavam a inteiriçar, geladas. Uma caimbra surda já lhe arrepanhava os músculos exaustos, no principiar de uma dor agudíssima.

De mansinho, com a lentidão do caracol, procurou deslocar as pernas e afastar o pulso do aço contundente, que já lhe parecia enfiado na profundidade da carne. Um calhau desprendeu-se e foi rolando em desordem pelo declive, com ruído infernal, até fazer um mergulho sonoro numa água que não se via. As rãs pularam e mergulharam atrás dele, numa pavorosa sucessão de estalos chapinhados que se transmitiu ao longe e se perdeu nos confins do silêncio.

Ficou petrificado, com um suor mortal, arrepiante, a inundar-lhe os cabelos e a pele, os olhos esgazeados, devorando inùtilmente as sombras terríveis que eram a espectral figura da sua morte, daquela morte implacável que o espiava de garra erguida. Esperou um século, ou dois. Ao fim daquele inacabável rolar do mundo, tudo continuava como dantes. O provisório afrouxamento da sua angústia causou-lhe uma espécie de desmaio. Deixou pender a cabeça estonteada pela vertigem e pelo martelar furioso que lhe reboava no crânio, sentindo-se quase bem naquele início de agonia.

Um bicharoco, correndo pelo nariz, fê-lo reanimar com um sobressalto de medo pueril. Sacudiu-se. Instintivamente, buscou a espingarda. Estendeu o braço, às apalpadelas no escuro, mas não lhe foi possível encontrá-la. No íntimo, experimentou alívio. Era um trambolho a menos. Naquela situação, medonhamente crítica, para que servia?

VASCO PRADO — *«O Negrinho do Pastoreio»*

Estava colado às linhas inimigas. A quarenta passos, se tanto, distinguia vultos de homens agachados, no meio de outros vultos sem forma definível. Devia ser a guarnição duma metralhadora. Por milagre não dera de cara com eles. Descobrira-os no último instante em que ainda podia passar despercebido, na orla do bosque que rumorejava na sua frente.

Achava-se agora um pouco melhor. As pernas acomodavam-se em terra mais seca e já não lhe doía tanto o cotovelo. Deixou-se ficar de ventre para baixo, como um sapo, o queixo tiritante apoiado nas mãos cruzadas. Na espessura de uma árvore próxima estalou uma brusca correria de animalejos ocultos. Uma folha soltou-se, desceu vagarosamente, balanceada pela brisa, e descansou-lhe nos dedos. Encolheu-se instantâneamente, como que tocado por uma descarga eléctrica, e levantou a cabeça, espavorido. O brado de uma criatura estrangulada soou no bosque, ondulou pelos ares, sumiu-se no espaço, mas permaneceu nos seus ouvidos por tempos sem fim. Era um uivo de angústia, de dor irreprimível, de agonia final, plangente como a voz dum fantasma, que o deixou transido, aniquilado, imaginando tumultuosamente mortes horríveis em sua volta, naquele imenso lodaçal de sombra. Como tinha o ouvido junto à terra, pareceu-lhe de súbito distinguir, muito ao longe, o galope cadenciado de um cavalo. Ta-ca-tum, ta-ca-tum, ta-ca-tum... Por vezes, afigurava-se-lhe que se aproximava ; noutras, perdia-se.

— É o coração... —reconheceu por fim, desalentado. E deixou de ouvir.

E que não fosse ! Que utilidade teria para ele um cavaleiro correndo por uma estrada a meia légua de lonjura ?... Nem sequer sabia se era amigo ou inimigo. Começava a chegar-lhe o momento das criaturas perdidas, que só contam inimigos...

Fechou os olhos, num torpor de cansaço, e viu-se outra vez na hora anterior, no meio dos camaradas da patrulha de reconhecimento de que fazia parte. Era o 29, que estava sempre a rir ; o 102, que estava sempre sério ; o 95, que acreditava em tudo quanto lhe diziam... Oito dias antes não os conhecia. Eram gente do campo e ele pertencia à cidade. Nunca vira o campo, a bem dizer, antes da guerra, e sentia a sua situação agravada por se encontrar perdido naquelas solidões despidas, coberto por aqueles grandes céus alastrados de infindáveis mares de nuvens, entre coisas vivas, mas inertes, ameaçadoras na sua aflitiva ausência de expressão. Na cidade, na sua rua, na sua casa, nunca via mais do que uma nesga de céu, muito diverso daquele oceano, mas conhecia tudo, entendia-se maravilhosamente com as pedras e com os muros, eram-lhe fami-

liares todos os recantos de becos ou vielas, ainda que nunca os tivesse visto. Ali...

Perdera-se quando atravessavam uma seara.

Iam calados, cumprindo todas as recomendações do sargento que os comandava. As folhas esguias, ásperas, de bordos serrilhados, limavam-lhe a cara em golpes bruscos e rápidos, deixando gotas frias a escorrer na pele. De onde em onde, pelo chão que se tenteava a medo, fervilhava a fuga de bichos velozes e rumorosos. Na sua frente não via mais do que uma cortina negra, impenetrável, que ia recuando passo a passo. Por cima, um toldo negro, imóvel, que lhe parecia duro e álgido como uma imensa laje de basalto. A aragem provocava uma conversa constante, murmurada e doce, daqueles milhões de hastes e de folhas que o envolviam numa dança fixa de estranhos bailadores. Num dado momento parara, imobilizado de medo, julgando que alguém lhe segredava qualquer coisa. Não sabia para onde ia, nem chegara a compreender bem o que ia fazer. A bandoleira ensebada da espingarda escorregava-lhe no ombro, obrigando-o a dar contínuos sacões para a conservar segura. Uma vez por outra, chegavam-lhe aos ouvidos os passos dos camaradas e o rumor ciciante que provocavam fendendo a seara. Inesperadamente, vira-se fora dela, pisando um atalho de terra compacta. Dos companheiros, nem vestígios. Sentira-se acossado por um terror indiscritível, semelhante ao que o enlouquecera um dia, em criança, quando se perdera da mãe na vasante duma feira. Ao longe soaram dois tiros e ouviu o silvo rasgador das balas. Deitara a correr para a esquerda, ao longo do atalho que descia suavemente uma encosta. Os cartuchos chocalhavam nas bolsas de lona do equipamento e houve um que saltou, bateu-lhe num pé e foi depois chocar com uma pedra. Nem se lembrara de o apanhar. A corrida prosseguira, à toa, sem finalidade consciente. De súbito, o atalho terminara. Seguia-se um campo lavrado. Estacara, ofegante, de ouvido à escuta. Nada! O mundo parecia morto. Metera pelo campo, agora sem conseguir correr. Os pés entortavam-se nos torrões empedernidos; tropeçava nos sulcos, provocando um estrépito que o ia aterrando progressivamente, como uma inundação que sobe sem tréguas. Felizmente a leira era curta. Continuara a descer a encosta em terreno mais liso. Apenas uma ou outra pedra que rolava, uma erva rija que lhe prendia a bota. Depois, acabado o declive, caminhara longamente por um plaino de terras moles, encharcado pelos aguaceiros caídos durante o dia. Os seus passos não levantavam ruído no chão arenoso e fofo, coberto de erva rasteira. Os vultos das primeiras árvores haviam-no feito parar, transido de assustadora incerteza. Como o homem nas proximidades do lobo, sentira pela

primeira vez, desde que viera para a guerra, a presença do inimigo. Olhara para trás, procurando ver o caminho que acabara de fazer, mas

a mesma cortina negra, impenetrável, apagara-lhe o passado, vedando-lhe a mais insignificante possibilidade de retrocesso. Sentara-se nas ervas a

chorar, sacudido por soluços abafados e silenciosos, mas reconhecera que não podia ficar para ali, entretido no choro, esquecido dos perigos que o ameaçavam. O pânico crescia com a incerteza, com a desorientação. Na verdade, não sabia para onde ia, nem donde vinha. Sentia uma vontade furiosa de gritar pelos companheiros, de chamar: — Ó meu sargento!

Cravara as unhas nas palmas das mãos encharcadas de suor para não descerrar os dentes, porque sentia os gritos por dentro, subindo e fervendo em toda a sua carne, quase a rebentar dos lábios pegajosos.

Meio acocorado, percorrera mais uns metros, com o coração a saltar da boca, escancarando bem os olhos embaciados para a escuridão da noite tenebrosa, desejando apalpar, para satisfação do espírito enlouquecido, as poucas sombras que sobressaíam da massa negra comum.

De súbito, distinguira aqueles vultos, quase como se houvessem brotado repentinamente do solo, e, num relance, lançara-se ao chão, deixara-se cair como um saco largado das costas que o transportam. Naquele momento cuidara-se descoberto. Com os olhos fechados, sacudido por um tremor febril, esperara a chuva de balas que viria encurtar-lhe o tormento. Mas não. Os segundos passavam com a lentidão, com a densidade esmagadora de sofrimentos de inúmeros anos concentrados em instantes, e só ouvia o coaxar das rãs nas valas e nos charcos, o marulhar das franças no bosque fronteiro que o retorno à consciência já lhe ia permitindo diferençar para além do breve espaço onde se instalara a morte. Os vultos moviam-se pouco, sem se afastarem sensìvelmente do mesmo lugar. Um pouco mais para o lado, quase rente ao chão, pareceu-lhe distinguir o cano de uma arma. Não havia dúvida — era uma metralhadora com os homens que a guarnecem. Bem sabia como isso era. Outros deviam estar por ali, sem que conseguisse vê-los, talvez a meia dúzia de passos. Não podia mover-se mais sem se arriscar a ser fuzilado instantâneamente. Já fora um milagre chegar até ali incólume, sem ser pressentido.

A coruja tornou a piar no bosque e logo outra respondeu da árvore próxima, onde pouco antes ouvira rumor. O galope surdo do cavalo ressoou novamente nos ouvidos — ta-ca-tum, ta-ca-tum — e outra onda de suor gelado alagou-lhe as costas e as mãos. Um grilo, ou outro bicho qualquer, ali muito perto, quase à beira da orelha, raspou as asas a medo, uma ou duas vezes, e calou-se. Com todas as forças que lhe restavam procurou serenar e pensar.

Quem lhe garantia que não estava enganado e que aquilo que o apavorava não eram mais do que sombras de coisas inofensivas, ou, muito simplesmente, tropas amigas? Tinha de aguardar a manhã para se certificar. Naquela noite só havia inimigos no mundo. Qualquer pessoa que

o ouvisse mexer, na dúvida, matá-lo-ia. Dois homens separados por três palmos de noite, ainda que fossem irmãos, fariam quanto pudessem para se destruir.

As sombras, pouco a pouco, tornavam-se mais nítidas, perdiam o aspecto difuso que as englobava na escuridão total. Por detrás dos troncos do bosque, por cima das copas oscilantes, subia e alastrava um clarão de lívida brancura, evanescente, como uma gota de leite derramada no céu. O seu terror cresceu com a claridade da lua. Lembrou-se de que tinha o capacete na cabeça e, se brilhasse, a denúncia era certa. Não podia tirá-lo sem se mover, sem levantar um braço, e outro calhau rolaria para o charco... Se essa trovoada se repetisse, cair-lhe-ia em cima uma saraivada de balas.

A quietação da noite impassível era quase total. Apenas, nos ares, um fraco gemer do vento e, rente à terra, um frenético segredar de vidas misteriosas. Parecia inacreditável que se estivesse numa noite de guerra e de morte!

A friagem ia-lhe penetrando no peito colado à humidade, gelava-lhe a garganta ressequida. Sentia o frio nos dentes que batiam. Abriu a boca por lhe parecer que aquele ruído se tornava clamoroso e chegava ao longe, onde continuava o galopar do cavalo fantástico, do corcel do anjo maldito. Pouco a pouco, sub-reptìciamente, começou a trepar-lhe pelo nariz uma sensação esquisita, quase agradável, que lhe solicitava e exigia um desabafo que viria aliviá-lo do tremendo peso que lhe esmagava o cérebro. Quando teve bem a noção do que estava para lhe suceder o seu pavor atingiu o auge. Ia espirrar! O espirro, sonoro, estrondoso, ecoaria no silêncio, chamando prontamente a morte! Era a denúncia, completa, irrecusável!

Como doido, sem se importar com o movimento, esfregou o nariz furiosamente, capaz de o arrancar, se pudesse; esfregou-o na terra, nas ervas encharcadas; ficou com a cara alagada de água frigidíssima que ainda mais esfriava com a aragem que lhe batia de face. E a sensação, afastada por um instante, voltou, mais intensa, mais dominante. Lembrou-se então de gritar, de se render. Aprisionavam-no e acabava-se. Mas, se o mais pequeno som saísse dos seus lábios, se a sua vida fosse conhecida, estava morto! Apertou o rosto nas mãos, delirante, cravou as unhas na carne, dilacerou-se e, quando sentiu que, naquele preciso instante, o espirro era inevitável, abandonou a cabeça para a frente, esvaído de terror, e deixou-se morrer.

A G O S T I N H O B A R B I E R I

# O ESCRITOR GAÚCHO SIMÕES LOPES NETO

UMA das muitas singularidades da vida mental brasileira é o desconhecimento, quase geral, do verdadeiro valor de Simões Lopes Neto. Escritor regional — diz-se, quando dele se fala; e confinando-o, assim, na sua Província, os críticos não têm procurado averiguar se haverá na sua obra elementos de interesse humano ou qualidades estéticas que lhe permitam disputar, no processo da história literária, outra posição mais alta. Repare-se que do mineiro Afonso Arinos não se fala como de um escritor regional e, sim, como de um dos criadores da literatura regionalista no Brasil, embora o seu grande livro, *Pelo Sertão*, seja constituído por paisagens, tipos ou episódios de uma zona delimitada. O mesmo sucede com Valdomiro Silveira, e com menos razão, porque toda a sua obra se cinge ao mundo estreito do homem rural paulista, numa preocupação exclusiva que chegou à adopção do próprio *dialecto caipira* para melhor retratar a alma dos caboclos.

É certo que Simões Lopes Neto, não só escreveu exclusivamente sobre a terra, a gente e a alma do Rio Grande do Sul, como parece tê-lo feito pensando que apenas aos conterrâneos poderiam interessar os seus livros. Os *Contos Gauchescos* começam pela apresentação de «Blau, o vaqueano»—protótipo do gaúcho, tipo particular na geografia humana do Brasil, mas figura tão real e de tanta significação poética que poderia interessar a todos os brasileiros ou a quantos lêem o português, apesar do localismo dos «casos» que conta e da linguagem que usa. Simões Lopes Neto não pensou nessa hipótese, talvez por modéstia, talvez pela cegueira de quem vivia para o amor da *pequena pátria,* e em vez de se dirigir aos brasileiros de todos os outros Estados, dizendo-lhes: «Eis o vosso irmão gaúcho», limitou-se a apresentá-lo aos conterrâneos: «Patrício, apresento-te Blau, o vaqueano».

Talvez Simões Lopes Neto seja o principal culpado da injustiça de que é vítima. Não conheço, com efeito, outro caso em que o autor tenha limitado tanto o alcance e o valor da própria obra. O *Cancioneiro Guasca* é uma simples «Colectânea de poesia popular rio-grandense», mas às *Lendas do Sul,* em que há autênticas criações sobre temas folclóricos, como *O Negrinho do Pastoreio* e *A Salamanca do Jarau,* chamou Simões Lopes Neto, modestamente: «Populário», como se não se revelasse nesse livro, mais do que um folclorista, um verdadeiro autor. Onde a modéstia de Simões Lopes Neto, na classificação dos seus livros, chega a confundir-se com a falta de consciência do valor próprio, é no caso dos *Contos Gauchescos*. Contém esse volume dezasseis contos, seguidos de dois capítulos de matéria puramente folclórica. Dos contos, pelo menos oito podem disputar o direito de ingresso nas antologias, ao lado dos mais perfeitos e mais humanos, mais dramáticos ou mais poéticos modelos do género numa literatura como a brasileira, onde são numerosos os contistas notáveis. Só quem se tenha visto obrigado a reler várias vezes muitas colecções de contos, poderá dar inteiro valor a um único, pequeno volume, em que metade dos capítulos se im-

põe igualmente à admiração. Qual eleger, de entre os contos intitulados: *Trezentas onças, O negro Bonifácio, No manancial, O boi velho, Os cabelos da china, Melancia-Coco verde, Contrabandista* e *Jogo do osso?* Pois a um livro assim, de tão alto nível como obra de criação, classificou-o o autor como de «Folclore Regional»!

Não admira que a grande maioria dos brasileiros de outras regiões, falando, mesmo, só dos intelectuais, ignore a importância de quem assim diminuiu o seu papel de criador. Acrescente-se, para explicar a singularidade deste caso, que Simões Lopes Neto, desde que, por doença, interrompeu os estudos de medicina na Faculdade do Rio de Janeiro, viveu sempre na cidade de Pelotas, publicando aí os seus livros, em modestíssimas edições; que a sua obra impressa se resume nos três volumes citados, numa comédia e em duas conferências; que nunca foi mais do que membro da Academia de Letras do Rio Grande do Sul; que, mesmo dentro do Estado, a sua actividade jornalística se circunscreveu à cidade natal, longe de Porto Alegre, que daria maior repercussão ao seu nome. Na biografia que acompanha a segunda edição, póstuma, do *Cancioneiro Guasca,* este escritor que foi um admirável artista da prosa, um fixador de temas poéticos e um criador de tipos humanos, digno de ocupar um lugar de grande relevo na literatura do seu país, é apresentado à consideração pública como uma glória, não já do Rio Grande do Sul, mas da cidade de Pelotas. «Para a mocidade das nossas escolas, esse nome constitui ainda uma imperecível saudade, pois João Simões lhe legou a festa original da «Centenária», destinada a comemorar anualmente a data da fundação de Pelotas...»

Num caloroso mas justíssimo ensaio, intitulado *O rapsodo bárbaro,* escreveu Manoelito de Ornellas: «A vida provinciana do autor de «Contos Gauchescos» fez, sobre a obra literária que deixou, uma larga sombra que só agora se dissipa. E, no entanto, ele foi o rapsodo bárbaro do Rio Grande. «Contos Gauchescos» é o grande poema da raça.» Ele foi — direi eu — um vaqueano como «Blau Nunes», ou seja, segundo o Dicionário: «Guia, condutor, conhecedor de caminhos e lugares...»

Sim, ele significa, na literatura rio-grandense, — como muito bem viu Manoelito de Ornellas — o que Güiraldes significa na literatura do Prata. Os *Contos Gauchescos* não constituem, de facto, uma obra inferior ao grande livro da Argentina, que é o romance *Don Segundo Sombra,* de Ricardo Güiraldes. Porque não ocupam, então, o lugar que lhes pertence no património espiritual da nação brasileira? Porque o Brasil não é apenas o pampa, nem possui só um tipo humano definido, como a Argentina. Nem sequer o Rio Grande do Sul é só a planura onde campeia o gaúcho. Mas se essas circunstâncias reduzem a amplitude da significação social da obra de Simões Lopes Neto, que é que impede que ela seja lida, como merece, não só em todo o Brasil, mas em todo o mundo de fala portuguesa? Que obstáculo se opõe a que se torne, mesmo, universalmente conhecido, como aconteceria se fosse traduzido *O Negrinho do Pastoreio* — maravilhosa realização literária da maior contribuição do Brasil para o património humano dos mitos poéticos?

Ainda não se dissipou a «larga sombra» que tem pesado sobre a obra deste escritor — vítima, não só da vida provinciana, mas de um singular destino. Pois não é ele, pelo menos, uma glória do Rio Grande do Sul, a sua mais autêntica glória literária; pois não é Porto Alegre a sede de uma das maiores editoriais do Brasil!? E que sucede ainda hoje, ao leitor curioso, que chega à capital do Estado e pergunta pelas obras

de Simões Lopes Neto? Onde estão as novas edições das *Lendas do Sul* e dos *Contos Gauchescos?* (*) Quem, nesse centro de cultura e de actividade editorial, cuidou da publicação das obras inéditas de tão notável escritor? Quem, numa terra de gente tão ciosa do seu valor próprio dentro da comunidade brasileira, pensou no que porventura poderão representar, para a definição do seu carácter de povo, os «romances regionais»: *Peona e Dona* e *Jango Jorge?*

Diz Simões Lopes Neto, e crê o povo gaúcho, que «ainda hoje, conduzindo o seu pastoreio, o Negrinho, sarado e risonho, cruza os campos, corta os macegais, bandeia as restingas, desponta os banhados, vara os arroios, sobe as coxilhas e desce às canhadas. O Negrinho anda sempre à procura dos objectos perdidos, pondo-os de jeito a serem achados pelos seus donos, quando estes acendem um coto de vela, cuja luz ele leva para o altar da Virgem Senhora Nossa, madrinha dos que não a têm.»

Acendo esta vela ao Negrinho do Pastoreio, para ver se ele acha, para o escritor, a glória que perdeu por muito amar a sua terra.

JOSÉ OSÓRIO DE OLIVEIRA

---

NOTA:

(*) O livro *Prosa dos Pagos,* de Augusto Meyer, que só pude ler depois deste artigo composto, inclui um admirável ensaio sobre Simões Lopes Neto, «Prefácio para uma reedição da sua obra pela Livraria do Globo». Na «Bibliografia do Regionalismo Gaúcho», que acompanha esse volume, aponta-se, sem indicação de data, uma reedição conjunta dos *Contos Gauchescos* e das *Lendas do Sul,* feita por aquela grande editorial de Porto Alegre. Está, por certo, esgotada, pois que não a encontrei. A edição dos *Contos Gauchescos,* que possuo, é a primeira, de 1912, feita em Pelotas — exemplar, esse meu, oferecido pelos editores à escritora portuguesa Ana de Castro Osório, que em 1922, não querendo ficar pelo Rio de Janeiro e São Paulo, levou até ao Sul do Brasil (Rio Grande e Paraná) o seu pregão de uma *Grande Aliança* espiritual entre os dois povos. Das *Lendas do Sul* não possuo, com desgosto, exemplar algum, mas sei que a Livraria do Globo prepara uma edição ilustrada, e isso é motivo de alegria.

# VÁRIA

## O desejo do Brasil

*Nenhum português deixou, mesmo sem o confessar, de desejar o Brasil. Qualquer das suas células apetece desesperadamente um país maravilhoso, de cores firmes e definidas, de largas baías sujeitas ao mar, de paisagens tão perfeitas como cenários escolhidos de filmes. Um país da cor morena e da cor vermelha, das garotices nas coisas sérias, da vida dura a brincar.*

*Porém, não é num foco de luz, rodando ao ritmo da alegria e das sensações violentas que eu vejo e que eu desejo o Brasil, porque o meu Brasil nasceu da atmosfera criada pelos seus Poetas e desse constrangimento modesto dos que pensam nos momentos de insatisfação num país inexistente por inacessível.*

*De longe me chegam nomes como Ouro Preto, Congonhas, Sabará...*

*Sei que numa dessas cidades brasileiras, fechada entre montanhas um Poeta viveu uma vida inteira de solidão, em que os seus dias correram sempre iguais.*

*Como deveria chamar-se o lugar em que vivo, à beira de uma estrada, de uma via férrea e de um rio que poderiam ser os veículos para todos os países do mundo?*

*Sei que em S. Paulo, sob as árvores de uma rua sossegada, meninos de todas as raças brincavam, como irmãos, ao anoitecer. E penso, embora eu saiba que estou imaginando falso, que à entrada do Brasil haverá um Templo onde cantam e rezam bem a nossa língua. Por detrás do Templo correrão os rios verdes e densos entre o mato cerrado ; e nas noites de inverno ouvir-se-á o ruído do Cérrego Fundo e um bater de água quebrando-se de espaço a espaço.*

*Nos planaltos, moços doentes farão poemas que nós leremos chorando.*

*As madrugadas serão frescas com trepadeiras debruçando-se em muros salpicados de orvalho.*

*Terá mistério, terá bruxedo, crepúsculos fantásticos em salas onde os Poetas suspensos sofrem e vivem o nada de cem gerações.*

*As moças do Brasil serão melancólicas românticas e fugidias, como nos versos de Augusto Frederico Schmidt :*

Perdida Luciana de goivos nas tranças
Que estranho sorriso errava e fugia no teu rosto fino!
E tu, misteriosa e estranha mulher em botão ;
Ó Stella perdida no tempo perdido,
Ó Pássaro estranho que o frio matou!

*Ainda moça desembarcarei um dia nesse País que apeteço. E verei uma terra encharcada de luz, exuberante, onde as dores doem mais, as alegrias são mais fortes e a poesia mais funda.*

*Curvar-me-ei ao seu contacto, sofrerei, para depois me erguer e caminhar consciente como nunca.*

NATÉRCIA FREIRE

## Aniversário do Irmão

*José Osório de Oliveira leu no dia 3 de Maio, ao microfone da Emissora Nacional, estas palavras, abrindo o programa Meia-Hora Brasileira :*

Comemora-se, nesta data, mais um aniversário do descobrimento do Brasil. Esse país novíssimo completa 446 anos — a juventude para uma nação! É dia de festa, hoje, no lar do primogénito da família lusíada. O irmão mais novo está longe, lá no outro lado do *nosso mar*, mas é como se estivesse aqui, sentado à lareira da «Pequena Casa Lusitana». Não sentis, todos vós, a sua presença no solar antigo, como se os seus passos firmes de jovem americano ecoassem nas velhas salas, de cujas paredes pendem os retratos dos avós ; como se ele tivesse parado um momento diante da pedra de armas da família e, depois de ter colhido uma flor de saudade, em espírito viesse sentar-se à nossa mesa, e comesse do nosso pão, e bebesse do nosso vinho?

A «quarta parte nova», de que falou Camões, é, já hoje, uma potência. Será,

amanhã, uma das maiores nações do Mundo. E será sempre, no entanto, o nosso irmão mais novo. É essa a glória de quem soube dividir-se, em vez de ficar, egoìstamente, um só. E o nosso prémio é este de poder dizer todos os anos, no dia 3 de Maio: Irmão Brasil! parabéns.

## Notas de um leitor de livros brasileiros

### O Mito do Brasil

No prólogo de uma conferência afirmei «que o Brasil substituiu, entre os portugueses, o mito das ilhas; que esse país tem para nós todos, ou para quase todos, um valor de mito.»

No romance: *A Quadragésima Porta,* do brasileiro José Geraldo Vieira, que é filho de portugueses, lá está a referência ao *Mito do Brasil,* na boca de uma mãe portuguesa:

« — Ó meu portuguesinho! É mania da nossa raça. Quando sentem as mãos ou o coração vazios, pensam logo em ir para o Brasil.»

É verdade que, por outro lado, o Português é sempre, em qualquer parte, como o «Leonardo-Pataca» das *Memórias de um Sargento de Milícias,* de quem o brasileiro Manuel António de Almeida pôde dizer:

«Foi nas saudades da terra natal que ele achou inspiração para o seu canto, e isto era natural a um bom Português, que o era ele.»

Assim vive o Português, dividido entre a aspiração do Brasil e a saudade de Portugal.

### Críticos

O *Jornal de Crítica,* de Álvaro Lins, vai na IV série, e pode, já agora, medir-se o alcance de tão rigoroso exame da literatura brasileira contemporânea e de alguns problemas estéticos ou ideológicos do nosso tempo. Não se pode negar a força que resulta da convicção de possuir a verdade, numa crítica normativa como é a de Álvaro Lins, mesmo que se perfilhe o ponto de vista de Sérgio Milliet, que encara a crítica, na esteira de Montaigne, como «uma maneira de dizer o próprio pensamento e a própria emoção», servindo assim, talvez, «de ponte entre o leitor comum e a obra de arte», e não como «um meio mais ou menos brilhante de orientar a leitura, de estabelecer selecções dirigidas em apoio de ideias ou sentimentos que julgamos, um tanto arbitràriamente, certos.» Essas palavras de Sérgio Milliet foram escritas, precisamente, a propósito da IV série, recentemente publicada, do *Jornal de Crítica* de Álvaro Lins, «jovem e severo juiz da literatura brasileira», que ele aprecia e respeita como eu, mas com o qual, como eu, nem sempre concorda.

Apreciará de um único ângulo a literatura brasileira, quem não conhecer os outros juízos — de um Sérgio Milliet, por exemplo, cujo *Diário Crítico,* já com dois volumes publicados, oferece perspectivas bem diferentes. Fará, além disso, uma ideia incompleta da crítica brasileira quem ignorar a existência de um novo crítico, entre outros: António Cândido, autor de um único, pequeno mas lucidíssimo volume de ensaios: *Brigada Ligeira.* Ao examinar António Cândido no concurso para professor da cadeira de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, ao qual apresentou uma tese notável: *Introdução ao Método Crítico de Sílvio Romero,* e em que triunfou moralmente; ao examinar António Cândido, outro crítico literário, o ensaísta Afonso Arinos de Melo Franco, declarou considerá-lo, sendo tão novo, o melhor crítico brasileiro da actualidade.

### Influência de António Nobre

Na IV série do *Jornal de Crítica,* diz Álvaro Lins que «António Nobre representa, realmente, a última grande influência portuguesa dentro da nossa literatura». Com efeito, depois da influência de Antero em Cruz e Sousa e da influência persistente de Eça de Queiroz, António Nobre é o único dos nossos que influiu, modernamente, na literatura brasileira.

Pode dizer-se que António Nobre influi ainda. Álvaro Lins, para corroborar a sua afirmação, cita a «obra do sr. Manuel Bandeira», que «revela quanto este poeta brasileiro sentiu e amou a poesia de António Nobre: sentimento e amor que exprimiu nestes versos de um soneto de *Cinza das horas :*

*«Com que magoado olhar, magoado espanto,*
*Revejo em teu destino o meu destino».*

Julgava Manuel Bandeira, em 1916, que o seu destino era, como o de Nobre:

*«Essa dor de tossir bebendo o ar fino,*
*A esmorecer e desejando tanto...»*

Não deriva, apenas, de uma suposta ou verdadeira identidade de destinos, a influência do poeta do *Só* sobre os brasileiros. Álvaro Lins cita, ainda, «o sr. Mário Quintana», que «num livro recente» (*A Rua dos Cataventos*, 1940) «dedica um soneto a António Nobre, com esta invocação que muitos outros poetas brasileiros poderiam repetir:

*«Contigo fiz, ainda em menininho*
*Todo o meu Curso d'Alma... E desde cedo*
*Aprendi a sofrer devagarinho*
*A guardar meu amor como um segredo...»*

Álvaro Lins falou incidentalmente da influência de Nobre; não pretendeu fazer o estudo dessa influência. Caso contrário, perspicaz como é, teria ido descobrir as primeiras manifestações dessa influência num dos dois maiores poetas do Simbolismo brasileiro: Alphonsus de Guimaraens, não obstante a proximidade das datas. O primeiro livro de Alphonsus: *Kiriale*, onde essa influência é já evidente, foi escrito de 1891 a 1894, embora o manuscrito tenha sido passado a limpo em 1902, e só nesse ano o livro tenha sido publicado. Sendo a primeira edição do *Só* de 1892, poderá falar-se de influência de Nobre, tão imediata ela seria, ou deverá atribuir-se à identidade de origem o parentesco de Alphonsus com Anto, sabendo-se que o pai do poeta brasileiro era natural de Entre Douro e Minho? Lembremo-nos de que ele escreveu, no seu livro de prosas: «Um rouxinol que tenho dentro da alma (meu pai, um velho português, trouxe-o do Minho e mo entregou)...» É lícito supor que antes de publicado o *Só*, já ao Brasil tivesse chegado o eco da poesia de Anto, pois que nesse tempo de mais raras e demoradas comunicações, o Brasil mantinha mais estreito contacto intelectual com Portugal, menos aberto, como estava, ao vasto mundo.

Não se deverá, em parte, à afinidade que tem com a poesia de Nobre, o acolhimento que a poesia de Ribeiro Couto encontrou na sensibilidade portuguesa? Há, ainda, um caso que desejo apontar, que é, aliás, o do poeta Mário Quintana, citado por Álvaro Lins. Antes de ir a Porto Alegre, pensava que a influência de Nobre sobre esse poeta do Rio Grande do Sul era de carácter puramente literário. Mas, como disse lá, «passeando nos arredores da cidade, pude ver que o clima e a paisagem contribuem, também, para isso». A doçura da paisagem e a melancolia dos infindáveis crepúsculos à margem do Guaíba, terão, possìvelmente, predisposto os poetas de Porto Alegre para aceitar como sua uma poesia que tanto deve aos suaves campos do Mondego e aos seus poentes. Lila Ripoll tem no livro: *Céu vazio*, de 1941, uma poesia intitulada *António Nobre*, que talvez confirme essa suposição. O princípio e o fim dessa poesia documentam perfeitamente a identificação da mulher inspirada com o poeta inspirador:

*«Tenho aqui «DESPEDIDAS». — Pobre Anto! —*
*Tão magrinho, tão só, tão triste e doente!*
*Para mim ele é Poeta e também Santo:*
*— Não precisa de altar para ter crente!*

*António Nobre. Alguém (perdoa a ofensa! —)*
*Comparou os meus versos com os teus.*
*Para mim não há outra recompensa.*
*Mas pra ti, que tristeza, Santo Deus!*

*É verdade que leio, diàriamente,*
*o teu «SÓ», minha Bíblia sem mistérios.*
*Isso,—eu sei!—não te deixa descontente.*
*—Gostei sempre de pensamentos sérios.—*

«.......................................................

*«Evoquei tudo isto porque alguém,*
*de longe me mandou o «DESPEDIDAS»,*
*o presente maior que recebi*
*e encantou minhas horas distraídas.*

*Ele está aqui, velhinho, as folhas tristes,*
*descansando tranquilo sobre a mesa.*
*A noite anda lá fora. O vento geme.*
*Parece a voz dos choupos. — Que tristeza! —*

*Ilusão. Impressão dos meus sentidos.*
*Tanto senti, ó Anto, o que escreveste,*
*que os meus nervos estão tristes, transidos,*
*sofrendo quase o mal que padeceste!»*

Ao invés da sensibilidade poética, o espírito crítico pouco deverá ao ambiente, mas se atentarmos na observação de Carlos Dante de Moraes, de que no Rio Grande, por excepção no Brasil, «a paisagem a cada passo rememora o homem, e nem é compreendida sem ele», talvez se possa admitir a mesma influência na disposição desse ensaísta rio-grandense para a análise da poesia lusitanista, quer no estudo dos *Aspectos da sensibilidade lírica em Portugal e no Brasil*, do volume: *Viagens Interiores*, quer no de *A tristeza de Anto*, do livro *Tristão de Athayde e outros ensaios*.

### Alphonsus

Henriqueta Lisboa dedicou a Alphonsus de Guimaraens uma conferência da série: *Nossos Grandes Mortos*, organizada pelo Ministério da Educação e agora dada à estampa. É um breve ensaio em que o espírito crítico não sofre com a devoção, nem esta prejudica a lucidez — um bom exemplo de crítica apologética, um acto de fervor que se justifica por esta *Confidência :*

«[...] No dia em que Alphonsus morreu foi que a poesia nasceu, verdadeiramente, em mim. [...] A notícia, húmida de lágrimas, que o cronista do *Diário de Minas* escreveu sobre a morte do poeta, seguiu-se a publicação dos seus últimos versos. Estranhamente vibrou meu coração menino, a este contacto espiritual. Foi como se uma clareira verde se abrisse aos meus olhos. Momento extático de iniciação. Havia ainda aquilo! Aquilo, que eu pressentia confusamente, ressonância da alma, secretas afinidades entre o real e o inefável, laço invisível entre a terra e o céu. Foi o primeiro que me falou na linguagem dos anjos, foi o meu primeiro poeta, aquele que se ama na adolescência e que nunca se abandona.»

«Quinze anos passados, a grande emoção transbordou» — acrescenta Henriqueta Lisboa — num poema: *Em teu louvor, Alphonsus* — poema admirável, que reproduz a seguir e que termina por este voto:

*«Santo Alphonsus! bendito e amado sejas*
*no coração dos homens e de Deus,*
*sobre a terra e na glória eternamente !*

Não tenho dúvidas de que esse voto se realizará, embora faça desconfiar do «coração dos homens» o pobre, feio, triste e abandonado túmulo do poeta no cemitério de Mariana.

### Outros Poetas

Como os comerciantes do livro não mandam para Portugal obras desse género, foi preciso eu ir ao Brasil para saber que foram publicados, em edição de arte, os *Poemas traduzidos*, admiràvelmente, por Manuel Bandeira; que Sérgio Milliet reuniu os seus poemas de puro intelectual, com o título: *Oh valsa latejante...*, numa edição rara, pela qualidade gráfica, no Brasil; que Mário de Andrade tinha revelado, em 1944, um jovem poeta: Geraldo Vidigal, autor de *Predestinação* e nessa altura combatente da Força Expedicionária Brasileira à Itália; que foi editada, com o título: *A Divina Quimera*, toda a obra original de Eduardo Guimaraens, o grande poeta da segunda geração simbolista; que Mário Quintana, em *A Rua dos Cataventos*, conseguiu o prodígio de renovar o soneto; que existem poetas, não incluídos nas antologias, dignos de nelas figurar, como Athos Damasceno Ferreira, o enamorado cantor de Porto Alegre em *Poemas da Minha Cidade* (novelista também — direi entre parêntesis —, pouco falado pelos críticos do Rio e de São Paulo, merecedor de mais larga repercussão pela arte e pela humanidade de *Moleque* e *Menininha*); que uma figura de gesta como a de *Tiaraju*, o guarani defensor das Missões, encontrou em Manoelito de Ornellas o seu poeta, embora poeta em prosa, na mais legítima heroificação do índio, porque não do índio mítico, mas do índio histórico, nem do índio selvagem, com uma psicologia inventada, mas do índio cristão, com sentimentos que podemos imaginar.

Tanta poesia! Alguma vem ter connosco, como a de Odorico Tavares, cujo volume de *Poesias*, de uma ampla inspiração humana, soube encontrar o caminho de certa casa de Lisboa onde os livros de poetas brasileiros são sempre acolhidos como amigos, sejam eles (como *A Rosa do Povo*, de Carlos Drummond de Andrade, nem por isso menos admirada) estranhos ao espírito da casa. Mas muita poesia, só indo ao Brasil se pode descobrir. Só lá pude conhecer — em que edição! — as *Poesias* do malogrado Alceu Wamosy. Ainda me ficou por conhecer a

poesia de Zeferino Brasil e a de Marcelo Gama, mas creio poder fazer já uma ideia da poesia do Rio Grande. E sei hoje, por a ter ouvido, quanto vale a poesia nordestina de Ascenso Ferreira.

### Literatura Regionalista

Uma das declarações que mais me tem surpreendido é, sem dúvida, esta de Álvaro Lins: «Confesso que jamais pude compreender e sentir de modo completo a arte de Simões Lopes Neto. A sua linguagem regionalista constitui um obstáculo quase invencível. Quase direi que para entendê-lo será preciso o aprendizado de uma nova língua, a sua língua.»

Isso poder-se-ia dizer, com alguma razão, do livro póstumo de Valdomiro Silveira: *Leréias (Histórias contadas por eles mesmos)*, inteiramente escrito em «dialecto caipira». Quanto aos *Contos Gauchescos*, quando muito poder-se-ia desejar que tivessem sido acompanhados de um vocabulário, como fez Darcy Azambuja, continuador de Simões Lopes Neto, no seu livro: *No Galpão*. Mas isso seria igualmente necessário para algumas obras sobre outras regiões do Brasil, como o reconheceram, pelo menos, Peregrino Júnior para as suas *Histórias da Amazónia*, e José Américo de Almeida para o seu romance nordestino: *A Bagaceira*.

A verdade, porém, é que, mesmo que escape ao leitor, que não seja gaúcho, o significado exacto de um vocábulo, isso não prejudica a compreensão de um único facto. E não têm certas palavras um sentido poético que se adivinha? Antes de conhecer a significação de «querência», eu já lhe sentira a profunda nostalgia. Pois não compreende o leitor de qualquer país, que saiba espanhol, um livro como *Don Segundo Sombra*, de Ricardo Güiraldes? E não se pode dizer que todas as palavras desse grande livro argentino sejam de uso comum na língua castelhana!

Mas a declaração de Álvaro Lins tem o mérito de lhe servir para prestar justiça e homenagem ao «valor estético da crítica» de Augusto Meyer: «Mas como definir um livro que nos transmite uma impressão profunda, um conhecimento definido, uma consciência sensível, de alguma coisa que antes nos era desconhecida? Foi o que me aconteceu — diz ele — Com a literatura regionalista gaúcha depois da leitura de *Prosa dos pagos*.»

Aliás, entre os próprios rio-grandenses, nem sempre a crítica soube dar a Simões Lopes Neto o seu valor exacto, como se verifica pela *História Literária do Rio Grande do Sul*, de João Pinto da Silva, que ficou longe da verdade enunciada por Augusto Meyer: «usada a palavra no sentido lato», «foi ele em essência o *nosso* poeta»; noutros termos: o *cantor* de uma terra e de um povo.

### Lições de Português

Referi-me, incidentalmente, no número anterior desta revista, à publicação de *Textos Quinhentistas*, estabelecidos e comentados pelo professor Sousa da Silveira, na colecção: *Textos Antigos e Modernos*, dirigida pelo professor Thiers Martins Moreira e editada pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Sem ter o volume presente, atribuí-lhe o título: *Textos Clássicos*. São esses *Textos Quinhentistas : Sôbolos rios*, de Camões, *Crisfal*, de Cristóvão Falcão, *Castro*, de António Ferreira, e *Auto da Alma*, de Gil Vicente. Do valor dessa edição não há que dizer. Basta que se saiba que o professor Sousa da Silveira é autor de um livro didáctico: *Lições de Português*, que é obra magistral, de ensinamento e ilustração para todos nós.

Quanto temos que aprender sobre a Língua na obra monumental que é o *Dicionário Etimológico*, de Antenor Nascentes! Se a Língua é tanto dos brasileiros como nossa...

### Camonismo

*Camões (Temas e Motivos da Obra Lírica)*, de Cristiano Martins, é outra lição de um brasileiro em que os portugueses têm que aprender. Se Camões é de ambos, igualmente...

Nesse livro não há, felizmente, «filologia nem biografia pròpriamente ditas», mas, «quando muito — diz o autor —, uma tentativa de realizar a biografia lírica do poeta». Quando muito!? Mas é isso que importa, acima de tudo, conhecer de um poeta; isso de que Camões precisava, sem desdouro para os eruditos camonistas, entre os quais Afrânio Peixoto ocupa um dos primeiros lugares, com os seus *Ensaios Camonianos* e o seu «camonismo» activo, que nunca será demais louvar.

Se Cristiano Martins não conseguiu realizar completamente a «biografia lírica» de Camões, aproximou-se muito da sua realização. E não sei de obra mais digna de um brasileiro, como de um português.

Uma série de reflexões sobre Camões, poeta e homem cristão, eis o que nos surge, imprevistamente, nos aforismos 424 a 439 do livro: *O Discípulo de Emaús*, de Murilo Mendes. Digo imprevistamente porque se trata de uma obra de temas predominantemente religiosos, e Camões não foi teólogo nem santo. Para Murilo Mendes, escritor católico, Camões «sabia muito bem o que é o Verbo: por isso pôde encarná-lo».

Aliás, Gil Vicente ocupa oito aforismos da mesma obra, encarado também, e com mais razão, pelo lado religioso. O que interessa apontar é a importância, por assim dizer normativa para o crente, que Murilo Mendes atribui aos dois grandes poetas, reconhecendo-lhes, assim, o valor universal, que muitos não vêem ou ainda discutem.

J. O. de O.

## Cultura Portuguesa

**Idearium — Antologia do Pensamento Português**

O S. N. I. iniciou a publicação de uma colecção intitulada «Idearium — Antologia do Pensamento Português», cujo alto préstimo não foi recebido como merecia.

O primeiro volume, seleccionado e prefaciado por João de Castro Osório, é referente à Ínclita Geração, incluindo textos de D. Duarte e de D. Pedro.

No prefácio que apresenta a colecção vem exposta uma teoria da história portuguesa para a qual chamamos a atenção do leitor; quer pelo seu valor intrínseco, quer por ser elaborada segundo princípios nacionais de amplidão não meramente historicista e erudita, esse estudo é digno de reflexivo exame.

Coloca João de Castro Osório a época dos descobrimentos, na qual a acção nacional atingiu as máximas expansão e diferenciação, como centro nuclear da nossa história. Aquilo a que se pode chamar alma ou génio nacional plenamente se manifesta nessa época, e a partir dela, portanto, se determinam e explicam as directrizes do nosso passado e do nosso possível futuro; pelo seu estudo se deve construir uma interpretação da história de Portugal.

Ao expor esta teoria, mostra Castro Osório a consequente falsidade da historiografia que, na linha de Herculano, aceitou a tese do romantismo o qual, voltado para o passado histórico, sobrevalorizou o medievalismo. Segundo Castro Osório, a Idade Média foi apenas um «longo período da lenta diferenciação» da alma nacional; esta só com a Idade Moderna assume plena afirmação e em tal modo age. Serão sinais desta plenitude a superioridade atingida pela literatura neste período, culminante na poesia, no pensamento discursivo e, sobretudo, na épica.

Mas numa doutrina romântica em que o passado não apareça como histórico mas como mítico, o medievalismo adquire primacialidade no estudo da nossa história. Também para isso contribui a visão do aspecto religioso como motivador da acção social (o que não implica que o historiador professe essa mesma doutrina religiosa) pois, com ela, a história de Portugal não pode deixar de aparecer determinada pelos motivos cristãos e, portanto, pelo impulso que recebeu da Idade Média.

Na oposição que define entre a sua tese e a medievalista do século passado, bem deve ter lutado Castro Osório com a falta de uma filosofia da história que determine, em termos próprios e definitivos, as relações entre o pensamento e a acção, entre as instituições e a política, e o condicionalismo epocal do diferenciar e agir da alma nacional.

Certo é que os escritores do século XIX, especialmente os da segunda metade, tiveram a sua filosofia da história ao seguirem o positivismo francês ou inglês, ou seja, a lei dos três estados. Denunciando o anacronismo em que caem esses escritores, procede Castro Osório com razão, pois aquela filosofia da história não é novecentista mas proveniente do racionalismo e do iluminismo do século anterior.

No nosso tempo está a ser feita a revisão das ideias recebidas do século passado. Por isso não é coerente nem justo que a uma interpretação romântica dos descobrimentos se substitua uma interpretação marxista, não exclusiva, mas dominante, nos meios universitários. À luz dos estudos filosóficos contemporâ-

neos, demonstrando a derrocada da construção mecanista e racionalista do pensamento moderno, é de esperar que o medievalismo, postiço e francês nos nossos historiadores do século passado, se clarifique condignamente.

Julgamos que, para isso, é valiosa contribuição a obra já realizada, a realizar e por realizar de João de Castro Osório.

### Estudos sobre Leonardo Coimbra

Leonardo Coimbra, filósofo cujo nome é amplamente conhecido em Portugal e Brasil, marcou pela sua obra um padrão firmado nos mais altos cumes da espiritualidade do mundo de língua portuguesa. Um sopro de inteligência está hoje dissolvendo a nebulosa de hostilidade em que a incompreensão e o despeito da crítica injusta por longos anos escondera esse monumento admirável.

Persistentemente, por segura e verídica validade, a imagem de Leonardo Coimbra se vem clarificando e resplendendo, embora, assim o vindo, apenas se imponha por enquanto aos planos mais altos da nossa cultura: porque destes parte sempre a promoção dos valores nacionais, porque as dificuldades do pensamento do filósofo assim o exigem.

Tal caminho de valorização da obra de Leonardo Coimbra realizou-se mediante demorada campanha na imprensa, muitas vezes na forma ingrata de polémica, e mediante a publicação de livros. Destes, o primeiro a ser publicado foi o intitulado «Leonardo Coimbra — Contribuição para o conhecimento da sua personalidade e seus problemas», da autoria de Sant'Anna Dionísio. Este trabalho, que resultou de uma conferência proferida ainda na emoção da morte recente do Mestre, vibra com um tom sentimental em que por vezes ressoa a voz austera do moralista. Nele procura Sant'Anna Dionísio «querer saber quem era, na sua mais profunda autenticidade, esse *Homem ;* quais as ideias que, na realidade, eram fundamentais na sua maneira de ver as coisas ; quais os motivos mais íntimos e sérios das suas reacções e viragens ; qual, em suma, *a sua verdadeira personalidade*» ; e conclui que «será de certo muito difícil desvendá-lo (ao homem que foi Leonardo Coimbra), nomeadamente para aqueles que ainda vivem sob a recordação demasiado viva das perplexidades suscitadas pela sua convivência». Ao longo das páginas e através de uma colorida expressão, perpassa a visão da personalidade do Mestre, inquirida no aspecto humano em que radicam as preocupações espirituais do filósofo e nas condições humorais e temporais em que se explicam as atitudes perturbantes de uma existência que a morte surpreendeu no momento de conversão ao cristianismo. Se, na preocupação de apenas «contribuir para o conhecimento da sua personalidade e seus problemas», Sant'Anna Dionísio não estudou a expressão pública — livros, artigos e discursos — do pensamento do filósofo, de esperar é que, à luz dos seguintes estudos dela, defina ou actualize as suas opiniões.

Ao contrário de Sant'Anna Dionísio que, como vimos, não chega a conclusões rigorosas e definidas, Álvaro Ribeiro, espírito mais dogmático, não hesita em afirmações concludentes quanto à obra e personalidade de Leonardo Coimbra. No seu livro, publicado em 1940, décimo aniversário do falecimento do Mestre, sob o título «Leonardo Coimbra — Apontamentos de biografia e de bibliografia», define as características da obra e da personalidade, relações delas com os diversos ramos de actividade — cultura, política, pedagógica, filosófica — que abrangem. Determina o tipo de pensamento próprio, de índole religiosa, intuicionista, mística e cristã, e pressupõe o lugar que lhe corresponde num conceito de filosofia de verídico carácter especulativo. Apresenta Leonardo Coimbra como um pensador multímodo, de um tão alto valor espiritual que implica o excelente aperfeiçoamento ético da personalidade e a mais profunda e completa visão dos problemas que estudou.

Agora — e este é o motivo desta nota — publicou José Marinho uma obra que já coloca o pensamento de Leonardo Coimbra nas vastas proporções que possui. Intitulado «O Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra», de tal maneira é sério, profundo e completo que assume notabilidade no mais largo domínio da actividade filosófica. Abstraindo da personalidade do Mestre, só ao estudo do seu pensamento filosófico se aplica. Divide-se em três partes. Trata na primeira, «Fundamentação e Preliminares», o condicionalismo de preconceitos e prejuízos em que se encontra a actualidade cultural portuguesa e a que tem sido sujeito o pensamento do Mestre, referindo ainda os destes precursores Antero e Bruno. Ex-

põe na segunda, «Exposição da obra», o pensamento do filósofo, mostrando a sua continuidade em permanentes directrizes. Na terceira parte, «Interpretação do pensamento», mostra como o conceito que da filosofia Leonardo Coimbra tinha, inclui uma sobrevalorização do saber científico e, sobretudo, da experiência religiosa; como a exigência de racionalização é máxima e não total, assim considerando na realidade o amplo lugar do irracional; como o primacial problema da filosofia não é o que a razão põe com o saber ou a verdade mas o que a vida põe com o ser, relação deste com o universo e seu possibilitante absoluto; como o mal, mais do que consequência e preço da liberdade, assinala a queda, e como o bem revela, em sua plenitude que é plenitude divina, a necessidade da graça; e de tudo quanto mostra conclui José Marinho da pressuposta, constante, presente e concludente ideia da Divindade em todo o pensamento de Leonardo Coimbra.

Livro que é também uma exposição do pensamento pessoal do autor, tem ele capítulos de comentador ou escoliasta, na nobre acepção terminológica medieval, e não de um divulgador, no sentido moderno da palavra, o que seria impossível entre nós como o não é, por exemplo, em França, onde puderam ser escritos livros de divulgação do bergsonismo que estabeleceram a correspondência entre o público culto e a obra do filósofo da intuição. Mas é que, em França, o público culto é constituído por pessoas que no liceu receberam uma preparação filosófica superior talvez à que, em Portugal, é dada nas Faculdades de Letras. Não podíamos, pois, esperar que, em relação a Leonardo Coimbra, José Marinho fizesse o que, em relação a Henrique Bergson, fizeram um Eduardo Le Roy ou um Wlademiro Jankelevitch.

Assim, o fim que José Marinho se propôs não é trabalho fácil e, para mais, encontra-se dificultado pelas actuais condições de conhecimento da obra de Leonardo Coimbra. Falta-nos uma edição completa das suas obras, e estas não são apenas as reunidas em volumes publicados. São também todos os artigos que escreveu e discursos que proferiu. Se, para um Henrique Bergson, o que importa são quatro ou cinco livros publicados, não carecendo o estudioso de recorrer aos escritos de ocasião e aos cursos inéditos do Collège de France, já para o estudo de Leonardo Coimbra o essencial está na ordem inversa: primeiro os discursos, depois os artigos e, por fim, os livros.

Deste modo, o completo estudo de Leonardo Coimbra é obra para uma geração — estudo completo esse em que o livro de José Marinho será padrão referenciador e indispensável.

ORLANDO VITORINO

## Colaboração

No próximo número publicaremos, além do anunciado argumento de bailado folclórico caboverdeano: *Terra de Sôdade,* de Jaime de Figueiredo, os poemas de Raul Bopp: *Princípio, Serapião* e *Sabará,* todos três do livro em preparo: *Brasil, choca o teu ovo; Itinerário de Pasárgada,* cinco poemas do caboverdeano Osvaldo Ancântara; *Navio Fantasma,* poema de Isabel de Castro; *Um conto da Planície,* de Maria da Graça Azambuja; *Pouco menos, ou pouco mais que uma mulher,* narrativa de Carlos Parreira; *Aboios de vaqueiro paraibano,* estudo de Ademar Vidal; *O Português do Brasil e as Línguas Africanas,* artigo de Luís Silveira; *Relance sobre a Música no Século XIX português, com ocasionais referências à Música em «Os Maias» de Eça de Queiroz,* por José Blanc de Portugal; *Alguns preconceitos românticos contrários à Cultura Lusíada,* ensaio de João de Castro Osório; *Filosofia e Religião na Teoria da História,* ensaio de Álvaro Ribeiro; *Família e Natureza,* ensaio de Luís Ribeiro Soares; *A Filosofia no Brasil,* artigo de Orlando Vitorino; *A perigosa viagem do Padre Godinho,* estudo do professor Jacinto do Prado Coelho; duas notas de Carlos Queiroz, uma sobre dois grandes poetas mortos: Alberto Osório de Castro e Afonso Lopes Vieira, a outra sobre o grande livro de Cecília Meirelles: *Mar Absoluto;* reproduções, em extra-textos, de obras dos pintores brasileiros Djanira, José Moraes e Santa Rosa.

ESTE SEGUNDO NÚMERO (NOVA SÉRIE)
DA REVISTA LUSO-BRASILEIRA

ATLÂNTICO

ACABOU DE SE IMPRIMIR NO DIA
DEZASSETE DE SETEMBRO DE MIL
NOVECENTOS E QUARENTA E SEIS,
NA OFICINA GRÁFICA, LIMITADA, SITA
NA RUA DA OLIVEIRA DO CARMO,
NÚMERO OITO, NA CIDADE DE LISBOA